

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

JONE NUNES

O DISCURSO DO PODER-SABER EM MICHEL FOUCAULT:
REFLEXÃO SOBRE A SEXUALIDADE NA IGREJA CRISTÃ
E ACONSELHAMENTO PASTORAL

São Leopoldo

2014

JONE NUNES

O DISCURSO DO PODER-SABER EM MICHEL FOUCAULT:
REFLEXÃO SOBRE A SEXUALIDADE NA IGREJA CRISTÃ
E ACONSELHAMENTO PASTORAL

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Área de concentração: Religião e
Educação

Orientador: Vítor Westhelle

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N972d Nunes, Jone

O discurso do poder-saber em Michel Foucault: reflexão sobre a sexualidade na Igreja Cristã e aconselhamento pastoral / Jone Nunes ; orientador Vítor Westhelle. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014. 163 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Sexo – Aspectos religiosos – Cristianismo. 2. Poder (ciências sociais). 3. Foucault, Michel, 1926-1984. 4. Papel sexual. I. Westhelle, Vítor. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

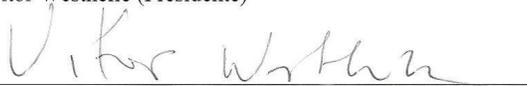
JONE NUNES

**O DISCURSO DO PODER-SABER EM MICHEL FOUCAULT: REFLEXÃO SOBRE
SEXUALIDADE NA IGREJA CRISTÃ E SUA EDUCAÇÃO RELIGIOSA**

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre/a em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Teologia e Educação

Data de Aprovação: 14 de agosto de 2014

Prof. Dr. Vitor Westhelle (Presidente)



Prof. Dr. Remí Klein (EST)



Prof.^a Dr.^a Maura Corcini Lopes (Unisinos)



AGRADECIMENTOS

A Deus, que me capacitou para os grandes desafios da minha vida; a minha esposa Silvia pela paciência e sugestões para a realização deste trabalho; a Eliete incansável ajudadora na formatação e informatização e aos meus filhos Ézer, Éber e Ilana grandes amigos que sempre me apoiaram.

Aos meus mestres um tributo: Dra. Gisela Streck, Dra. Laude Brandenburg, Dr. Remí Klein, Dr. Rudolf von Sinner, Dr. Wilhelm Wachholz e ao Dr. Vitor Westhelle meu orientador.

RESUMO

Esta dissertação analisa o discurso nas relações entre poder-saber na sexualidade presentes nas instituições religiosas, especialmente em Igrejas cristãs, tendo como referência teórica a obra do filósofo francês Michel Foucault. Compreender o discurso religioso sobre sexualidade a partir de Foucault é admitir que o discurso religioso é objeto de poder, presente tanto na historicidade sobre os dispositivos de poder que age sobre o corpo-sexo de cada indivíduo-humano, como na existência de prazer, seu modo de vida particular, único, singular. Examina-se, também, o modo como a sexualidade foi usada como dispositivo de poder no decorrer da história e como ela se corporifica na atualidade. Percebem-se poucas mudanças, desde a implantação do protestantismo no Brasil, graças à força com que o poder e o saber se estabeleceram no discurso elaborado pelas lideranças religiosas, que se baseavam em uma interpretação distorcida das Sagradas Escrituras. A cultura de cada grupo deve ser analisada como referência para se obter uma melhor compreensão dos atos e comportamentos de determinado grupo social e não a tomar como modelo. No que se refere à sexualidade, é necessário entender por que ela é o objeto que mais incomoda as instituições religiosas e é usada como algo que “prende” o indivíduo ao pecado. Onde ficam os conceitos de pecado? Como entendê-los, quando se percebe que, nas entrelinhas, muitas igrejas cristãs, ao “preservar a vida”, proíbem a vida, subestimando a sexualidade? Não existe uma razão ou uma “verdade” que possa ser usada para estabelecer uma relação autêntica. A tradição ou a sujeição não são mais que situações de fato. O que perdura é que a Igreja é composta de sujeitos, ‘indivíduos-assujeitados’.

Palavras-chave: Foucault. Igreja. Poder. Saber. Sexualidade.

ABSTRACT

This thesis analyzes the discourse in the relations between power-knowledge in sexuality present in the religious institutions, especially in Christian churches, having as a theoretical reference the work of the French philosopher Michel Foucault. Understanding the religious discourse about sexuality based on Foucault is to admit that the religious discourse is an object of power present in the historicity of the power devices which act on the body-sex of each individual-human, as well as in the existence of pleasure, its unique, singular, particular way of life. One will also examine the way in which sexuality was used as a power device throughout history and how it is embodied in current times. One perceives few changes since the implantation of Protestantism in Brazil, due to the strength with which the power and the knowledge were established within the discourse elaborated by the religious leaderships, which based themselves on a distorted interpretation of the Holy Scriptures. The culture of each group needs to be analyzed as a reference to obtain a better comprehension of the acts and behaviors of a certain social group and not take it as a model. With regard to sexuality, one needs to understand why it is the object which most perturbs the religious institutions and is used as something to “bind” the individual to sin. Where are the concepts of sin? How can one understand them, when one perceives that, in between lines, many Christian churches, when “preserving life”, prohibit life, underestimating sexuality? There is not just one reason or one “truth” which can be used to establish an authentic relation. The tradition or subjection is nothing more than fact situations. What persists is that the church is made up of subjects, ‘subject-individuals’.

Keywords: Foucault. Church. Power. Knowledge. Sexuality.

“É melhor arriscar-se a provocar um escândalo do que calar a verdade.”

São Gregório, o Grande

“Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos – e não sem motivo. Nunca nos procuramos: como poderia acontecer que um dia nos encontrássemos? Com razão alguém disse: “onde estiver teu tesouro, estará também teu coração”. Nosso tesouro está onde estão as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre a caminho delas, sendo por natureza criaturas aladas e coletoras do mel do espírito, tendo no coração apenas um propósito – levar algo “para casa”. Quanto ao mais da vida, as chamadas “vivências”, qual de nós pode levá-las a sério? Ou ter tempo para elas? Nas experiências presentes, receio, estamos sempre “ausentes”: nelas não temos nosso coração – para elas não temos ouvidos. Antes, como alguém divinamente disperso e imerso em si, a quem os sinos acabam de estrondear no ouvido as doze batidas do meio-dia, e súbito acorda e se pergunta “o que foi que soou?”, também nós por vezes abrimos depois os ouvidos e perguntamos, surpresos e perplexos inteiramente, “o que foi que vivemos?”, e também “quem somos realmente?”, e em seguida contamos, depois, como disse, as doze vibrantes batidas da nossa vivência, da nossa vida, nosso ser – ah! e contamos errado... Pois continuamos necessariamente estranhos a nós mesmos, não nos compreendemos, temos que nos mal-entender, a nós se aplicará para sempre a frase: “Cada qual é o mais distante de si mesmo” – para nós mesmos somos “homens do desconhecimento”...

Friedrich Nietzsche

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PODER E DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT.....	23
1.1 A noção de poder em Foucault.....	23
1.2 Poder e a ciência jurídica.....	30
1.3 Sexualidade, subjetividade e o cuidado de si	37
1.4 Poder como determinante na sexualidade.....	40
2 SEXUALIDADE.....	55
2.1 Sexualidade e os papéis sexuais.....	55
2.2 Pensamento clássico e a prática sexual	60
2.3 Repressão da sexualidade pelas instituições religiosas	71
2.4 Sexualidade e desejo sexual, segundo a Igreja Cristã	81
3 A IGREJA COMO APARELHO IDEOLÓGICO	93
3.1 A produção de discurso na religião.....	93
3.2 A Igreja Cristã e o discurso religioso.....	97
3.3 Discurso religioso, alienação e identidade.....	102
3.4 Compromisso ético da igreja cristã e as ações dos seus indivíduos	108
3.4.1 <i>Ética e as respostas da Igreja Cristã para as questões sexuais</i>	111
3.4.2 <i>O amor, na perspectiva greco-cristã</i>	115
3.5 A problematização filosófica	122
3.5.1 <i>O Humanismo versus Existencialismo: o valor humano</i>	132
4 A IGREJA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO E A CONTRAMÃO DA TERAPIA.....	137
CONCLUSÃO	151
REFERÊNCIAS.....	159

INTRODUÇÃO

Esta dissertação¹ é resultado de pesquisa sobre as relações entre poder, saber e a sexualidade, na perspectiva foucaultiana, baseada nas estruturas de poder que circundam a sexualidade no contexto histórico. Portanto, é necessária a compreensão do processo de subjetivação e da relação com os regimes de verdade existentes e que são supostamente ensinados pela instituição religiosa chamada Igreja Cristã², que pune seus membros, exigindo-lhes mais moralismo e menos consciência ética e responsabilidade com o outro.

Esta investigação faz uma análise crítica sobre as relações do sujeito com a verdade e como ele é constituído a partir de determinadas “verdades”: ou seja, quais as estratégias de saber-poder colocadas em evidência a partir de uma “verdade”.

E por que compreender o discurso religioso sobre sexualidade a partir de Foucault? Foucault foca-se na historicidade sobre os dispositivos de poder que agem sobre o corpo-sexo, o dito instalado como forma de censurar, proibir, o que é existencial de cada indivíduo-humano, sua existência de prazer, que é sua essência.

Embora a instituição religiosa esteja cheia de problemas humanos complexos, a Igreja Cristã ocidental continua sendo um lugar também terapêutico, onde as pessoas encontram refúgio, cura, afeto, valores éticos e morais sustentados pela base do evangelho-cristão e também mantêm a esperança viva do bem estar coletivo. Pessoas são transformadas pelo poder do Evangelho – poder de Deus -, mesmo com toda a confusão dentro dela e com pessoas que se consideram pecadoras.

Este trabalho acadêmico não tem fins apologéticos. Não defende o livre arbítrio do liberalismo exacerbado em favor do sexo nos seus vários estilos ou modos de vida, embora se saiba que o ser humano, onde estiver, se percebe como um ser desejante, que busca a materialização do seu querer. Em seu universo, há também as regras, as leis e as normas que não devem ser ignoradas, seja de ordem

¹ Este trabalho já foi apresentado à Banca Examinadora do Seminário Teológico Batista do Nordeste, em Feira de Santana-Bahia, no Curso de Pós-Graduação do Curso Livre de Mestrado em Teologia. Foram feitas alterações/acréscimos no seu conteúdo para ser apresentado à EST - Escola Superior de Teologia, no curso de Pós-Graduação do Mestrado em Teologia, na área de concentração de Religião e Educação, em São Leopoldo-RS.

² O termo Igreja Cristã, nesta dissertação, refere-se à Igreja Protestante ocidental, incluindo os grupos históricos, pentecostais e neopentecostais.

particular, para aqueles grupos específicos, ou universais, que devem ser observadas para o bem e harmonia dos que dele fazem parte.

Foucault é um pensador crítico, questionador, que nos remete a não fazermos juízo sobre a conduta dos indivíduos se o que pratica é bem ou mal. Sobreviver às vicissitudes da vida numa condição relacional independe do estado do outro. O que é visto como ético para um pode não ser visto para o outro, e este tocar/continuar a sua vida entendendo que haverá de sobreviver sem precisar do comportamento ou prática de vida do outro.

Conduta são valores adquiridos, aprendidos, apreendidos, estilo, modo de vida decidido pelo indivíduo no que diz respeito à sua consciência de liberdade de si, sua ética. Este indivíduo mesmo sendo sujeito-assujeitado não precisa da ética do outro para sobreviver. Ele sobrevive apesar da existência das coisas e sua relação com todas e todas as coisas. Não são as práticas e modo de vida de um indivíduo que farão o outro sobreviver enquanto indivíduo-ser-humano.

A prática do sexo em si não é imoral, não agride a natureza e não é perversão. A ética em torno do sexo são os valores que há no indivíduo como sujeito relacional nos seus diferentes modos de vida para com o outro e não suas práticas para sobreviver.

A cultura de cada grupo deve ser analisada como referência para se obter uma melhor compreensão dos atos e comportamentos de determinado grupo social e não tomá-la como modelo. No que se refere à sexualidade, é necessário entender por que ela é o objeto que mais incomoda as instituições religiosas e é usada como algo que “prende” o indivíduo ao pecado. Onde ficam os conceitos de pecado? Como entendê-los, quando se percebe que, nas entrelinhas, muitas igrejas cristãs, ao “preservar a vida”, proíbem a vida, subestimando a sexualidade?

O processo metodológico para discutir tais perguntas e suas possíveis respostas está baseado, fundamentalmente, numa pesquisa histórica bibliográfica, desenvolvida através de leituras de obras e da literatura sobre o tema. O material principal de análise, porém, são as obras do filósofo Michel Foucault³, a partir de

³ Dentre as obras de Foucault, as que norteiam esta pesquisa são: *História da sexualidade 1, 2, 3*, com subtítulos sequenciais: *Vontade de saber, O uso dos prazeres, O cuidado de si, Ditos e escritos, Hermenêutica do sujeito, A Ordem do Discurso, Microfísica do Poder, Problematização*

uma investigação teológica pastoral à qual a sexualidade está associada. Isto porque ele investiga como a experiência da sexualidade é influenciada por um sistema de regras e coação.

Foucault afirma, também, que, através da atuação das relações de poder com mecanismos estratégicos e funcionais, foi possível fazer do indivíduo um instrumento de fácil controle. Primeiramente, o dispositivo da sexualidade surgiu como um aparelho (dispositivo) histórico de poder, atuando, sobretudo, nos corpos humanos. Ele age nas “relações de poder” como um mecanismo estratégico de dominação sob a sexualidade, a ponto de, através do controle e da vigilância do sexo, ser possível constituir um indivíduo que é regulado em suas atividades.

A pergunta central desta pesquisa é questionar por que o comportamento sexual e tudo o que está relacionado a ele é objeto de uma preocupação moral. O cuidado ético se torna mais importante que a atenção moral que se presta a outros campos essenciais à vida, tanto individual quanto coletiva, como exemplo, condutas alimentares e deveres cívicos.

Daí Foucault nos convidar a refletir sobre as seguintes perguntas: “[...] por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético tão insistente, apesar de variável em suas formas e sua intensidade? Por que essa problematização?”⁴ Ele direciona estas perguntas a todas as instituições, inclusive à Igreja Cristã, sem ignorar os princípios éticos e morais que existem dentro dela, desde a sua fundação. Ignorar seus princípios básicos é também ignorar a sua história com seus princípios éticos e morais. Então, como historicamente a Igreja Cristã foi afetada, mas não destruída, anulada, mesmo com as ideologias ou correntes filosóficas abordadas neste trabalho?

A problemática que envolve a sexualidade é, principalmente, no que se refere às suas práticas. Da Antiguidade ao Cristianismo passou-se de uma moral que era em sua essência uma busca de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras.

do Sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, Vigiar e Punir e Segurança, Território, População, e Em Defesa da Sociedade. Outras obras serão de extrema importância nesta pesquisa.

⁴ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres.* Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Giulhon Albuquerque, 9 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 14.

Para os gregos, o ato sexual era dotado de significações positivas. Com o surgimento da Igreja Católica, no período medieval, os cristãos o associaram ao mal, ao pecado, à queda, à morte. A partir desse contexto, a abstenção, a austeridade, o respeito e a interdição são colocados de maneira tal, a ponto de o indivíduo sujeitar-se ao preceito cristão em torno do sexo. Em que momento na História a sexualidade é objeto proibido? Por que homem tem que ser homem e mulher tem que ser mulher? Biológica e fisiologicamente, as funções são refletidas nas suas ações, cujo papel é de natural homogeneidade. Ou seja, é o que é e não o que tem que ser. É, portanto, a nosso ver, a absolutização de uma verdade: o discurso do poder nas relações. É uma técnica de si para o outro.

Teologicamente, na Antiguidade, o sexo é elemento procriador e preservador da vida – espécie humana. Considerando o homem aquele que evoluiu no tempo e no espaço à sua forma de pensar criativa, reorganizando a matéria, surgem as novidades em torno da sexualidade, inclusive o elemento dominador, e também as normas proibitivas para o sujeito responsável pela continuidade da vida. O sexo é visto como pecado e imoral. Deixa de ser “coisa” boa e passa a ser visto como “coisa” má.

Diante do contexto histórico atual no qual a sexualidade se encontra inserida, é pertinente pensar na Igreja como elemento de “dominação”, um aparelho ideológico que tem exercido mais a função de proibir do que compreender no sujeito suas necessidades frente à sexualidade, quando sua posição deveria ser de abertura para cada contexto, fazer novos diagnósticos diante das realidades e mostrar novas saídas, ou seja, sair do dogmatismo e mudar o discurso repetitivo.

Não existe uma razão ou uma “verdade” que possa ser usada para estabelecer uma relação autêntica. A tradição ou a sujeição não são mais que situações de fato. O que perdura é que a Igreja é composta de sujeitos, ‘indivíduos-assujeitados’.

Nenhum conceito existe senão pelo processo histórico concebido pelo próprio ser humano que faz e participa da história. Foucault denomina de “as técnicas de dominação”, que são métodos estabelecidos para se caminhar em direção a **A** e não em direção a si mesmo para si mesmo, sem condenação. Em direção a **A** é para dominação. Em direção a si mesmo é para dar significado ao indivíduo consciente de si e livre para si.

Em Foucault é constatada a possibilidade de a ordem discursiva ser vista como regime de verdade. A religião como produto cultural é vista na história como aquela que também produz no discurso saber e poder sobre o corpo do sujeito. Ele diz que:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada, temível materialidade.⁵

O discurso sobre a repressão moderna do sexo se autosustenta porque é fácil de ser dominado e é protegida política e historicamente. Desde a época clássica, é fundamental a ligação entre saber-poder-sexualidade. Neste sentido, podemos perguntar: Por que para os ocidentais o sexo foi associado ao pecado? Por que nós mesmos nos culpamos por ter outrora feito dele pecado? Quais discursos e caminhos acabaram nos deixando em “falta” a respeito da nossa sexualidade? Parece que surge certo deslocamento – que, mesmo pretendendo nos liberar da natureza pecaminosa do sexo, somos atormentados com grande pecado histórico (discurso punitivo). É neste viés que o nosso trabalho propõe algumas respostas à questão em debate.

Foucault mostra-nos a complexidade que existe em torno do sexo pelo fato de ser também um elemento reprimido, criado a partir de interesses de poder controlador. Mas qual o interesse de se reprimir o sexo? Não seria porventura intencional querer reprimir o todo a partir das partes? Todas as tentativas de aprisionar o homem e controlá-lo têm que começar pela parte mais fraca: a sexualidade. Esta é comparada como um conto mitológico, tal qual o “calcanhar de Aquiles”: uma vez descoberto por acaso onde residia sua fraqueza, este é derrotado.

O sexo é patrimônio da humanidade. Nele, residem a preservação e a continuidade da vida. Por que então controlá-lo? É verdadeira a violação dos valores. O que vemos é a imoralidade exacerbada acompanhada de perversão, pedofilia, violência acompanhada de crime. São crianças agredidas sexualmente, violentadas e mortas por conta do desejo puramente animalesco. Não há, neste

⁵ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 8-9.

particular, o reconhecimento da existência de valores éticos. É uma agressão a si mesmo e ao outro. Foucault diz em primeiro momento:

Ora, em relação ao que chamaria "hipótese repressiva", podem ser levantadas três dúvidas consideráveis. Primeira dúvida: a repressão do sexo seria, mesmo, uma evidência histórica? O que se revela numa primeiríssima abordagem – e que autoriza, por conseguinte, a colocar uma hipótese inicial – seria realmente a acentuação ou talvez a instauração, desde o século XVII, de um regime de repressão ao sexo? Questão que é propriamente histórica. [...] ⁶

Num segundo momento Foucault levanta questões tais como:

[...] Segunda dúvida: a mecânica do poder é, em particular, a que é posta em jogo numa sociedade como a nossa, seria mesmo, essencialmente, de ordem repressiva? Interdição, censura e negação são mesmo as formas pelas quais o poder se exerce de maneira geral, talvez em qualquer sociedade e, infalivelmente, na nossa? Questão histórico-teórica. [...] ⁷

No terceiro momento ele argumenta problematizando com uma terceira dúvida:

[...] Enfim, terceira dúvida: o discurso crítico que se dirige à repressão viria cruzar com um mecanismo de poder, que funcionara até então sem contestação, para barrar-lhe e via, ou faria parte da mesma rede histórica daquilo que denuncia (e sem dúvida disfarça) chamando-o "repressão"? Existiria mesmo uma ruptura histórica entre a Idade da repressão e a análise crítica da repressão? Questão histórico-política. [...] ⁸

Por fim, Foucault reflete sobre os questionamentos que faz sobre as dúvidas e responde dizendo que:

Introduzindo essas três dúvidas não se trata somente de estabelecer contra-hipóteses, simétricas e inversas às primeiras; não se trata de dizer: a sexualidade, longe de ter sido reprimida nas sociedades capitalistas e burguesas, se beneficiou, ao contrário, de um regime de liberdade constante; não se trata de dizer: o poder em sociedades como as nossas, é mais tolerante do que repressivo e a crítica que se faz da repressão pode, muito bem, assumir ares de ruptura, mas faz parte de um processo muito mais antigo do que ela e, segundo o sentido em que se leia esse processo, aparecerá como um novo episódio na atenuação das interdições ou como forma mais artilosa ou mais discreta de poder. ⁹

⁶ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 15-16.

⁷ FOUCAULT, 1988, p. 15-16.

⁸ FOUCAULT, 1988, p. 15-16.

⁹ FOUCAULT, 1988, p. 15-16.

Todas as formas de poder que controlam os desejos alheios são interdições evidentemente discursivas, nas quais o sujeito maquina os seus direitos na mente, só direitos pensados e não direitos executáveis. Só cumprir deveres. Deste modo, o sujeito reprime-se inconscientemente, por uma força invisível do saber-poder e do poder-saber, abafando e negando a vontade de sentir prazer. Tudo isso acontece através de uma “incitação” ao discurso como objetivo de controlar o prazer cujo efeito é a recusa e o bloqueio social.

Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano – tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação mas, também, de incitação, de intensificação. (?)¹⁰ [...].¹¹

Este trabalho é composto de quatro capítulos. No primeiro, são feitas considerações sobre o poder na ótica de Foucault, fazendo uma análise como o poder age na sexualidade, como um aparelho (dispositivo) histórico que atua, sobretudo, nos corpos humanos. Percebe-se, com maior precisão, a atuação das “relações de poder” como um mecanismo estratégico de dominação e como elas atuam através da sexualidade. Com o controle e da vigilância do sexo, é possível constituir-se um indivíduo que é regulado em suas atividades sexuais.

No segundo capítulo, “A sexualidade”, é apresentada, a partir do pensamento do filósofo Michel Foucault, como historicamente a experiência sexual acontece no pensamento clássico, os papéis, a repressão e o desejo vistos pela Igreja Cristã, para, a partir daí, articularmos como e em que medida um sujeito é chamado a se constituir como sujeito ético e moral.

No terceiro capítulo, com o título “A Igreja como aparelho ideológico”, o foco é, precisamente, questionar como o discurso religioso se faz obedecer e como acontece essa produção de discurso. Dá-se ênfase, também, à Igreja Cristã como elemento de alienação sob os indivíduos, membros da Igreja, que se sujeitam a todo tipo de comando sem reflexão, sem refletir criticamente. Alienam-se em nome do “poder”, cuja figura leva o nome de “deus”.

No quarto e último capítulo, denominado “A Igreja como instrumento terapêutico e a contramão da terapia”, é apresentada uma proposta de debate,

¹⁰ A interrogação é nossa.

¹¹ FOUCAULT, 1988, p. 16-17.

considerando o elemento terapêutico, com possibilidades de agir como elemento produtor de discurso voltado para o sujeito, fazendo modificações sob determinadas atitudes. É possível uma estratégia adequada que venha a acalantar os sujeitos esperançosos de aceitação por parte dessa instituição que, através do seu discurso de saber-poder, os executa por julgamento e condenação. Algumas questões éticas se fazem necessárias para compreender o compromisso ético da Igreja Cristã frente aos valores que norteiam a conduta dos indivíduos na atualidade.

1 PODER E DISCURSO EM MICHEL FOUCAULT

1.1 A noção de poder em Foucault

É imprescindível compreender a noção de poder no pensamento de Michel Foucault, para discernir como a sexualidade é reprimida nas instituições religiosas, visto que, segundo ele, a sexualidade é objeto de poder. Foucault é um dos autores que mais se aprofundaram em pesquisas sobre as relações de poder, mesmo afirmando que não existe uma teorização generalizada sobre poder, ele não é universal nem mesmo singular-ímpar chamado “poder”, mas movimento contínuo – múltiplos processos -. É uma prática social constituída historicamente: um “jogo de relações”. Afirma Foucault:

O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.¹²

Toda sociedade é formada de múltiplas estratégias com ações que abrangem todas as suas camadas. “O poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada”.¹³ Este controle é um mecanismo que se articula dentro de um sistema disciplinar, que é introjetado nos sujeitos através dos discursos que tornam estes mesmos sujeitos assujeitados às consequências das manobras de poder, ou seja, são os sujeitos alienados, que acreditam em supostas verdades como absolutas, com medo do pensar reflexivo-crítico e conformados com os sistemas dentro das instituições de poder: Escola, Estado, Igrejas.

Ora, como nós, seres humanos, fazemos história e participamos dela, é justo que, por interesses institucionalizados, a prática do poder se estabeleça como medida de controle para todas as camadas sociais, independentemente de seu *status quo*. Westhelle adverte: “[...] o que é de interesse é saber o que fez com que

¹² FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. e Org. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979. p. XIV.

¹³ FOUCAULT, 1988, p. 89.

uma prática específica tenha se tornado a forma hegemônica de saber e de poder”.¹⁴ Ou seja, existem e sempre existiram os que dominam e controlam com poder-saber e os que são dominados e controlados por eles sem poder-saber para a libertação. O poder-saber oculta-se por trás das ideologias. Somente se reconhece que suas ações-vontades são executadas por discursos de poder.

Uma das questões mais intrigantes neste raciocínio é a forma como a Igreja Cristã materializa seu poder, dando corpo e significado aos indivíduos que dela fazem parte. “Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico.”¹⁵

A Igreja ergue o seu dispositivo/aparelho de poder e no discurso consegue adentrar no cotidiano dos indivíduos, fazendo interferências, influências e julgamentos, para depois condenar e excluir, exigindo que sejam observadas as regras, leis e normas (chamam de conduta).

O poder-saber a todos caça e realiza controle detalhado e sutilmente fotografa os gestos, vontade, desejos, hábitos, gostos, atitudes, comportamento, a fala, o sexo, o movimento do corpo. Tudo isso controlado pela lei proibitiva, a fim de manter o poder-saber sobre o indivíduo. Para a Igreja Cristã “[...] nem tudo convém [...]”.¹⁶ O poder-saber determina o que fazer e assim potencializa a sua dita verdade. De acordo com Westhelle,

O argumento é de que tanto a teologia quanto a ciência organizam-se em instituições que promovem a disseminação e o controle do saber e do poder. De fato, sabemos muito bem o custo da dissidência. Neste caso, a principal razão para a teologia não ser arrolada entre os saberes insurgentes, por gente como Giddens ou Foucault, é que a teologia, ao contrário dos saberes produzidos por experiências seqüestradas, ainda funciona institucionalmente, quer dizer, eclesiologicamente.¹⁷

Este poder disciplinar pode ser considerado um instrumento de análise que tem a capacidade de explicar a produção de saberes e está intimamente ligado às Ciências Humanas: a Medicina, a Psicologia, a Psiquiatria e a Psicanálise. Como o ministro evangélico lida com seres humanos e precisa conhecer as Ciências

¹⁴ WESTHELLE, Vítor. Outros saberes. Teologia e ciência na modernidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 35, n.1, p. 258-278, 1995. p. 262.

¹⁵ FOUCAULT, 1988, p. 29.

¹⁶ 1Co. 6:12.

¹⁷ WESTHELLE, 1995, p. 270.

Humanas, ele atua como conselheiro pastoral, ocupando um lugar especial e privilegiado. Profissionais como médicos e cientistas, que defendem o saber em áreas específicas, são representantes de grupos moralistas da sociedade. O interessante é que a Medicina e a Psiquiatria surgem da observação de pessoas internadas, nos meados do século XVII, quando as práticas clínicas eram marcadas pelas técnicas de confissão.

Outro ponto interessante é que se confiou sempre que as Ciências Humanas, fossem instrumentos de contestação política e a serviço de lutas sociais, sempre foram instrumentos, também, de poderes hegemônicos, à medida que usam os conhecimentos científicos para controle dos indivíduos. De acordo com Bergesch,

Com o fim de conhecer e classificar as sexualidades, a medicina desenvolveu seu próprio discurso ao longo do século XIX. Seu foco principal dirigia-se às doenças, não apenas sexuais, mas unidas a estas; a medicina assegurava o vigor físico, a pureza moral social, prometia eliminar os degenerados e tarados. Assim, o discurso médico inscreveu o sexo em dois discursos bem distintos: a) uma biologia da reprodução desenvolvida continuamente segundo uma normatividade científica geral; b) uma medicina do sexo obediente a regras de origens inteiramente diversas.¹⁸

Deve-se analisar os “jogos de verdade”¹⁹, para que seja feita uma análise crítica e ao mesmo tempo criativa, apontando as relações fundamentais que norteiam as formas tanto de saber quanto de poder. É a partir de um sistema de comunicação que surgem os saberes, que são, de qualquer maneira em si mesmo, uma forma de poder que está ligado na sua forma e funcionamento às outras formas de poder. Sendo assim, o que perpetua e legitima as interrelações de saberes é o poder extraído de um saber. O poder, para Foucault, deve ser pensado em termos de estratégias, dispositivos (aparelhos) e técnicas muito sutis e eficazes atuando sobre o indivíduo e a sociedade.

O poder funciona. O poder se exerce em rede e, nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou

¹⁸ BERGESCH, Karen. Violência contra a mulher: uma perspectiva foucaultiana. In: STRÖHER, Marga J. (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 200.

¹⁹ FOUCAULT, 1984, p. 12 e 13.

consentidor do poder, são sempre seus intermediários. Em outras palavras, o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles.²⁰

Foucault defende a ideia de que existe um poder disciplinar que atua entre as relações com a intenção de alcançar o corpo de cada indivíduo que é a sua realidade definida e objetiva. Assim, através desse controle consegue-se obter detalhes do comportamento para em seguida dominá-lo. Isto resulta em ações planejadas para atingir o todo de uma sociedade. Deste modo, configura-se a construção da individualidade do sujeito.

Apesar do espaço limitado no qual os mecanismos da disciplina agem, o seu funcionamento acontece de maneira completa e sem demarcar fronteiras. Portanto, a disciplina “produz” sujeitos, pois ela é um instrumento de representação, um dispositivo/aparelho direto de um poder que tem artifícios próprios para produzir estes sujeitos como objetos executáveis.²¹ Atua diretamente no corpo do sujeito, que é objeto de fácil dominação. O seu principal objetivo é falsificar um corpo dito “dócil”²² que seja de serventia política e econômica, para os interesses da(s) sociedade(s) capitalista(s). “A disciplina concentra, centra, encerra.”²³ A individualidade também é produzida pelo poder:

E antes mesmo da constituição das ciências humanas, no século XIX, a organização das paróquias, a institucionalização do exame de consciência e da direção espiritual e a reorganização do sacramento da confissão, desde o século XVI, apareceram como importantes dispositivos de individualização.²⁴

O corpo como alvo para o uso das técnicas disciplinares sofre controle, enquanto suas forças são adestradas, o que o torna objeto de investimento sem determinar seu fim, ou seja, sofreu o controle, sofre e continuará sofrendo. É, portanto, um padrão ficar numa condição ‘aorística’²⁵. Portanto, todo aquele ou

²⁰ FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 35.

²¹ RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução Vera Pita Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 173.

²² FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 118.

²³ FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: Trad. Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Fontes, 2008. p. 58-59.

²⁴ FOUCAULT, 1979, p. XIX-XX.

²⁵ “Aoristo” na língua grega é uma conjugação que indica uma ação no passado e que quando se fala não determina sua total realização. Para o autor deste trabalho esta expressão aqui indica uma ação de controle que começa e não se sabe quando chegará seu fim.

aquela que se colocar do lado do pensamento contrário, indo de encontro às regras de controle e dominação, quebrando os paradigmas de condutas morais de tal instituição, sofrerá desafeto, discriminação, censura, julgamento, condenação e punição. Sofrerá as consequências do que é ser livre, parecendo nunca ter fim essa ação sobre o sujeito. Infelizmente.

As técnicas reguladoras-normalizadoras do poder pastoral, praticadas pela Igreja Católica, entre outras, por exemplo, têm o objetivo de controlar os comportamentos e os adequar a normas de condutas e a padrões morais, direcionados às famílias e grupos homoafetivos, mantendo e ampliando, assim, o seu controle.

Na realidade, o que faz que um corpo, gestos, discursos, desejos sejam identificados e constituídos como indivíduos, é precisamente isso um dos efeitos primeiros do poder. Quer dizer, o indivíduo não é o vis-à-vis do poder; é, acho eu, um de seus efeitos primeiros. O indivíduo é um efeito do poder e é, ao mesmo tempo, na mesma medida em que é um efeito seu, seu intermediário: o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu.²⁶

Os poderes funcionam de maneira tal que não são percebidos apenas em um determinado lugar. Eles atuam em forma de aparelhos e mecanismos que envolvem todos os sujeitos e tudo que os cerca. O poder apresenta-se de forma positiva de tal maneira que exige deveres e não direitos de exercer sua liberdade consciente de ser humano dono do seu corpo.

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E “o” poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apóia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las.²⁷

Foucault²⁸ afirma que a intencionalidade do poder é “muito bem” arquitetada ‘minuciosamente’ com objetividade (não é subjetiva) e isso não é opcional, ou seja, o sujeito-indivíduo não tem liberdade para escolher viver sua plena liberdade consciente livre do poder que o controla. Não há um criador específico, nem por grupos, nem por indivíduos ou até mesmo pelos “aparelhos do Estado”, com força controladora decisória e com grande importância econômica. O seu ponto central

²⁶ FOUCAULT, 1999, p. 35.

²⁷ FOUCAULT, 1988, p. 89.

²⁸ FOUCAULT, 1988, p. 90.

são os efeitos que retratam e demonstra pela via de manobras e manifestações a “fabricação” de certas verdades. Daí, as revelações dos seus frutos e efeitos do poder, que são as resistências. “Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar [...]”²⁹ Pelo que parece a resistência tem o seu lugar garantido no interior do poder.

De acordo com Branco:

Foucault considera que noções como as de posse, origem, campo de ação do poder, entre outras, são substituídas pela hipótese de que o poder está disseminado por todas as partes do mundo social, numa trama complexa e heterogênea de relações, na qual as resistências a ele também tomam parte e têm papel determinante. [...] Ele estuda o papel das resistências, em todas as suas dimensões, na trama complexa das relações de poder [...] as resistências ao poder devem ser entendidas como aquelas que visam a defesa da liberdade. [...] o poder não se exerce senão sobre “sujeitos livres”.³⁰

É preciso compreender o movimento das artimanhas nas relações de poder, tendo como pretexto a ideia de que há diversas fontes de poder que penetram em todo o corpo social. O Estado, a prisão-cadeia, o hospital, sanatórios, indústrias, a escola, o exército, os sindicatos, os partidos políticos, as universidades e as denominações religiosas, enfim, todos formam espaços institucionais nos quais as relações de poder se constituem. Ele tem o seu lugar no Estado como zona periférica.³¹

Por outro lado, nenhum “poder” é encontrado numa escavação arqueológica, dito lugar-espaco específico de uma determinada sociedade e sim na sua estrutura social, seja no sujeito individualizado ou grupo. O seu funcionamento é virtualizado através de uma rede de dispositivos/aparelhos a que ninguém é isentado do seu controle, uma vez que o poder existe em práticas discursivas de saberes num nó de relações, e funciona de forma organizada sistematicamente dentro e fora de qualquer estrutura social, seja ela institucionalizada ou não. Ora, se qualquer relação social culmina em si numa possível relação de poder, o sujeito é, portanto,

²⁹ FOUCAULT, 1979, p. XIV.

³⁰ BRANCO, Guilherme Castelo. Foucault em três tempos: a subjetividade na arqueologia do saber. *Mente, Cérebro E Filosofia*, São Paulo, p. 7-13, 2007. p. 10-12.

³¹ FOUCAULT, 1979, p. XII-XVII.

resultado-produto dessas relações. É efeito inevitável, talvez o único efeito permanente de poder: efeito conjunto.

Foucault olha e analisa que não é verdadeiro conceber o poder como modelo de negação, reprimindo, proibindo, interditando ou até mesmo castigando o oprimido que é o sujeito indivíduo assujeitado por disciplina por conta do poder criador do poder, este visto a partir de análises históricas, ou seja, o poder existe criado por si mesmo em todo lugar no tempo e espaço sem data, sem agenda, sem ponto e sem calendário. Ele acontece. Manifesta-se, seu contexto se atualiza quando diz: estou aqui outra vez.

Dizendo poder, não quero significar “o Poder”, como conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos em um Estado determinado. Também não entendo poder como modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma da regra. Enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro.³²

O efeito do poder nas sociedades capitalistas é demasiadamente produtivo porque como poder ele não é negativo e nem tanto repressivo, mas poder gerador de ‘saberes’. Saber e poder funcionam mutuamente na história onde os indivíduos sujeitos assujeitados são partícipes. É no corpo do sujeito-indivíduo onde se concentra o saber como resultado de uma produção exercida pelas relações de e do poder, pois ele, o poder, é o elemento básico, importante para agir como *modus vivendi* porque não *modus operandi* das relações de poder nas diversas sociedades humanas.

É no corpo do sujeito-indivíduo que acontece a “materialização” do poder, o que não foge à regra de uma realidade-verdade ou verdadeira. Pois dentro e debaixo de um sistema econômico, o corpo-sujeito-indivíduo-assujeitado funciona intrinsecamente num momento ímpar e único com utilidade e produtividade e constitui um dos alvos privilegiados das relações de saber e poder. “Todo saber é político [...] todo saber tem sua gênese em relações de poder.”³³ Dessa forma, saber e poder não agem isoladamente, porque todo saber é permeado de poder no seu campo de atuação.

³² FOUCAULT, 1988, p. 88.

³³ FOUCAULT, 1979, p. XXI.

É necessário desconstruir a ideologia de que há uma “sinonímia entre o Estado e poder”.³⁴ De acordo com Foucault, o poder não está centralizado unicamente no Estado. Comenta: “O que aparece como evidente é a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive à sua sustentação e atuação eficaz.”³⁵

O Estado é um poder instituído coberto com a sua ‘pele’ de autoridade e com Leis impostas como forma **terminal** (não é fim) de poder. Foucault chama de ‘microfísica’³⁶ do poder’ onde o Estado e a Lei possam atuar sobre os indivíduos que são também sujeitos assujeitados. As diversas formas de poder em toda a sociedade movimentam-se articulando seus meios de fortalecimento para um exercício quase perfeito (!) de sua ação sobre os dominados e controlados sujeitos.

Dentre os diferentes dispositivos/aparelhos que atuam em nossa sociedade, podemos pensar no Direito com seus mecanismos e efeitos. O Direito, além de ser um mecanismo de poder, é uma regra social obrigatória que, de qualquer maneira, impõe limites que se manifestam em forma de lei, ou seja, Poder e Direito estão intrincados. “O poder não pára de questionar, de nos questionar; não pára de inquirir, de registrar; ele institucionaliza a busca da verdade, ele a profissionaliza, ele a recompensa.”³⁷

Portanto, pensemos no Direito, suas regras, sua atuação. O Direito é um Poder de produção de Verdade. Qual a relação entre Poder, Direito e Verdade?

1.2 Poder e a ciência jurídica

Na Idade Média, o pensamento jurídico girava em torno do poder régio. Foi a partir desse contexto que foi elaborado o edifício jurídico de nossas sociedades. A prática do Direito hoje no Ocidente foi, no passado, instrumento do poder régio.

Não convém esquecer que a reativação do Direito romano, em meados da Idade Média, que foi o grande fenômeno ao redor e a partir do qual se reconstituiu o edifício jurídico dissociado depois da queda do Império Romano, foi um dos instrumentos técnicos constitutivos do poder monárquico, autoritário, administrativo e, finalmente, absoluto. Formação, pois, do edifício jurídico ao redor da personagem régia, a pedido mesmo e

³⁴ FOUCAULT, 1979, p. XI.

³⁵ FOUCAULT, 1979, p. XI.

³⁶ Como foi traduzido para a nossa língua portuguesa (!).

³⁷ FOUCAULT, 1999, p. 29.

em proveito do poder régio [...] o papel essencial da teoria do direito, desde a Idade Média, é o de fixar a legitimidade do poder: o problema maior, central, em torno do qual se organiza toda a teoria do Direito é o problema da soberania.³⁸

O Direito é um instrumento de dominação, nas suas múltiplas formas que se exerce no interior da sociedade, com procedimentos de sujeição que ele põe em prática.

Isto quer dizer que o poder, quando se exerce em seus mecanismos finos, não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber que não são acompanhamentos ou edifícios ideológicos.³⁹

O que é o Direito? Compreendido o sentido do funcionalismo jurídico e tendo passado pelas suas diversas modalidades, a conclusão quanto à autonomia do Direito é puramente política ou jurídica-administração social no funcionalismo social tecnológico, não mais do que uma jurídica-economia no funcionalismo social econômico.

Mas, quanto ao Direito, o questionamento que se faz é: Quais as regras do Direito que delimitam formalmente o poder e quais os efeitos de verdade que este poder produz-transmite e, conseqüentemente, reproduz? O exercício do poder que está submetido à produção de verdade só pode ser exercido através dessa mesma produção.

Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. [...] Por dominação eu não entendo o fato de uma dominação global de um sobre os outros, ou de um grupo sobre outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer na sociedade. Portanto, não o rei em sua posição central, mas os súditos em suas relações recíprocas.⁴⁰

Sob que forma o Direito se põe em prática e veicula relações, visto que ele não é só instrumento de dominação? Foucault não compreende o Direito simplesmente na Lei, no conjunto de aparelhos, instituições e regulamentos que o aplicam. Desde a Idade Média, a teoria do Direito tem por finalidade fixar a legitimidade do poder.

³⁸ FOUCAULT, 1999, p. 30-31.

³⁹ FOUCAULT, 1999, p. 40.

⁴⁰ FOUCAULT, 1979, p. 180-181.

O sistema do Direito, o campo judiciário, é canal permanente de relações de dominação e técnicas de sujeição de várias formas. É um procedimento de sujeição desencadeado por ele mesmo. Pode ser visto também como uma forma de tornar legal o exercício da violência, e o Estado tem como objetivo realizar a repressão – nesta relação, a violência é legalizada pelo poder. Assim, é pertinente considerar que as relações de poder estão muito além do nível do Direito ou da violência: o poder não impõe limites.

Para Neves⁴¹ a sua identidade é no sentido de que o

Direito deve ser entendido através da ideia de problema jurídico, de que são principais exemplos os casos judiciais. Os problemas têm de ser resolvidos no sistema jurídico, o que já inclui uma relação necessária com a moral. Segundo ele, o Direito não é um dado, não é algo prévio, mas a totalidade das soluções dos problemas jurídicos. Estes, sim, são os pontos de partida necessários.⁴²

A questão da autonomia do Direito, de acordo com Neves, é questionada no âmbito da realidade do sujeito, diante das questões sociais e culturais, pois as normas, leis do Direito, estão sempre acima de qualquer reflexão jurídica. Ou seja, a autonomia do Direito é inquestionável, desconhecendo, assim, os valores inerentes à constituição humana.

Os valores mudam. Há uma grande alteração do Direito no que se refere a sua validade. A sua força normativa está alicerçada genuinamente no valor material. Dessa forma, o Direito é visto exclusivamente como estratégia para reivindicar outros “valores”, que são, para muitos, direitos sem deveres, isto é, meros instrumentos ideológicos. Assim, é observado por Foucault: “[...] De um lado o aspecto jurídico: o poder vincula pela obrigação, pelo juramento, pelo compromisso, pela lei e, do outro, o poder tem uma função, um papel, uma eficácia mágica: o poder deslumbra, o poder petrifica.”⁴³

A cultura e a sociedade não devem ter vínculos, visto que a história seria a própria superação dos valores. A crítica é justamente ao anacronismo de uma pretensão axiológica, na qual há uma desmistificação radical. Só através de uma

⁴¹ Filósofo do Direito português, professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

⁴² NEVES, António Castanheira. Artigo: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

⁴³ FOUCAULT, 1999, p. 79.

crítica radical é que alguns aspectos podem ser desmistificados. O seu valor funcional anuncia outros reguladores sociais, não somente o Direito. Diante desses aspectos, percebe-se que o Direito tem certa radicalidade, e esta o torna problemático frente à humanidade.

Conforme Marcic, “quem quer o homem tem que querer o Direito”.⁴⁴ Ou seja, é aceitar o indivíduo-humano todo e total com suas características culturais internas, negando-lhe censura a todo custo. Isto, normalmente, é problemático, quando frente à moral (prática da lei) e à ética. Contudo, é preciso ter em mente que o homem que se invoca nessa implicação constitutiva é o “homem-pessoa”.⁴⁵ Neves apenas aprofundou o tema, afirmando que o que distingue o homem é o seu ser pessoal – sujeito capaz de ser contraditório – santo e pecador livre e escravo dos seus atos conscientes.

Para Foucault, porém, tudo fica por conta do “discurso do poder”, que estabelece as regras do controle para o Direito e o dever. Fourastiè⁴⁶ entende que “[...] as decisões-opções próprias da moral servem apenas para substituir as decisões-soluções [...]”. Consequentemente, essas alterações ficam por conta do histórico-social e histórico-cultural, determinando o indivíduo um ser existencial. O Direito sem reflexão causa o limite desse indivíduo, sujeito da sua própria história.

Ademais, salienta Neves, que o problema do Direito é universal, global. Aonde estiver o homem, lá estarão também as regras, normas, leis, contratos, pactos, alianças, direitos e deveres, responsabilidade, cumplicidade, liberdade. Por outro lado, na contramão: irresponsabilidade e escravização. Tudo a partir da intencionalidade daquela sociedade que interroga o Direito com a perspectiva da sociedade e a perspectiva do homem, o homem-pessoa, à mercê da heteronomia do outro homem-pessoa e também da heteronomia macroscópica da sociedade, que funciona imperativamente com intenção teleológica.⁴⁷

Neves entende que “o normativismo é resultante de um conjunto complexo de fatores que evoluiu”⁴⁸ – períodos Antigo, Medieval, Moderno e Contemporâneo. - “No normativismo, o Direito é concebido na autonomia objetiva de um *sistema de*

⁴⁴ MARCIC *apud* NEVES, António Castanheira. *O direito hoje e com que sentido? O problema actual da autonomia do direito*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002. p. 14.

⁴⁵ NEVES, 2002, p. 14.

⁴⁶ FOURASTIÈ *apud* NEVES, 2002, p. 16.

⁴⁷ NEVES, 2002, p. 19-21.

⁴⁸ NEVES, 2002, p. 23-24.

*normas, subsistente numa auto-racional normatividade, abstractamente determinável e prévia à sua realização concreta.*⁴⁹

A técnica de “domesticação dos homens”⁵⁰ é imposta pelo Direito, seja consciente ou inconsciente (metafisicamente), gerando responsabilidade ou irresponsabilidade, devido à correlação entre liberdade-responsabilidade. Liberdade sem disciplina gera irresponsabilidade, isto “se” atingir o outro sujeito das relações. Uma opção, pois, se nos impõe, entre o sentido e a eficácia, entre a validade e a utilidade.

A autonomia do Direito, intencionada pelo normativismo, era, pois, a autonomia de uma normatividade constituída e sustentada no sistema auto-referente da sua abstrata racionalidade dogmática. Já na linha do funcionalismo, o Direito deixa de ser um auto-subsistente de sentido e de normatividade para passar a ser um instrumento. Assim, a funcionalidade converte a prática em técnica, sendo consequência de o homem se deixar determinar como sujeito.⁵¹

Então, para que serve o Direito, se na pretensão das evidências metafísicas (jusnaturalismo)⁵² o homem-sujeito terá de decidir-se a si mesmo em favor do próprio? Pensar em “evidências metafísicas” é pensar em um mundo irreal. Portanto, o homem-sujeito de si próprio deverá assumir responsável e irresponsavelmente os seus atos conscientes e/ou inconscientes (é seu o direito – regência interna). O problema é o direito externo – regência vinda da sociedade – Igreja Cristã, por exemplo.

Quem é quem? Exigir demasiadamente da lei, do Direito, das normas e responsabilidade, é exigir que o homem perca sua humanidade. A Igreja Cristã precisa pensar mais na terra. O mundo transcendental, metafísico, é regido por “leis” desconhecidas, fora do alcance da sua consciência, subjetiva, parcial, relativa. Direito ainda não materializado, juridicado. Foucault afirma que: “Foi a pedido do poder régio, foi igualmente em seu proveito, foi para servir-lhe de instrumento ou de

⁴⁹ NEVES, 2002, p. 24-25.

⁵⁰ WERNER *apud* NEVES, 2002, p. 51.

⁵¹ NEVES, 2002, p. 13-24.

⁵² NEVES, 2002, p. 51.

justificação que se elaborou o edifício jurídico de nossas sociedades. O direito no Ocidente é um direito de encomenda régia.”⁵³

Não se pode negar que há um contexto histórico, social e cultural que marca todas as pessoas em todas as épocas. Há uma historicidade, criada pelo próprio homem, sempre em forma dialética e dialógica quanto a sua praxicidade (reflexiva), na tentativa de compreender a problemática do Direito, seu sentido e sua autonomia, visto que:

Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade. Isso é verdadeiro em toda sociedade, mas acho que na nossa essa relação entre poder, direito e verdade se organiza de um modo muito particular.⁵⁴

Diante de tantas situações às quais o Direito se encontra envolvido, o questionamento que se levanta é se existe ainda possibilidade para a autonomia do Direito nos dias de hoje. O sentido e o conteúdo do Direito são questões que se respondem dentro de um contexto culturalmente humano, incluindo, também, o problema humano de convivência.

As realizações humanas conferem inteligibilidade e unidade constitutiva à vida histórica. Sentido que não é apenas um sentido histórico, que se opõe ou distingue outros sentidos históricos. É, antes de tudo, o sentido de todos os sentidos, onde exprime o ser do homem. Neves entende que:

[...] O imperativo do direito é este: sê pessoa e respeita os outros como pessoas. Nestes termos [...] o último e verdadeiramente fundamental direito hoje do homem é afinal o “direito ao direito”. [...]. O Direito só concorrerá para a epifania da pessoa se o homem lograr, culturalmente, a virtude desse compromisso.⁵⁵

O autor impulsiona a reflexão crítica e discussão teórica sobre fundamentos filosóficos, o que auxilia, sobremaneira, o plano de estudos da disciplina hermenêutica jurídica.

Neste sentido, a sua composição apresenta ideias que acabam por provocar reflexões e ajuda na adoção de uma visão crítica em relação à questão da autonomia do Direito, assim como estimulam consciente ou inconscientemente uma

⁵³ FOUCAULT, 1999, p. 30.

⁵⁴ FOUCAULT, 1999, p. 28-29.

⁵⁵ NEVES, 2002, p. 73-75.

reflexão à própria compreensão humana. Assim, Neves⁵⁶ afirma que o ser humano não se compreenda apenas como destinatário do Direito e titular de direitos, mas como o sujeito do próprio Direito, e não apenas beneficiário dele, mas comprometido com ele, assumindo sua responsabilidade vivida no seu sentido ético e moral.

Deste modo, o Direito e a moral estão em todas as relações que as pessoas têm. Para todas elas existem normas que, normalmente, são obrigatórias. Algumas normas têm caráter imperativo, isto é, o seu cumprimento é exigido, caso contrário, o indivíduo paga um preço muito alto por estar violando algo que foi instituído. O Direito e a moral diferenciam-se nas suas relações, possuem elementos comuns, mas são demonstrados de formas diferentes por causa do caráter histórico.

O Direito é regido por leis do Estado, tem força coercitiva para todos os cidadãos. A moral é extensiva a todos, diferencia-se no comportamento voluntário. O elemento íntimo desempenha um papel importante nas relações morais. O indivíduo toma decisões pessoais, interiorizando as normas gerais e assumindo uma responsabilidade pessoal.

O Direito e a moral são necessários porque regulamentam as relações e conseqüentemente garantem, até certo ponto, uma coesão social, ao que observa Foucault:

[...] para ser dita "moral" uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua e uma relação ao código a que se refere [...].⁵⁷

O homem é essencialmente fazedor de sua própria história, por este motivo, suas ações estão tanto voltadas para si mesmo, como para o outro sujeito de sua relação. São, de certa forma, detidos pela limitação dos seus direitos naturais, todos regidos por regras e leis, sejam elas naturais ou instituídas pelo Estado.

O Direito e a moral se distinguem nas formas de comportamento, sendo que a moral não depende completamente do Estado, já o Direito depende completamente do Estado, porque ele é único dentro de uma sociedade. A moral é o exercício, as ações e a prática da ética. Deste modo, a pessoa, como ser político, deve ter a responsabilidade de exercer bem a sua cidadania e cuidando de si.

⁵⁶ NEVES, 2002, p. 73-75.

⁵⁷ FOUCAULT, 1984, p. 28.

1.3 Sexualidade, subjetividade e o cuidado de si

Para os gregos “o cuidado de si” não significava um regresso para o “interior de si”, um interiorizar-se no inconsciente, mas uma atitude de examinar-se enquanto no exterior de si. Construir algo medonho, extraordinário como uma arte fora do corpo e com sentido no corpo e para o corpo. A vida é uma obra de arte criativa, com todos os seus mecanismos de prazeres considerando a liberdade de cada um indivíduo que se vê livre. Uma livre liberdade para si no uso dos prazeres se já eram adultos de si, livres para a vida, para o viver a vida, o seu modo de vida sem interferência, embora não fosse para todos e sim para alguns privilegiados. Foucault observa:

Deve-se entender com isso uma maneira de viver cujo valor moral não está em sua conformidade a um código de comportamento nem em um trabalho de purificação, mas depende de certas formas, ou melhor, certos princípios formais gerais no uso dos prazeres, na distribuição que deles se faz nos limites que se observa na hierarquia que se respeita.⁵⁸

É vista por Foucault tanto a moral grega como a greco-latina, onde ele se detém a verificar as tecnologias do eu do sujeito onde se encontram elementos que constituem a moral produzida pela modernidade. As abordagens em torno de “o cuidado de si” e sobre “o uso dos prazeres”, vistos como e nos “jogos de verdade” na construção do sujeito, foi necessário observar na história, para compreendermos como o sujeito foi construído a partir de técnicas disciplinares para a partir desses elementos recriar modos de viver a sua realidade existencial do momento.

Ao optar pela ética, Foucault não teve a intenção de examinar cada parte do todo de ideias, ou comportamentos dos indivíduos, grupos, instituições, sociedades e os seus sistemas ideológicos dentro delas, e sim a solução de questões não resolvidas ou deixadas sem respostas, e são essas prováveis questões que estarão no exercício da censura, da análise, sobre o modo e as práticas de vida de cada indivíduo. O corpo em movimento em busca ou no auge dos prazeres da carne, ou no seu sentido mais ousado e proibido que é o prazer sexual, são problematizados em relação às práticas de si, apontando situações em que o indivíduo tem a capacidade de transformar a si nas suas relações consigo mesmo e com o outro livre de regras pré-estabelecidas.

⁵⁸ FOUCAULT, 1984, p. 82.

Ora, a exigência de uma austeridade implicada pela constituição desse sujeito senhor de si mesmo, não se apresenta sob a forma de uma lei universal, a qual cada um e todos deveriam se submeter; mas, antes de tudo, como um princípio de estilização da conduta para aqueles que querem dar à sua existência a forma mais bela e mais realizada possível.⁵⁹

Sem proibições, sem privações, sem regras instituídas, mas que seja ele mesmo indivíduo da arte da sua própria existência dando assim sentido à vida, a sua vida, a existência de si, modo próprio de ser e viver a sua vida. O viver como uma arte de si e para si o declara como ser da sua própria história. Este indivíduo é somente história no meio dos contos de sua existência. Ele existe porque tem história. A estética, arte é o seu modo de ser enquanto ser existente-histórico. A vida deste indivíduo como uma arte se objetiva em suas práticas, se materializa em cada um primeiro com sentido ímpar e depois se pluraliza como coletivo universal. O coletivo individualiza para si para dá forma ao modo de vida que tem que ser. É a tentativa de o outro deixar de ser para ser uma arte fora de si. Suas práticas são tentativas de materialização da subjetividade – demonstrada por cada indivíduo - que, por sua vez, representa a universalização do indivíduo para o coletivo e do coletivo para a individualização, sendo este consequência daquele. Assim, é observado por Rajchman⁶⁰ que “A nossa subjetividade é constituída através de muitas espécies de diferentes de práticas”.

Será que o indivíduo decide SER? Parece que sim! Quando este em suas práticas se mostra-SER o que é ou se mostra-SENDO como arte de si constituído de valores éticos como base de sustentação para sua existência como indivíduo que é sem possibilidade de deixar de ser anulado pelo indivíduo-do-outro-sujeito. Mesmo escolhendo ser o que é em si, o indivíduo inventa valores éticos como elementos importantes para a sobrevivência do ser-indivíduo, impedindo que o outro, na teia das relações históricas, o anule. O que existe no sujeito é a sua forma de ser em si, dando um “toque” de arte e de sentido para sua existência (des)ocultada e que se apresenta sempre no fazer, na prática e na experiência do cotidiano que constitui o sentido da vida no humano do indivíduo que tem história. É na sua história que ele encontra elementos que o constitui sujeito.

⁵⁹ FOUCAULT, 1984, p. 218.

⁶⁰ RAJCHMAN, John. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1987. p. 35.

A linguagem não abarca todas as intenções do discurso, ela é apenas representativa – simbólica – portanto, “cuidar de si” é subjetivo, mas possível mostrar em seu modo de vida. De acordo com Foucault, “O cuidado de si vai ser considerado, portanto, como o momento do primeiro despertar. Situa-se exatamente no momento em que os olhos se abrem, em que se sai do sono e se alcança a luz primeira: [...]”.⁶¹

Foucault, quando pensa numa arte da existência, pensa no sujeito como aquele que é capaz de inventar suas formas de viver, um viver subjetivado. Essas formas de viver – num modo subjetivo – caminham em direção contrária ao funcionamento em que o indivíduo está envolvido. Assim, comportar-se dentro de uma arte da existência requer ações reflexivas e práticas. O modo de viver a partir da subjetividade do indivíduo apresenta-se como resposta de um desenvolvimento criativo para a inserção de sua liberdade gerada em sua própria subjetividade. Deste modo, o objetivo é recriar outras formas de vida no seu próprio modo que é um exercício contínuo.

De acordo com Branco,

Criar subjetividade implica a descoberta de limites, [...] O lugar ao qual se poderia chegar a partir das lutas de resistência, desse modo, seria a governabilidade, ou seja, o autogoverno dos indivíduos livres e autônomos. Uma autonomia a ser considerada numa esfera pública não restritiva, dependente apenas do grau de autonomia e liberdade de cada um dos membros da comunidade e da sociedade.⁶²

Não é possível pensar no sujeito desconsiderando a complexidade que o envolve nas suas diversas relações. A sua constituição é amplamente complexa porque ele, o sujeito, é resultado da própria experiência – de saber – de poder – de si, e assim, constitui-se uma dúvida, uma incerteza do pensamento.

A liberdade de optar por um modo de vida impulsiona o sujeito a questionar as experiências que o constitui nas suas diversas relações sistematizadas e atualizadas. Pensar a ética é também refletir sobre a sua prática nas diversas formas de viver a vida sem perder ou anular o seu sentido, olhando para a própria vida como uma arte, ou seja, o ser humano sujeito de si mesmo é capaz de pôr em

⁶¹ FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Fontes, 2006. p. 11.

⁶² BRANCO, 2007, p. 13.

prática o que ele pode materializar suas ideias, dando sentido ao que historicamente ele pode constituir até mesmo dentro da sua própria cultura.

1.4 Poder como determinante na sexualidade

Quanto ao sexo e aos discursos da verdade que dele se ocuparam diante da estrutura estatal de poder, como e por que o poder precisa instituir um saber sobre o sexo? Qual estrutura – dominação global ele serviu desde o século XVIII com a preocupação de produzir discursos “verdadeiros” sobre o sexo? Existiu uma lei que presidiu e regulamentou o comportamento sexual e a conformidade que se dizia sobre ele? Que tipo de discurso referente ao sexo em tal forma de extorsão de verdade aparece historicamente e em lugares determinados?

Esses discursos tornaram-se possíveis e foram sendo modificados pelo próprio exercício – alguns termos foram reforçados, outros enfraquecidos, por não haver um tipo de sujeição estável. “Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder [...]”⁶³

As relações de poder, de alguma maneira, são vinculadas uma às outras de acordo com a lógica de uma estratégia global. Afirma Foucault que:

Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes: em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. É preciso ficar claro. Talvez tenha havido uma depuração – e bastante rigorosa – do vocabulário autorizado.⁶⁴

Se a sexualidade foi constituída como um domínio a conhecer, isso ocorreu a partir das relações de poder que ela foi instituída como objeto. Em contrapartida, se a sexualidade foi alvo de poder, foi porque houve uma abertura entre técnicas de saber e de procedimentos discursivos.

A relação estabelecida entre penitente e confessor - exame de si mesmo, interrogatórios, confissões, interpretações - é formada por veículos, objetos de sujeição e esquemas de conhecimento, que acontecem de maneira incessante e cíclica. O saber se estrutura em diversas e diferentes camadas discursivas que se superponham. Foucault afirma que:

⁶³ FOUCAULT, 1988, p. 22.

⁶⁴ FOUCAULT, 1988, p. 21.

Se o objetivo for construir uma teoria do poder, haverá sempre a necessidade de considerá-lo como algo que surgiu em um determinado ponto, em um determinado momento, de que se deverá fazer a gênese e depois a dedução. Mas se o poder na realidade é um feixe aberto, mais ou menos coordenado (e sem dúvida mal coordenado) de relações, então o único problema é munir-se de princípios de análise que permitam uma analítica das relações do poder.⁶⁵

Para tanto, se faz necessário compreender as questões que fizeram da sexualidade objeto de poder, sendo necessário remeter a uma longa e complexa caminhada para um desenvolvimento histórico. A intencionalidade de se usar o discurso de sexualidade não foi logo percebida ao sexo em si, e sim depois ao corpo, aos prazeres, aos órgãos sexuais e também as chamadas relações de alianças. Tudo isso foi questionado por Foucault por ter percebido que desenrolava certo domínio moral sendo colocada sobre a sexualidade como verdade sobre o sujeito, tornando-o assujeitado para um fim. Daí, pensar em uma ‘verdade’ sendo imposta. Cabe-lhe indagar por que e para quê? Isto Foucault fez incomodando a muitos.

Foucault não propõe que devemos reconstruir a história, mas analisar onde e como a sexualidade está associada e querer-se investigar o modo como é constituída a experiência na qual os sujeitos-indivíduos fazem o reconhecimento de que são sujeitos assujeitados de uma sexualidade aberta para os diversos saberes de conhecimento e que servem como sustentação e base sistemática para as normas, as regras e as leis que irão coercitivar o que ele chama de “jogos de verdade” que ideologiza o indivíduo-sujeito uma gênese ontológica historicamente falando, ou seja, este indivíduo-sujeito assujeitado faz a sua história participando direta ou indiretamente dela.

Foucault inclui, neste debate, a observação da palavra “sexualidade”, que em si não diz toda verdade de si mesma, pois é todo o corpo do indivíduo-sujeito que está em jogo de controle e punição. Em toda palavra reside, em si mesma, o silêncio. Não é o vazio, mas o silêncio, isto é, o não dito do dito e o não dito do não dito do que realmente é em si mesma – a “verdade” em sua essência. Mostra uma parte, e uma face e deixa de mostrar a outra, revelando o poder através da palavra. Daí a palavra sexualidade tomar forma como palavra, assumindo que é uma “coisa” produzida pelo discurso para que através dele conduza o comportamento do

⁶⁵ FOUCAULT, 1979, p. 248.

indivíduo-sujeito assujeitado às sociedades ou grupos, tais como instituições religiosas ditas igrejas cristãs (e/ou grupos pequenos nomeados como congregações evangélicas) que se colocam no patamar dos alienados. Foucault vai dizer que:

O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, é que se apóiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.⁶⁶

Todos os fatores que envolvem a sexualidade, como a formação dos saberes e sistemas de poder, são elementos imprescindíveis para entender as práticas que levam os indivíduos a prestarem atenção a si mesmos como objeto de desejo. “[...] a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído”.⁶⁷

O que se constitui como problemática isto dentro da igreja evangélica, o que se tem como conceito, sobre a questão da sexualidade, é o que diz respeito as suas práticas. A “abstenção”, a “austeridade”, o “respeito” e a “interdição” são impostos coercitivamente ao indivíduo-sujeito que se sujeite ao modelo prescrito pela igreja evangélica às ‘beiradas’ do sexo. O desejo sexual funciona como uma lei poderosíssima de atração, visando fins reprodutivos. Snoek afirmou que o moralismo exacerbado nesse tipo de ‘cristianismo’ (!) segue quase a um rigor cientificado.

Só tolera o prazer sexual dentro do contexto do matrimônio e dentro de uma normalidade basicamente de ordem biológica. Além do mais, na área da sexualidade (e somente nesta área), não se admite quase pecado leve (non admittit parvitatem materiare): toda procura intencional de prazer sexual, mesmo o mais leve, é logo tido como pecado mortal. Até uma espontânea emissão noturna de esperma impedia a comunhão eucarística, em tempos de forte rigor de uma religião centrada quase que exclusivamente no culto, sempre a exigir pureza ritual.⁶⁸

⁶⁶ FOUCAULT, 1984, p. 9.

⁶⁷ FOUCAULT, 1984, p. 11.

⁶⁸ SNOEK, Jaime. *A sexualidade humana: ensaio de ética sexual*. São Paulo: Paulinas, 1981. p. 110.

Tudo que está ligado às práticas sexuais tem como marca as proibições conectadas com a lei da obrigatoriedade de confessar à dita 'verdade' sobre si (o sexo, a sexualidade e indivíduo-sujeito, seu corpo assujeitado à confissão-controle). Outras coisas são bem diferentes se comparados a outras obrigações (alimentar-se, beber água, por exemplo). É uma questão de sobrevivência renunciar à sexualidade, mesmo sendo de vital importância. Foucault questiona:

[...] é preciso não apenas se perguntar quais foram as formas sucessivas impostas pela regulamentação ao comportamento sexual, mas como esse comportamento sexual tornou-se, em dado momento, o objeto de uma intervenção não somente prática mas também teórica. Como explicar que o homem moderno busca sua verdade em seu desejo sexual?⁶⁹

Aqui, o comportamento sexual dos indivíduos-sujeitos assujeitados, frente a outros tipos de comportamentos, está submetido às regras de moralismo exacerbado, incluindo também a exclusão das relações entre os indivíduos-sujeitos do mesmo sexo.

No primeiro caso, o casamento com uma só mulher tinha que obedecer a ordem da sua finalidade: procriar. Pensamento este elaborado pelo cristianismo e que era diferente nas sociedades romanas e gregas. Quanto à prática homossexual, a intolerância tomou lugar de forma radical pelo cristianismo por não atender o objetivo único de que a prática do sexo no casamento era de gerar para a procriação. O contrário na Grécia Antiga que celebrava e exaltava a prática, enquanto na Roma os homens viam com naturalidade entre eles. Foucault afirma que,

[...] sobre todos esses pontos que foram considerados, durante tanto tempo, como tão importantes – natureza do ato sexual, fidelidade monogâmica, relações homossexuais, castidade - , parece que os Antigos teriam sido um tanto indiferentes, e que nada disso teria atraído muito sua atenção, nem constituído para eles problemas muito agudos.⁷⁰

A igreja evangélica adotou e implantou um tipo de instrumento que seja capaz de verificar os elementos morais e espirituais com rigor no sentido mais significativo da palavra e da intenção, propondo virgindade, abstinência e castidade aos que dela fazem parte como membros do 'corpo santo'. Às vezes nos

⁶⁹ FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. p. 332.

⁷⁰ FOUCAULT, 1984, p. 17.

comportamos como pessoas fracas dentro da igreja. Será que religião e igreja são para pessoas fracas por terem medo de querer pensar sobre as “realidades”, sobre a realidade social da vida no seu cotidiano? Apunhalamo-nos a nós mesmos quando decidimos fugir das questões ao invés de discuti-las e descobriremos nelas as ditas ou supostas ‘verdades’.

Essa forma de ser constitui-se um ‘cristianismo’ dentro dela, moralista que foge de sua “essência”. Por outro lado, essa instituição chamada Igreja Cristã parece se apresentar como um lugar que coloca nos seus indivíduos-associados, sentimento de culpa só porque se masturba ou diz que sente desejo e pratica o sexo. Ela o nomeia como sexo fora de si. Como se o sexo fosse coisa extra-humana, tipo uma elevação espiritual constituindo-se assim “pecados da carne”.⁷¹ De acordo com Alves, “Uma instituição é um mecanismo social que programa o comportamento humano de forma especializada, de sorte que ele produz os objetos predeterminados pela instituição”.⁷²

Constata-se a existência de uma analogia de comportamento nas chamadas doutrinas cristãs no seu início e a filosofia moral da Antiguidade. No início, o texto cristão foi direcionado e dedicado aos casados para a prática sexual. É no capítulo X do livro II do pedagogo Clemente de Alexandria que se fez sustentação e se respaldou em alguns princípios bíblicos, fazendo-se associações entre a prática sexual e o mal, exigindo-se monogamia com fim procriador, condenando, portanto, as relações do mesmo sexo e incentivo à elevação da continência, ou seja, “viva” o sexo proibido! “Viva!”

Nada de novidade aqui, uma vez que esses assuntos-discursos-e-práticas já eram “coisas” bem presentes-pensadas-e-vividas/vivenciadas no pensamento grego ou greco-romano. Já muitos modelos de comportamentos eram notados, a exemplo do celibato/eunucos, da abstinência entre outros no que fosse tocante ao sexo. Quanto aos casais ligados em forma de casamento, não havia um imperativo para com a fidelidade conjugal entre os gregos e romanos, mas, sim, havia ensinamentos da parte de algumas correntes filosóficas, tais como os estoicos, que viam como um comportamento de manifestação de virtude, de firmeza da alma e de domínio e controle de si.

⁷¹ FOUCAULT, 1988, p. 113.

⁷² ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 40-41.

Aristóteles chama de “ação desonrosa” quando um marido se relaciona com outra não sua mulher, assim como a mulher com outro homem não seu marido. Esta ideia não tem exceção, vale para todos e todas as criaturas humanas. Aqui se dita a moral e a ética como valor de responsabilidade e respeito pelo outro-outra.

A “fidelidade” sexual do marido com relação à sua esposa legítima não era exigida pelas leis nem pelos costumes: não deixava de ser, contudo, uma questão que se colocava e uma forma de austeridade a que certos moralistas conferiam grande valor.⁷³

Para a cultura grega, ser virtuoso é ser um herói, desde que tenha a capacidade de manter controlados os seus impulsos, inclusive os sexuais. “Daí decorre também o fato de que o ponto importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas.”⁷⁴ No pensamento da Igreja Cristã com seu cristianismo proibitivo, o indivíduo-sujeito assujeitado que vivencia o controle dos seus impulsos sexuais é visto e tido como espiritual que marca na comunidade uma verdade eximindo-se da prática sexual.

De modo semelhante em sociedades nomeadas como pagãs na Antiguidade também era fato sucedido. Pessoas voltadas para si mesmas e autosuficientes dos seus desejos podiam fazer recusa da satisfação sexual. Os indivíduos que advogavam a doutrina estoíca, conceito voltado para o panteísmo, defendiam o rigor ético à luz das leis da natureza e colocavam sobre si uma moral rígida com resignação e austeridade impassível de aceitar também o prazer sexual. Portanto para alguns, a abstenção sexual era uma forma de saber-sabedoria, que os elevava para mais perto de um ser superior à natureza humana.

A figura de Sócrates era vista como modelo de controle dos impulsos, pois todos queriam estar ao seu lado e beber da fonte de sabedoria no qual se aprendia sobre como controlar os desejos e impulsos sexuais. Experimentar e demonstrar autocontrole era ser sábio diante das intenções do coração, ou seja, poder demonstrar como “essência secreta do coração” o seu caráter.

Assim, frente aos modelos da Antiguidade e como sombra para se fazer parada, não se deve fazer julgamento perante a moral do sexo daquele cristianismo

⁷³ FOUCAULT, 1984, p. 20.

⁷⁴ FOUCAULT, 1988, p. 16.

embutido na igreja evangélica de hoje nem tampouco nas não evangélicas (paganismo primitivo (!)), no que diz respeito à abstinência sexual diante da dita “verdade”. Tanto em um como no outro não se atribui valores iguais.

Naquele período, tanto a Igreja evangélica como sua pastoral (os adeptos do cristianismo) validavam a moral na experiência de vida no seu cotidiano fazendo-os serem reconhecidos até os confins. Só que, no pensamento antigo, a moral não era uniforme, imposta hierarquicamente para todos do mesmo modo. No que lhes era proposto não havia conotação de imposição obrigatória, mas uma prática habitual recheada de moderação. Havia diferenças em suas práticas devido às muitas escolas filosóficas que apresentavam seus ‘cardápios-ideológicos’ (o pensar sobre) oferecendo estilo de vida para todos, entre elas a pitagórica, os estoicos e a de Epicuro, a mais diferente das outras.

É preciso não concluir dessas poucas aproximações que puderam ser esboçadas que a moral cristã do sexo estava, de certa forma, “pré-formada” no pensamento antigo: deve-se antes considerar que, bem cedo, na reflexão moral da Antiguidade, formou-se uma temática – uma “quadrimática” – da austeridade sexual em torno e a propósito da vida do corpo, da instituição do casamento, das relações entre homens e da existência de sabedoria.⁷⁵

Para Foucault, um modo de atuar não é em si mesmo uma regra moral. Ela será onde for implantada intencionalmente como conduta para o controle e guia do corpo e da vida do indivíduo-sujeito assujeitado às normas, leis e regras, tidas e observadas como valor moral para vida naquela sociedade ou grupo específico como igreja evangélica do tipo (!). Toda e qualquer atuação moral busca sua execução como realidade para a prática das suas atitudes de acordo com os valores contidos em tais regras.

Não existe ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; nem conduta moral que não implique a constituição de si mesmo como sujeito moral; nem tampouco constituição do sujeito moral sem “modos de subjetivação”, sem uma “ascética” ou sem “práticas de si” que as apóiem.⁷⁶

Constata-se que, na Antiguidade greco-romana, a moral se guiava para o discurso prático de si e não se guiava para as proibições ou privação de certos

⁷⁵ FOUCAULT, 1984, p. 23-24.

⁷⁶ FOUCAULT, 1984, p. 28-29.

direitos que tinha como sujeito livre para as relações sociais. Eles não tinham **instituições** para fazer valer o respeito pelas proibições sexuais. Ao corpo era dada muita atenção. Observava-se a técnica, um tipo de supervisão pensando-se na saúde do corpo como um cuidado de si que entusiasmava a aplicar-se com ardor nas práticas sexuais. Pode-se observar aqui que os homens gregos selecionavam por preferência e com liberdade quem deveriam ser seus parceiros entre um e outro para o ato sexual. Aos homens era permitido o ato sexual entre si mesmos, pois tinham a permissão via lei e pela *dóxa*.

Como diz Foucault: “É claro que a preferência pelos rapazes e as moças era facilmente reconhecida como traço de caráter: os homens podiam se distinguir pelo prazer ao qual eram mais ligados [...].”⁷⁷ Para isso havia liberdade de escolha porque contavam com a sustentação que as diversas e diferentes instituições lhes davam, fossem militares ou pedagógicas. Havia também a ideia de que seriam protegidos pelos deuses ou divindades.

Foucault salienta que: “Costuma-se ligar estreitamente o amor grego pelos rapazes à prática da educação e ao ensino filosófico. A personagem de Sócrates convida a isso, assim como a sua representação manifestada constantemente na Antiguidade,”⁷⁸ ou seja, a convivência ou o conhecimento recíproco entre rapazes tinha suas atribuições na pedagogia, dando a entender que a conduta do principiante (pouco experiente) pelo seu *aio* guia-ensinador era feita por homens mais experientes e tidos como sábios.

Na Grécia, a verdade e o sexo tinham ligação direta na forma de pedagogia, que eram transmitidos como forma de um saber precioso e o sexo, especificamente, servia de suporte para as iniciações de conhecimento. Para os ocidentais, é através da confissão que se liga verdade ao sexo, pela expressão obrigatória de um segredo individual, em que é a verdade confessada que serve de suporte ao sexo e às suas manifestações.

A noção que os ocidentais têm das relações entre pessoas do mesmo sexo não se desvincula dos conceitos pré-estabelecidos que são formados em torno desse assunto. Para os gregos essa conotação de homossexualidade é inconcebível porque não consideravam como comportamentos opostos. “[...] o amor ao seu

⁷⁷ FOUCAULT, 1984, p. 170.

⁷⁸ FOUCAULT, 1984, p. 174.

próprio sexo ao amor pelo sexo oposto”.⁷⁹ Eram livres nas suas escolhas. As questões morais tinham maior peso. O importante era ter posicionamentos firmes e seguros diante das situações cotidianas. Desejo é desejo, não faz diferença se deseja o mesmo sexo ou o oposto. A natureza é quem coloca o desejo.

É na confissão que se encontra a essência fundamental do Ser que está vinculado à obrigação de reconhecer as ações cometidas – o fazer falar. Para Foucault, “[...] a obrigação de conhecer nós mesmos nossa verdade, mas igualmente de contá-la, de mostrá-la e de reconhecê-la como verídica”.⁸⁰

Segundo Foucault, a prática de relações sexuais entre homens só se tornou um problema, tanto social quanto jurídico, a partir do século XVIII. A amizade entre homens era, anteriormente, uma relação social muito importante, quando os indivíduos exerciam certa liberdade em que lhes era permitida viver relações afetivas e intensas, e, portanto, desaparece nessa época.

Enquanto essas práticas eram aceitas socialmente, não era significativo o fato que os homens pudessem manter relações sexuais entre si. Todo o problema em volta da homossexualidade surge quando desaparece a amizade. É a amizade que predomina, ela antecede a relação afetiva. É um modo de vida sem necessariamente culminar ou objetivar o ato sexual. É o elo entre as pessoas. A relação sexual não deve ser o motivo para uni-las. O modo de vida escolhido é uma forma de relação que pode ser dividida e conseqüentemente abre para diversas relações intensas e duradouras que não estão submetidas a regras ou reguladas por imputações – modelos. Ao olharmos para um homossexual, por que temos que pensar logo em sexo? Saiba-se que a amizade antecede o ato sexual.

A amizade é um tecido de afetividade que se costura à medida que se vai conhecendo o outro. O tema da amizade no âmbito da sexualidade sempre foi assunto a que Foucault deu extrema atenção. Ele adverte que o importante não era simplesmente as pessoas descobrirem em si a verdade sobre sua sexualidade, mas usá-la para se fazer grandes amizades e vivenciar uma multiplicidade de relações. E por que tem que se pensar que em todas as amizades entre homossexuais há prática de sexo? Como fica a humanidade desse sujeito que tem escolhas e sentimentos – desejos, paixão, amor, afeto, atração e repulsa, amor-e-ódio? – O

⁷⁹ FOUCAULT, 1984, p. 167.

⁸⁰ FOUCAULT, 2011, p. 334.

modo de vida, o estilo de vida, as práticas de vida de cada indivíduo, mesmo sendo ou estando numa condição de indivíduo-sujeito-assujeitado, deve-se ser respeitado como a sua dignidade própria de si. Seja *homo*, *hétero* ou qualquer outra nomenclatura adjetivada pelas sociedades e/ou instituições também religiosas.

O que torna a homossexualidade para o mundo ocidental um problema é o modo de vida e não o ato em si. As instituições sociais colocam limites nas opções sexuais dos indivíduos porque um mundo relacional aberto seria muito difícil de administrar, visto que, num mundo legal, social e institucional, as relações possíveis normalmente são pouco diversificadas e esquematizadas – quase restritas aos familiares e ao cômulo. Uma situação que serve como exemplo é o que acontece nos campos de prisioneiros. Ao passar muito tempo juntos, os homens (soldados / oficiais) na guerra, desenvolviam certa devoção de um para com o outro. Era um jogo de vida ou morte.

Mesmo diante de grandes massacres, as pessoas se sustentavam. Percebe-se aí um tecido afetivo, mas não quer dizer que eles estavam apaixonados, mas o que os unia era a honra, a coragem, o não perder a dignidade. Isso implicava, efetivamente, uma trama afetiva intensa. Essa foi uma das condições que permitiram que eles suportassem todo o martírio da guerra.

Por que hoje o homossexualismo tomou novas formas de ser e de se apresentar? Seria ele uma produção cultural ao longo da história e que veio sofrendo alterações no seu modo de ser? Foucault observa que “Na cultura grega, que conhecia os *aphrodisia*, era simplesmente impensável que alguém fosse essencialmente homossexual em sua identidade”.⁸¹ O ser humano é o fazedor da sua própria história e que conceitua seus atos e materializa seus desejos “subjetivados”. Portanto, a homossexualidade não deve ser censurada ou proibida, e sim compreendida como elemento dentro da história, entre os que fixam nela a identificação objetiva. Ou como observam Bauman e May: ““Her damos” nossos corpos, inteiramente feitos por genes, não sendo, portanto um “resultado” da sociedade. Equivocada, entretanto, é a crença em tal imutabilidade”.⁸² E completa Muszkopf:

⁸¹ FOUCAULT, 2011, p. 338.

⁸² BAUMAN, Zygmunt e MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 157.

Os corpos resistem, e a percepção de uma corporeidade avessa à norma insiste no direito à diversidade. As pessoas homossexuais passam por um importante processo de redescobrimto de seus corpos. Deparando-se com sua sexualidade “diferente” e com a ausência de modelos e exemplos como vivê-la, essas pessoas embarcam numa jornada para descobrir a si mesmas e formas de se relacionar, passando pelo reconhecimento de seus sentimentos, desejos e necessidades. A própria descoberta e aceitação da homossexualidade exige muita atenção para com o corpo.⁸³

O homossexual não-é-homossexual! É ser humano. Como ser humano, externa seu modo-estilo de vida. É um ser livre de si e do(s) outro(s). Por que homossexual é *homossexual* e hétero é *normal*? Por que ser homossexual é ser pecador e ser hétero é ser santo? Por que ser homossexual é pecado? E em que condição fica o hétero? Será que ele não peca? Se por acaso dissermos dentro ou fora da igreja que ser homossexual não é pecado, estaremos trazendo para cima de nós um exército de inimigos. Promove-se então insatisfação, fuga, crítica ao interlocutor, diz-se que está fazendo interpretação ‘errada’ dos textos bíblicos, mesmo que se aponte para pontos históricos bíblicos ou fora dele.

Cada indivíduo é único com suas características próprias e possui, portanto, direitos que lhes são naturais, onde nenhuma sociedade, nenhum grupo, nenhuma instituição pode sobrepujá-lo. Cada ação-ato deve ser consciente. Portanto, se faltarmos com valores éticos e morais, todos somos iguais (!).

Tudo que se refere à constituição humana nos é comum, afinal, quem somos ou talvez o que somos dentro de uma complexidade existencial? Fomos formados em um emaranhado de (pré)conceitos que não conseguimos pensar isoladamente. Não erramos ou acertamos sozinhos. Todos têm um “calcanhar de Aquiles” em algum lugar do seu corpo ou da sua vida. Portanto, tenhamos cuidado em querer julgar no outro o que ele tem e é e que nós não temos e não somos. Mas, quem sabe, queremos ter, queremos ser. E olhe lá se já não somos e se já não temos. Nenhum de nós é o que gostaria de ser por mais que nos esforcemos não o seremos. Ou seremos? Pensando nesta complexidade, podemos dizer que: Deus é tão Deus, tão Deus que nós seres humanos não o compreendemos. Se compreendermos, Ele não é Deus! Assim também, nós seres humanos, somos tão humanos, tão humanos que Deus não nos compreende – ou compreende?! Jesus é aquele que faz a ponte – o travessão de ligação – intermedeia as partes para uma

⁸³ MUSSKOPF, André Sidnei. Além do arco íris. In: STRÖHER, Marga J. (Org.) *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004. p. 161-162.

possível “compreensão” – os seres humanos para com Deus e Deus para com os seres humanos. Jesus de Nazaré homem – somente homem. “Porque *há* um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”.⁸⁴ Enquanto Deus, Deus Espírito “compreendido” na História pela própria história da humanidade. O Deus que se revela na história dos homens e das mulheres, suas criaturas. “Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade”.⁸⁵ Então pensemos: “O propósito básico de Jesus sempre consistiu em relacionar a pessoa mais diretamente a Deus”.⁸⁶

Certa feita, Foucault sendo questionado, declarou: ““Quando é que a homossexualidade receberá os mesmos direitos de expressão e de exercício que a sexualidade dita normal?””⁸⁷ Para Foucault uma pessoa não deve ser marcada pela sua sexualidade, assim como um negro ou branco pela sua cor, mas pela sua condição de ser Ser humano. Diz ele:

É preciso recusar satisfazer a obrigação de identificação pelo intermédio e com o auxílio de uma certa forma de sexualidade. [...] porque me recuso a aceitar o fato de que o indivíduo pudesse ser identificado com e através da sua sexualidade.⁸⁸

Aristóteles chama de ‘acidente’. De acordo com Chalita,

Os seres e objetos também são determinados por seus **acidentes**: opostas à substância, as características acidentais são aquelas que não alteram a essência daquilo que um ser ou objeto é. Assim, a substância homem é sempre a mesma num indivíduo [...].⁸⁹

O sexo para os gregos não estava voltado apenas para realização e prazer do corpo, tinha uma conotação também pedagógica. Era um momento de apreciação do outro, que era também um dos critérios do cuidado de si. Como o indivíduo é um sujeito-assujeitado historicamente constituído, vê-se que, ali naquele sistema, estando sob uma condição de imposição e domínio, o corpo sendo usado adotava um padrão de *status quo* de valor que está abaixo de outro, ou seja, sendo mulher e escravo como sujeitos inferiores, assujeitados ao grau de inferioridade.

⁸⁴ I Timóteo 2:5.

⁸⁵ Ev. de João 4:24. Gn. 1:2.

⁸⁶ LESLIE, Robert C. *Jesus e a logoterapia: O ministério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2013. p. 13.

⁸⁷ FOUCAULT, 2011, p. 43.

⁸⁸ FOUCAULT, 2011. p. 338.

⁸⁹ ARISTÓTELES *apud* CHALITA, Gabriel. *Vivendo a filosofia*. São Paulo: Ática, 2005. p. 61.

Mas, o sujeito rapaz no *status quo* de grau de excelência, estando mais acima, de superioridade sobre eles. Quem estava em condição de liberdade - os homens livres – tinham o privilégio de si terem, porque sua condição de *status* era uma condição de igualdade, apenas apontando distância por situação relativa à idade e ao econômico. Estes funcionavam como condutores, guias para o comportamento de todos. Desta forma, cada um tinha função e condição específicas.

Nas culturas gregas e greco-romanas, o sujeito constitui-se na subjetivação na ostentação da liberdade e na realização de si, muito diferente do que veio a acontecer muito depois – em tempos modernos. De modo muito particular e específico, a produção do sujeito criou vínculos fortes junto ao conjunto de regras, normas e códigos morais.

O desenvolvimento da cultura de si não produziu seu efeito no reforço daquilo que pode barrar o desejo, mas em certas modificações que dizem respeito aos elementos constitutivos da subjetividade moral. Ruptura com a ética tradicional do domínio de si? É claro que não, mas deslocamento, desvio e diferença de acentuação.⁹⁰

Em direção contrária, ou seja, da modernidade à Antiguidade, através do cristianismo supostamente adulterado, Foucault questiona porque o sexo e tudo que está relacionado a ele passam agora a ser objeto de uma atenção e inquietação moral? O cuidado pelo valor ético passa a ser elemento de grande relevância em consideração ao cuidado moral vez que outros elementos indispensáveis e necessários à vida do indivíduo e do grupo, tais como o alimento do dia para a sobrevivência, assim como os deveres a prestar como cidadão. “[...] por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético tão insistente, apesar de variável em suas formas e sua intensidade? Por que essa “problematização”?”⁹¹

A problematização a que Foucault se refere, nas culturas gregas e greco-latinas, dizia-se estarem vinculadas moralmente às diversas formas de práticas cujo valor e cuja importância se haveria de observar nos grupos e nas sociedades, denominadas de “artes da existência”. Nestas os homens prendiam-se às regras de

⁹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 72.

⁹¹ FOUCAULT, 1984, p. 14.

condutas, desejavam modificar-se praticando a reflexão sobre o pensar e o discurso diante de si mesmo, dos valores estéticos e aos critérios de estilo de vida.

Com o surgimento do cristianismo, e nos nossos dias com a Igreja Cristã, essas “artes da existência” e “técnicas de si” deixaram escapar a autonomia e a sua importância ligada ao exercício de um poder pastoral e depois às práticas médicas, educativas e psicológicas. Nota-se então que há um movimento cheio de intenções na prática discursiva. Institui-se e instauram-se mudanças em relação às morais antigas que de forma morosa foram alargando seus passos e se fixando.

Pode-se dizer que há um desejo no indivíduo-sujeito assujeitado de ser um sujeito moral e ao mesmo tempo caminha em direção à ética da existência-finita buscando para si um sentido de liberdade e dar a si mesmo uma forma de vida própria. Daí a vontade de ser reconhecido pelos outros e querendo destaque, achando-se ser um modelo a ser seguido, ou seja, sendo ele obediente aos preceitos morais da própria vida experiencial.

Foucault apropria-se do termo *aphrodisia*⁹² para dizer como o comportamento sexual é formado como domínio de experiência moral no pensar grego. *Aphrodisia* significa atos, gestos, contatos que intensificam o modo de prazer. Ato, desejo e prazer são experiências que se ligam de forma consistente, mas facilmente são percebidos. Somente na ética do corpo-carne e no conhecimento da sexualidade há uma desagregação.

A “exclusão” do prazer evita a desvalorização moral estimulada pela pastoral cristã para seus fiéis não buscarem o intenso prazer sexual a fim de não se interessarem muito na sua prática sexual. Na verdade, trata-se de uma depreciação do conhecimento sistematizado, que se revela e é demonstrado apontando obstáculos ao prazer no que diz respeito à concepção da sexualidade. Assim, configura-se a problematização da vontade e do desejo com sua intensidade.

Nessa perspectiva, observa-se a gênese da declinação e empobrecimento da estrutura dos seres humanos, que diverge do natural, unindo-se a execução do ato a um prazer. “[...] o desejo, movimento dirigido por natureza para o que “dá

⁹² Foucault entende uma experiência, e uma experiência histórica: a experiência grega dos prazeres, distinta da experiência cristã da carne e daquela, moderna, da sexualidade. Os *aphrodisia* são designados como a “substância ética” da moral antiga.

prazer” [...].⁹³ No pensamento aristotélico é vista a crença de que o desejo é uma coisa agradável⁹⁴ não somente aos olhos, mas a todo o corpo-desejante. Já Platão afirmava que não pode haver desejo sem privação da coisa desejada.⁹⁵ O desejo vem quando se olha somente para a representação, o ícone, a imagem ou pela memória quando se abre para a lembrança da coisa que dá prazer. Então, o desejo de estar lá, na área de trabalho, na mente, na alma porque o corpo-recipientes é mumificado pela privação e só pelos sentidos a alma pode sentir e materializar a presença da ‘coisa’ desejada.

O que torna a parte essencial do objeto como base de reflexão moral para os gregos não é o ato em si, nem o prazer, nem o desejo, mas o movimento em movimento de união, que recebe no ato a satisfação pelo prazer que incita mais desejo(s).

⁹³ FOUCAULT, 1984, p. 42.

⁹⁴ FOUCAULT, 1984, p. 42.

⁹⁵ FOUCAULT, 1984, p. 42.

2 SEXUALIDADE

2.1 Sexualidade e os papéis sexuais

A ideia de *aphrodisia* para os gregos não propunha proibições, não existia manual ou cartilha de regras para serem seguidos, que é tão claro e visível quando se pensa sobre ‘carne’ ou sobre a sexualidade dentro do contexto cristão. O que se pode observar são os cuidados tais como: a maturidade para se casar e procriar obedecendo assim à ordem da natureza. “[...] Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a [...]”⁹⁶ Não temos aqui condições impostas como faz a igreja evangélica sobre a espiritualidade cristã. Não havia cautela, prevenção para obstar, interromper o que é real de todo o corpo, o desejo, essência da vida. Pode alguém obstar, impedir o desejo pelo ar, pela água, pela comida, pelo sono, pelo frio, pelo calor e pelo sexo?

Não temos no grego uma palavra substantivo que possa reunir uma ideia comum que se refira à sexualidade masculina e feminina. Os papéis são diferentes e separados, enquanto se apresentam com valores em direção contrária. Aristóteles apontava chamando de sujeito e objeto. “A fêmea enquanto fêmea é de fato um elemento passivo, e o macho, enquanto macho, um elemento ativo.”⁹⁷ A prática da vida, ou seja, o uso do “corpo-carne” é para todos os homens e mulheres, e somente os modos autenticam-se o ser diferente um do outro, mas é a “sexualidade” que faz a distinção entre o macho e a fêmea. Coisa própria dos seres humanos conscientes do que representam na Natureza. É o que são a partir da socialização entre si, fazendo cultura, fazendo história de si mesmos, se conhecendo no “corpo-carne”. Aqui, os *aphrodisia* não se confundem, são diferentes na função e papéis.

Entre homens e mulheres havia uma enorme diferença nas muitas e diversas sociedades da Antiguidade. Os homens adultos e livres eram chamados de “atores ativos” e os “atores passivos” eram os parceiros-objetos, sendo as mulheres consideradas parte de um conjunto mais extenso, que servia como ponto de referência para simbolizar objeto de prazer. Nessa condição estavam não somente as mulheres, mas os rapazes e os escravos.

⁹⁶ Gênesis 1:28b.

⁹⁷ ARISTÓTELES *apud* FOUCAULT, 1984, p. 45.

A prática sexual era vista como objeto muito importante nos seus diferentes modos e digno de apreço moral. Não se fazia julgamento como se fosse uma coisa ruim que fizesse mal, pelo contrário, era visto como objeto de reparação ou restabelecimento da coisa a que os seres humanos deviam dar atenção e ponderar como a maneira ou forma de ser mais perfeita ou preenchedora, total.

De forma geral, a atividade sexual é percebida como natural (natural e indispensável) posto que é por meio dela que os seres vivos podem se reproduzir, que a espécie em seu conjunto escapa à morte e que as cidades, as famílias, os nomes e os cultos podem se prolongar muito além dos indivíduos destinados a desaparecer. É entre os desejos mais naturais e necessários que Platão classifica aqueles que nos levam aos *aphrodisia*, e os prazeres que estes nos proporcionam tem como causa, no dizer de Aristóteles, coisas necessárias que interessam ao corpo e à vida do corpo em geral.⁹⁸

Sendo assim, o moralismo, para Foucault, não a moral, é um impedor da liberdade de se querer ser humano. Liberdade junto com responsabilidade é ser ético nas ações para com o outro, ou seja, na relação eu-tu. O moralismo exacerbado dentro da igreja cristã inibe e escraviza o ser humano, que deixa de ser Ser humano livre de si mesmo, passando a ser sujeito assujeitado do poder moral. Segundo Musskopf, “A cultura tenta domesticar e uniformizar a sexualidade por meio dos diversos códigos sobre a sexualidade”.⁹⁹

A atividade sexual é necessária à preservação da vida, não pode em hipótese alguma ser considerada como algo mau por ser inerente à própria constituição humana. A sexualidade do ser humano faz parte das suas necessidades fisiológicas e não está dissociada das outras necessidades. É inerente à própria constituição do sujeito que, por outro lado, dentro de alguns contextos culturais a sexualidade é tomada como objeto que sendo adestrado facilita o seu controle. É óbvio que, mesmo sendo necessária, ela é objeto de um cuidado moral, que requer limites na sua prática.

Pensar a moral sobre os *aphrodisia* não é querer colocar um código estrutural sistematizado. Deve ser vista a forma como o indivíduo-sujeito assujeitado dirige sua prática sexual, o sistema ou maneira de viver que ele si dá liberdade e torna obrigatórias as circunstâncias em que este indivíduo-sujeito assujeitado põe

⁹⁸ FOUCAULT, 1984, p. 46-47.

⁹⁹ MUSSKOPF, In: STRÖHER (Org.), 2004, p. 152.

em prática seus atos sexuais. Não se deve pensar em proibições para a prática sexual, mas pensar responsabilmente com inteligência sobre a forma, o modo como reparte, arremessa, fiscaliza e administra seus atos.

A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade.¹⁰⁰

No pensamento grego a liberdade propõe que o 'indivíduo-sujeito-assujeitado' seja livre, cultive e mantenha também a relação consigo mesmo. Sendo um ser livre não significa que a vida é só prazer e querer adotar um padrão de servo dos prazeres. Quem não consegue controlar seus impulsos (sexuais ou não) é intemperante. Sócrates o compara como o mais estúpido dos animais. Ele pergunta: "[...] pois, em que o homem intemperante supera o mais estúpido dos animais?"¹⁰¹ Neste caso a temperança é um elemento que o 'indivíduo-sujeito-assujeitado' pode ter como poder sobre si, ou seja, um tipo de autoridade moral. Temperança, domínio próprio, não é mais que a justiça, mais que a coragem ou mais que a prudência; é uma virtude, uma posição elevada para que se tenha domínio-controle sobre os outros indivíduos-sujeito.

Para Aristóteles não há igualdade ou semelhança de virtude entre homens e mulheres. Ele fala de essência que há plenamente no homem e que se encontra parcialmente na mulher. Para ele essa concepção de relação entre homem e mulher é puramente uma relação política. Os dois devem participar da mesma virtude para estabelecer uma satisfatória relação, mas é o homem e não a mulher quem deve comandar. Aristóteles então vai chamar de virtude ética. Mas Ströher afirma que: "O corpo não é algo separado de nossas subjetividades, das experiências cognitivas e afetivas, culturais, étnicas, religiosas, políticas, de nossas experiências cotidianas mais banais".¹⁰²

Para os homens, a temperança e a coragem são virtudes plenas e ponto final, para dirigir como superior. Para as mulheres, a temperança e a coragem são virtudes imperfeitas, pois requerem "subordinação". Elas só irão encontrar temperança e coragem perfeita como paradigma para si nos homens. Aristóteles

¹⁰⁰ FOUCAULT, 1984, p. 74.

¹⁰¹ FOUCAULT, 1984, p. 75.

¹⁰² STRÖHER (Org.), 2004, p. 107.

diverge da ideia socrática de que há uma unidade essencial virtuosa e de uma identidade. Homem é homem, Mulher é mulher (!).

Quanto à intemperança pode ser comparada com a feminilidade. Neste sentido, um homem que não tem controle dos seus atos e domínio (*akrasia*) é intemperante (*akolasia*). Este homem pode ser visto como feminino. Nas muitas sociedades modernas ou até mesmo em civilizações primitivas, as práticas sexuais como as de hoje são vistas por algumas sociedades, grupos ou igrejas evangélicas que a feminilidade do homem é vista como perversão-transgressão-pecado por estar fora dos padrões “normais” de seu papel sexual. Quando a Bíblia fala de homem efeminado¹⁰³, está se referindo àquele envolvido com as práticas domésticas e não somente conotação direta sobre vida sexual com papel feminino-fêmea-mulher.

Para os gregos, passividade e atividade no comportamento sexual conta como elemento importante a vontade contrária tanto quanto no que se refere às atitudes morais para com o domínio dos comportamentos sexuais, porque sendo este homem livre para escolher seu relacionamento com outro masculino sem a inferência ou suspeita de qualquer um que o veja como feminino. Para isto ele deve apresentar-se como ativo na relação sexual e que demonstre domínio de si. Por outro lado, aquele que não controla e domina suas intenções de prazeres não fica preocupado quem o vê como indivíduo-sujeito assujeitado “feminino”. A diferença entre um homem masculino-viril e um homem não viril-efeminado não é idêntico aos conceitos modernos de hoje no que diz respeito à condição de *hetero* ou homossexual. Observa Musskopf que: “O corpo foi definido de diferentes formas em diferentes períodos da história.”¹⁰⁴ O que não é positivo para os gregos não é o fazer sexo com o masculino ou feminino, ou o seu próprio consigo mesmo, é o querer optar pela passividade com relação aos prazeres do ‘corpo-carne’.

Já o temperante como indivíduo-sujeito assujeitado consegue controlar-dominar os prazeres e fica subordinado ininterruptamente ao indefinido *logos*. Então diz Aristóteles que o ser humano “só deseja “o que a justa razão (*orthos logos*) prescreve””.¹⁰⁵ Deste modo, a temperança reclama que o *logos* se apresente como poderoso acima ‘no ser humano’, para que os desejos sejam subordinados e o

¹⁰³ I Coríntios 6:10.

¹⁰⁴ MUSSKOPF, 2004, p. 149.

¹⁰⁵ ARISTÓTELES *apud* FOUCAULT, 1984, p. 79.

comportamento dominado-controlado, porque já no intemperante (sem disciplina/domínio/controlado) o que exerce intensidade de domínio e controle é o oposto.

No que diz respeito à relação do sujeito temperante com a verdade é que ele se firma e se forma, mas não guia e nem transporta para uma hermenêutica do sujeito, como é o caso da transcendentalidade ou espiritualidade cristã. Por outro lado, é deslocado para a satisfação ao compreender-se que há em si mesmo uma arte da sua própria existência. O permitir-se viver sem estar preso a regras e normas de condutas ou manual-guia de comportamentos, mas ao que é prazeroso co-ligado à temperança, estabelecendo controle e senso de responsabilidade para com suas práticas nas relações sexuais.

Foucault propõe uma “estética da existência”, ou arte da existência, não é o corpo-carne, mas a sua essência como pessoa, indivíduo-sujeito de si mesmo. O que seria? É um convite a refletir sobre si mesmo como sendo uma ‘obra de arte’, olhar para a vida como uma criação artística da natureza. É evidente que ninguém faz escolha para nascer ou ao nascer, num espaço vazio e ao mesmo tempo cheio de silêncio e de sentido do ser se veja no “estar-aí” que desconhece totalmente os movimentos que o conduz para as diversas camadas sociais, seja ela civil, política, religiosa, cultural, singular ou plural, profano ou sagrado, crente ou incrédulo, pertencente a uma igreja evangélica ou não evangélica.

Os pilares de sua sustentação são coisas de acontecimento real e que se mostram como domínio do saber e os aparelhos como dispositivos de poder enrijecem o indivíduo-sujeito a ser um assujeitado, ou seja, pensa ele que essas coisas são imutáveis, enquanto a história tem mostrado que as bases de sustentação sofrem mudança. Para Foucault a experiência histórica tem mostrado que as manifestações são formas de movimentos em todos os setores das sociedades e que se configuram em mudanças. Parece que essas igrejas evangélicas não querem mudar (!).

[...] toda teoria é provisória, acidental, dependente de um estado de desenvolvimento da pesquisa que aceita seus limites, seu inacabado, sua parcialidade, formulando conceitos que clarificam os dados – organizando-os, explicitando suas interrelações, desenvolvendo implicações – mas que,

em seguida, são revistos, reformulados, substituídos a partir de novo material trabalhado.¹⁰⁶

2.2 Pensamento clássico e a prática sexual

Os elementos do campo são formados por *aphrodisia*, que são atos que a natureza determina que sejam associados a um grande prazer. Eles estão presentes na prática sexual. A reflexão moral na Antiguidade tem relação com a estilização de atitudes e uma estética da existência. Não existiam correntes filosóficas, conselhos de regime, ou outros que diziam, com exatidão, o que era preciso fazer na ordem dos atos ou práticas sexuais. O que era relevante nessa cultura era o exercício da liberdade, manifestado no domínio de si, daqueles que se percebem enquanto sujeitos e se mantêm e se contêm no exercício da atividade viril e pela maneira que se relacionam consigo e com os outros.

Foucault, ao falar das proibições e do poder repressivo, mostrava-se inquieto com o discurso das “verdades” produzidas e analisava como o poder, especialmente no que se refere à sexualidade, produz discursos “verdadeiros”. É dentro da complexidade em que o poder atua que somos despertados a reconhecê-lo não somente como algo que simplesmente reprime ou nega a sexualidade. O poder deve ser compreendido na sua complexidade. “Onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro.”¹⁰⁷

Através da sexualidade são criadas várias estratégias que garantem o controle dos indivíduos com maior eficácia. O homossexualismo pode ser visto também como uma forma de dominação saber-poder: quem tem o falo, tem o poder (representado pelo órgão genital masculino).

Não existem elementos que coloquem limites no poder. Pensar no poder como algo que simplesmente reprime a liberdade é talvez uma de suas estratégias para que o seu alcance seja maior. O discurso jurídico e as leis não mais o representam. Por volta do século XVIII, o poder com suas novas tecnologias passam por cima de qualquer limite para manter o controle de cada indivíduo dentro das sociedades. O ser humano da atualidade é na percepção foucaultiana, dominado e

¹⁰⁶ FOUCAULT, 1979, p. XI.

¹⁰⁷ FOUCAULT, 1988, p. 89.

condicionado por leis, regras e normas de poder. A história da sexualidade sofre também com os controles do poder. Foucault diz que: “Em todos os domínios da sociedade, a sexualidade torna-se o dispositivo geral explicando o conjunto da personalidade humana”.¹⁰⁸

O aparelho de sexualidade, que foi introduzido em nossa sociedade contemporânea nos serve como elemento para analisar de maneira minuciosa como se atua as relações de poder. A expressão “dispositivo” usada por Foucault significa aparelhos que caracterizam os diversos mecanismos de poder, com suas estratégias sobre a sociedade normatizando-a. Este aparelho atua como

[...] grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.¹⁰⁹

Para Foucault, o dispositivo/aparelho é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.¹¹⁰

Os saberes científicos e ou filosóficos são elementos que compõem as práticas discursivas. Esses são o que podemos dizer que são o dito do dispositivo/aparelho. Nas instituições, as práticas não discursivas são materializadas nos aparelhos criados para controlar os indivíduos através de decisões permeadas de regras e leis que estarão gerenciando as condutas dos indivíduos. No dito é visto o não dito do dito, ou seja, espaço no e do vazio do silêncio que não existe na palavra do discurso. De acordo com Foucault, desde o século XVII, todo o nosso comportamento sexual na sua forma experimental está sob as várias tipologias de aparelhos que reprimem, censuram e controlam de certa forma os ditos nas palavras, assim como suas ações.

¹⁰⁸ FOUCAULT, 2011, p. 336.

¹⁰⁹ FOUCAULT, 1988, p. 100.

¹¹⁰ FOUCAULT, 1979, p. 244.

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar [...].¹¹¹

Ele não é um historiador repetidor da história-fato-narrado, e sim um ‘geneólogo’¹¹² que olha por cima do ombro e é capaz de ver e ler nas entrelinhas o poder-saber como um aparelho/dispositivo ideológico que toma forma de poder dominar e controlar. Para ele é preciso querer saber a ‘origem’ dos fatos, a sua história. Pensou num projeto: “Projeto este que deixou de considerar a história de uma ciência como o desenvolvimento linear e contínuo a partir de origens que se perdem no tempo e são alimentadas pela interminável busca de precursores.”¹¹³

Para o autor deste trabalho, Genealogia é um projeto de Foucault que nos remete a pensarmos numa ideologia: “cruzamento-concepção-gestação”. Em seguida o parir, o sofrer, o dar a luz a um conjunto de regras que formam a base, os pilares do poder em nome dos saberes instituídos. E não segue os fatos cronologicamente falando. Ele precisa dos fatos históricos, e com o seu olhar “biônico-raios-X” enxerga a alma, o espírito, a essência da história. O que está por trás, por dentro e si permeando nas palavras ditas no discurso ideológico-alienador-opressor da sexualidade. Assim a história sobre a sexualidade passa pelo processo de uma gestação para tornar-se saber-poder para dominação.

Nas palavras em que narra o fato – o histórico, elas não dizem tudo –, ele busca então dizer o que não foi dito. As palavras não ditas significam o silêncio da própria palavra em ocultar a “verdade”. A palavra é criadora. Por sê-la, então, diz e não-diz. Foucault fica inquieto e propõe a análise investigativa da história na própria história, ou seja, as palavras vindas no discurso à sombra do poder pelo saber-poder. Será a sombra das intenções que guiará a vontade e os desejos do sujeito oprimido ou controlado-castrado.

¹¹¹ FOUCAULT, 1988, p. 109.

¹¹² Para o autor desta dissertação, Genealogia para Foucault aqui não são escavações para encontrar tesouros, achados e perdidos, mas movimentos históricos no tempo e no espaço sem data, sem ponto localizado, é o acontecer em ciclo constante. Sua gênese, portanto. Foucault substitui a expressão arqueológica/arqueologia por genealogia. É um geneólogo então.

¹¹³ FOUCAULT, 1979, p. VII.

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso.¹¹⁴

Para Foucault, portanto, é necessário que se faça uma nova reflexão, um novo olhar sobre o fato sexualidade, por ter-se observado que nos séculos passados (os três últimos) colocaram-se sexo e sexualidade como objetos presos a uma rede de discursos, instigando-os a mostrar-se em todo tempo. O indivíduo é impelido estrategicamente a confessar, falando da sua sexualidade para depois ser reprimido.

É deste modo que a sexualidade estabelece as relações de poder em poder assim fabricar discursos, que se organizam gerando “verdades” a respeito do sujeito-indivíduo-assujeitado colocando sobre ele domínio. Por este motivo, observa-se que há na sexualidade as relações de poder e produção de discursos com mecanismos que serão utilizados com certo esforço de dominação e obrigação.

A ideia de poder na sexualidade para Foucault é contrária ao que ele chama de “hipótese repressiva”. A partir do século XVII, período em que houve uma grande repressão sexual e que por outro lado se falava dele através das proibições, das censuras, das interdições e até mesmo do silêncio - que não se podia falar. Foucault percebe que neste período é onde mais se criou situações estratégicas para que o indivíduo falasse da sua sexualidade e também vigiasse e falasse sobre a sexualidade do outro. Em especial do seu cônjuge. “O sexo dos cônjuges era sobrecarregado de regras e recomendações. A relação matrimonial era o foco mais intenso das constrições [...]”.¹¹⁵ Acontece, porém, o que ele chama de “explosão discursiva”. “Sobre o sexo, os discursos – discursos específicos, diferentes tanto pela forma como pelo objeto – não cessaram de proliferar: uma fermentação discursiva que se acelerou a partir do século XVIII.”¹¹⁶

Sobre o sexo reprimido constata-se a sua historicidade marcada por manipulação de discurso dentro de uma sociedade capitalista, fazendo funcionar o poder. Assim, dentro deste contexto o sexo proibido é provocado para ser revelado e mostrado como objeto que desperta o desejo de saber pela “vontade de saber” utilizando a curiosidade, estabelecendo dessa forma uma base de poder.

¹¹⁴ FOUCAULT, 1988, p. 21.

¹¹⁵ FOUCAULT, 1988, p. 38.

¹¹⁶ FOUCAULT, 1988, p. 22.

Pode-se pensar em hipótese repressiva, como poder que manipula o sexo e suas funções que se mostra focado essencialmente na lei e na sua execução. Desta forma, “[...] criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular”.¹¹⁷ A sutilidade do discurso na repressão é também uma das manobras utilizadas pelas instituições dentro das sociedades tendo seu lugar garantido para dominar e se autossustentar.

De acordo com Bonato,

Na Idade Média, havia um discurso unitário sobre o sexo, pautado nos pecados da carne, da volúpia, do sacrilégio”. Pecados que precisavam ser confessados para serem perdoados [...] O discurso cristão foi, aos poucos, sendo rompido e/ou diversificado pelo discurso científico, que não deixou, no entanto, de aproveitar do referido discurso o que lhe interessava. Ou seja, o discurso unitário da Idade Média em torno da sexualidade foi, paulatinamente, se fragmentando nas diversas ciências surgidas, cada qual discutindo de acordo com o seu “olhar” teórico, sua lógica própria de sujeição, procurando dar respostas para questões que até então não passavam de mais um fato do cotidiano.¹¹⁸

Ao longo do tempo o discurso permaneceu com poder e depois foi tomando direção para a dispersão e tomou forma em “[...] discursividades distintas [...]”,¹¹⁹ criadas através de procedimentos capazes de incitar os indivíduos a falar, confessando da sua sexualidade. Conforme Foucault:

A Idade Média tinha organizado, sobre o tema da carne e da prática da confissão, um discurso estreitamente unitário. No decorrer dos séculos recentes, essa relativa unidade foi decomposta, dispersada, reduzida a uma explosão de discursividades distintas, que tomaram forma na demografia, na biologia, na medicina, na psiquiatria, na psicologia, na moral, na crítica política.¹²⁰

A sexualidade transformada em discurso passa a ser um instrumento de alcance de todos, para ser usado como aparelho de controle, cuja preocupação é de fazer o indivíduo falar e que através da escuta se obtém material que será usado para desenvolver uma moralidade sexual ampla, de forma coercitiva, para que todos sejam atingidos e condenados pelo falar – ato de confessar. Sobre isto, assevera Foucault dizendo que:

¹¹⁷ FOUCAULT, 1988, p. 34.

¹¹⁸ BONATO, Nilda Marinho da Costa. *Pesquisas em Educação/ Organização* Guaracira Gouvêa. [et al.], Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 139.

¹¹⁹ FOUCAULT, 1988, p. 35.

¹²⁰ FOUCAULT, 1988, p. 35.

Em vez da preocupação uniforme em esconder o sexo, em lugar do recato geral da linguagem, a característica de nossos três últimos séculos é a variedade, a larga dispersão dos aparelhos inventados para dele falar, para fazê-lo falar, para obter que fale de si mesmo, para escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz.¹²¹

Nota-se que é na pedagogia que acontece a inauguração e o surgimento de uma educação sexual debaixo de fortes e rígidos controles com medidas disciplinares sobre os indivíduos. Na medicina, manufaturam-se não com as mãos, mas, ideologicamente as anomalias com combinações rígidas nos tratamentos médicos. E registre-se. É na justiça que as consequências de tais anomalias apontam para um significado número de condenações ditas judiciárias e daí o surgimento de perversões sexuais. Chauí descreve este fenômeno da seguinte forma:

A pedagogia, encarregando-se da criança; a medicina, das mulheres; a psiquiatria, da degenerescência; a economia-demografia, da população; e o Estado, da “moralização dos costumes sexuais dos pobres”, fizeram da família não o lugar da repressão, mas o espaço fundamental da sexualização dos corpos e de todas as práticas que, aparentemente, ferem a vida familiar.¹²²

Muitos são os saberes e esses produzidos pelos discursos, fundando-se na(s) sociedade(s), diga-se ocidental, e que foi denominada de *sciencia sexualis* por Foucault; ou seja, um aparelho de sexualidade que gerou uma verdade e criou um discurso científico ‘em cima’ do sexo (!).

[...] só a nossa desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade do sexo, procedimentos que se ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão.¹²³

Deste modo, o sexo é visto como objeto de conhecimento de uma ciência, ou seja, da confissão, que caminha por procedimentos ‘técnicos’ nas salas de interrogatórios, gabinetes, consultórios, entrevistas, etc., onde se fazem acontecer o falar e o confessar. Usando essa técnica, o indivíduo-sujeito-assujeitado ‘desencobre’ e ‘revela’ suas ditas “verdades em si”. Neste momento de confissão, o sujeito é **examinado**-julgado-condenado-punido (se-si-confessa) ou para morte ou

¹²¹ FOUCAULT, 1988, p. 35.

¹²² CHAUI, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (dês)conhecida*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 185.

¹²³ FOUCAULT, 1988, p. 57-58.

para vida; é perdoado e/ou classificado, consolado para ser livre ou livre-assujeitado das confissões.

Percebemos que, para Foucault, esta ciência chamada de sexual não é separada da relação saber-poder-prazer. Há prazer em ter o saber-poder sobre o sexo, a sexualidade para a prática da vigilância, da fiscalização e poder punir e controlar. Saber-poder-prazer forma a tríade, um movimento, um ciclo na vida do sujeito e do sujeito-assujeitado. Cabe-lhe resistir ou transgredir ou escapar do controle. Diz Foucault: “O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar.”¹²⁴ Neste sentido, Foucault ‘caminha’ e mostra que nas discussões das articulações dos diversos terrenos do saber movimentam-se de mãos dadas: o prazer e o poder.

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. Poder que se deixa invadir pelo prazer que persegue e, diante dele, poder que se afirma no prazer de mostrar-se, de escandalizar ou de resistir.¹²⁵

Para Foucault,¹²⁶ pensar em aparelho de sexualidade é pensar em estratégia para a produção do sexo tendo-o como fim de saber-conhecimento. E essa fabricação de saber-conhecimento precisa de recursos tais como interrogatórios, hipnose, associações livres, entre outros, para os passos largos e morosos se desenvolver e alcançar seu objetivo que é fazer o indivíduo lembrar e falar através dos recursos acima a ser empregados.

Foucault¹²⁷ ainda diz que outro meio é o argumento demonstrado pela *causalidade geral e difusa* [sic], ou seja, o sexo pode ser causa de tudo, desde a apoplexia até a degenerescência da raça. Outro, “é o *princípio de uma latência intrínseca à sexualidade*”. [sic]¹²⁸ Vale dizer que o “[...] sexo é obscuro”,¹²⁹ ou seja, ele não diz o que verdadeiramente é e, desse modo, o que não parece ou se manifesta como sexual no primeiro momento pode em seguida muito bem sê-lo.

¹²⁴ FOUCAULT, 1988, p. 45.

¹²⁵ FOUCAULT, 1988, p. 45.

¹²⁶ FOUCAULT, 1988, p. 64.

¹²⁷ FOUCAULT, 1988, p. 64.

¹²⁸ FOUCAULT, 1988, p. 65.

¹²⁹ FOUCAULT, 1988, p. 65.

Em seguida, Foucault¹³⁰ fala que há também “o método de interpretação”. [sic] O que é dito como a verdade do sexo não está só e unicamente no sujeito-assujeitado, mas também naquele que escuta, tais como: o padre, pastor, psiquiatra, psicanalista, professor, entre outros. Aqui, porém, a “verdade” é objeto hermenêutico, ou seja, é decifrado por quem fala e por quem escuta.

Outro recurso de que fala Foucault¹³¹, é a “*medicalização dos efeitos da confissão*”. [sic] Isto significa dizer que a medicina faz da confissão objeto de cura e se torna necessária para tal, e assim classificam-se as anomalias conforme confessado também nas chamadas terapias. A Igreja Cristã postula que seus adeptos confessem para serem curados, pois ela se diz também ser agência terapêutica. Diz Foucault: “A verdade cura quando dita a tempo, quando dita a quem é devido e por quem é, ao mesmo tempo, seu detentor e responsável.”¹³² Mais uma vez é autenticado que, quem tem o saber-conhecimento, tem o poder e pode curar o confessor.

Além dos recursos apresentados por Foucault, apontados acima, ele ainda nos convida a pensar nos “grandes conjuntos estratégicos: Histerização do corpo da mulher, A pedagogização do sexo da criança, Socialização das condutas de procriação e Psiquiatrização do prazer perverso”.¹³³

Quanto à “histerização do corpo da mulher”, ele é considerado como fardo de sexualidade, e passa a ser separado, discriminado, ocultado, e que, segundo Foucault, foi analisado através de discursos médicos, por “[...] uma patologia intrínseca a ele” e sendo colocado em “comunicação orgânica com o corpo social [...]”.¹³⁴ Por este argumento explica-se a “mulher-nervosa” como a forma mais visível desta histerização¹³⁵, daí, Chauí apresentar três possibilidades de modo de sexo: “[...] como algo comum ao homem e à mulher; como o que pertence por excelência ao homem e falta à mulher; mas ainda o que constitui, por si só, o corpo da mulher, tanto para ordená-lo à reprodução quanto para perturbá-lo”.¹³⁶

¹³⁰ FOUCAULT, 1988, p. 65-66.

¹³¹ FOUCAULT, 1988, p. 66.

¹³² FOUCAULT, 1988, p. 66.

¹³³ FOUCAULT, 1988, p. 99-100.

¹³⁴ FOUCAULT, 1988, p. 99.

¹³⁵ FOUCAULT, 1988, p. 99.

¹³⁶ CHAUI, 1984, p. 185.

Sobre “*a pedagogização do sexo da criança*” [sic]¹³⁷ ela é vista, nesta estratégia, como uma reprodução que se sustenta afirmando pelo que parece que quase todas as crianças se dão ou podem se dar a uma atividade sexual e que esta pode configurar em perigos físicos ou morais, tanto para com os indivíduos como para os grupos. Daí, Foucault dizer que:

Os controles da masturbação praticamente só começaram na Europa durante o século XVIII. Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos.¹³⁸

Pensando em uma sociedade organizada, grupos de controle, tais como pais, educadores, médicos, terapeutas, padres, pastores, etc., adotam a postura e desempenham o papel de cuidar e ensinar sobre o sexo às crianças com a intenção de “livrá-las” de perigos sexuais. Exemplo: o onanismo. De acordo com Foucault:

[...] o corpo da criança vigiada, cercada em seu berço, leito ou quarto por toda uma ronda de parentes, babás, serviçais, pedagogos e médicos, todos atentos às mínimas manifestações de seu sexo, constituiu, sobretudo a partir do século XVIII, outro “foco local” de poder-saber.¹³⁹

Quanto à “*socialização das condutas de procriação*” [sic], Foucault¹⁴⁰ diz que são dadas aos casais responsabilidades sociais e médicas. A preservação da espécie humana sofre um controle social de forma cuidadosa, com a intenção de livrar dos perigos que o sexo descuidado poderia trazer. Diz Foucault: “Mas a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo...”¹⁴¹ Por causa disso, houve a necessidade do controle e da socialização da procriação. Controle demográfico, através de “[...] incitações, ou freios, à fecundidade dos casais”¹⁴², pelo Estado e pela medicina, e pela Igreja Cristã.

¹³⁷ FOUCAULT, 1988, p. 99.

¹³⁸ FOUCAULT, 1979, p. 146.

¹³⁹ FOUCAULT, 1988, p. 94.

¹⁴⁰ FOUCAULT, 1988, p. 99.

¹⁴¹ FOUCAULT, 1979, p. 146-147.

¹⁴² FOUCAULT, 1988, p. 99.

Por último, Foucault fala da “*psiquiatrização do prazer perverso*”.¹⁴³ É biológico – natural – e psíquico – mente/área de trabalho - o instinto sexual dos seres humanos. Com o surgimento da clínica surgem também as hipóteses diagnósticas sobre as anomalias sobre o sexo e que podem afetá-lo. Daí surgem os conceitos de “normalização e patologização atribuídos às condutas e o surgimento de uma tecnologia corretiva para tais anomalias”.¹⁴⁴ Dito isto, o sexo com suas funções biológicas e fisiológicas dão sentido e finalidade à natureza humana como elemento de prazer e para a preservação da espécie, não cabendo nenhuma censura ou nenhum controle pelas instituições de poder. Por conta disso, as causas externas produzem as tais anomalias-perversões. O sexo é função e “instinto”, embora historicamente a sexualidade tornou-se elemento “sujeito-assujeitado” das instituições de poder. De acordo com Musskopf, “Para ser domesticado, o corpo também foi fragmentado”.¹⁴⁵

Vale dizer que, diante dessa teoria e a prática de suas ações, um aparelho é posto e imposto na sociedade, “normalizando” a conduta do indivíduo (sujeito-assujeitado) e, de modo geral na sua gênese, de todo o corpo social, criando indivíduo e sujeito necessários a ela. Instituições tais como escola, hospital, prisão, quartel e a Igreja Cristã são, segundo Foucault, micro espaço de poder nos quais o aparelho se faz presente, por ser um aparelho histórico que se materializa como base de poder.

Não era proibido falar da sexualidade a não ser para proibi-la através do discurso e por meio das instituições. Toda história, para Foucault, é “[...] a história política de uma produção de “verdade””.¹⁴⁶ Segundo ele, “A verdade, espécie de erro que tem a seu favor o fato de não poder ser refutada, sem dúvida porque o longo cozimento da história a tornou **inalterável**”.¹⁴⁷ Podemos dizer que não há absolutização de nenhuma verdade, visto que para Foucault uma verdade dita sofre desdobramento e se torna vulnerável. Contem nela o que ele chama de erro e que não deve ser contestada. Diz ele:

¹⁴³ FOUCAULT, 1988, p. 100.

¹⁴⁴ FOUCAULT, 1988, p. 100.

¹⁴⁵ MUSSKOPF, In. STRÖHER (Org.), 2004, p. 150.

¹⁴⁶ FOUCAULT, 1979, p. 230.

¹⁴⁷ FOUCAULT, 1979, p. 19.

E além disto a questão da verdade, o direito que ela se dá de refutar o erro de se opor à aparência, a maneira pela qual alternadamente ela foi acessível aos sábios, depois reservada apenas aos homens de piedade, em seguida retirada para o mundo fora de alcance, onde desempenhou ao mesmo tempo o papel de consolação e de imperativo, rejeitada enfim como ideia inútil, supérflua, por toda parte contradita – tudo isto não é uma história, a história de um erro que tem o nome de verdade? A verdade e seu reino originário tiveram sua história na história.¹⁴⁸

A forma, como é construída, só é possível através do discurso; fazer as interdições para saber e poder exercer o poder. Só se percebe esta ideologia presente na história diagnosticando-a. O olhar tem que ser altamente crítico sem sair da trilha, do caminho traçado pelo “discursante”. “O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso.”¹⁴⁹

A preocupação deste filósofo, em apresentar a “verdade” no discurso, é um convite a refletir sobre o saber-poder na história. Com que direito se julga e condena alguém, sua sexualidade, seu ser, aquilo que lhe foi outorgado como um bem supremo – o sexo – o prazer? Só pelo fato de impor-lhe o controle através do saber-poder? Isto é blasfêmia contra a natureza criadora da liberdade.

Para Bergesch, “[...] o corpo de cada indivíduo passa a receber as marcas da história / a história fica marcada no corpo do indivíduo através do delineamento do corpo, [...] o corpo é o lugar de escrita na história”.¹⁵⁰

O aparelho de sexualidade inscreve-se nas mais diversificadas convivências de poder existentes na sociedade. E parece seguir uma ordem genealógica-histórica. É do pai e da mãe para o filho e a filha, do homem para a mulher, do professor para o aluno, do médico para o paciente, do pastor para com o membro da Igreja, do governo para com o povo, os cidadãos controlados. É desta forma que a sexualidade com seus percursos e manobras se tornou um instrumento eficaz para controlar os indivíduos dentro de seus grupos ao longo dos séculos.

Nesta perspectiva, é imprescindível notar que esses instrumentos e as formas de usar os aparelhos como estratégias produziram a sexualidade dos indivíduos, até hoje como ‘caminho sem volta’. Quem sabe só a tomada de consciência sobre a liberdade de si e o cuidado de si, e do seu corpo, e da sua

¹⁴⁸ FOUCAULT, 1979, p. 19.

¹⁴⁹ FOUCAULT, 1979, p. 230.

¹⁵⁰ BERGESCH, 2004, p. 199.

sexualidade, se compreender que religião é liberdade e não escravidão. Mas também conduta, ética, valores para a manutenção da vida e não moralismo exacerbado. O Evangelho também está na religião e segundo as Escrituras é o “poder de Deus” que proporciona bem estar nos indivíduos e não fardo ou jugo que lhe tira sua humanidade.

Então, no lugar de uma repressão sexual, o que há é uma “produção” da sexualidade. Produção de todo um saber-conhecimento que como poder usa o aparelho discurso para dizer o que é verdadeiro ou falso sobre o sexo. Para que então conhecimento acerca do comportamento sexual dos indivíduos? Para controle, dominação e poder para julgar, condenar e punir. Isto a Igreja Cristã sabe saber-conhecer muito bem. Pois, desta forma, com o surgimento das diversas “tecnologias disciplinares” em constante atividade, possibilita o controle e a dominação sobre os indivíduos adentrando nas suas privacidades no que diz respeito ao corpo e conseqüentemente no controle do sexo, fazendo desse indivíduo um sujeito com um “corpo dócil”, ou seja, domesticado para satisfazer os desejos de quem tem o poder-saber.

2.3 Repressão da sexualidade pelas instituições religiosas

A repressão sexual é mantida pelas regras proibidoras dentro de uma sociedade em que seus membros reconhecem como guia de conduta para si, no tocante às práticas sexuais permitidas ou proibidas. Religião, moral e direito são definidos a partir do discurso que cada sociedade, grupo ou comunidade emprega para dominar ou controlar seus indivíduos livres-presos a um determinado sistema ideológico. Porém, há quem pregue com seu discurso ideológico-religioso que toda e qualquer forma de prazer sexual fora de “padrões estabelecidos” (!), ou seja, padrão estabelecido de acordo com o seu senso comum “espiritualizado” de moralismo por alguns líderes religiosos será vista como imoral, anormal, erro, mau, se a intenção foge à regra da procriação como preservação da espécie. O apóstolo São Paulo¹⁵¹ afirma que o sexo no casamento não deve ser evitado pelo casal, contanto que cada um retribua ao outro o direito do prazer e não lhe seja negado um ao outro. Aqui não aparece padrão ou forma de prazer sexual. O casal ou as pessoas são livres para todo e qualquer prazer, inclusive o sexual.

¹⁵¹ I Coríntios 7:3,5ss.

O conceito que a Igreja Cristã tem sobre o sexo se baseia na ideia de que sexo é pecado. As instituições religiosas, na sua maioria, através do discurso-sermão, proíbem toda e qualquer conotação voltada ao sexo como algo feio, nojento, imoral, pecaminoso. O discurso está sustentado em passagens bíblicas que não têm nada a ver com pecado, e a expressão muito usada é fornicação. Este termo é muito usado pelos fiéis, mesmo não ‘conhecendo o seu sentido-significado. Eles apenas repetem: *fornicar é pecado*. É uma conotação carregada de sentimento de repressão e, conseqüentemente, de culpa.

Cabe aqui um exemplo de confissão em um aconselhamento pastoral: “Aconteceu e foi muito interessante perceber e estabelecer a diferença entre a orientação psicanalítica e o aconselhamento pastoral. Fui procurado por uma jovem mulher, acompanhada do seu companheiro-namorado-marido. Esta encaminhada por um colega pastor para que eu aconselhasse devido seu estado de profundo sentimento de culpa. Sua queixa era porque tinha sido descoberto pela liderança da igreja que ela não era casada no civil e que morava junto com um jovem rapaz (seu marido), e exercia na igreja a função de professora das crianças da EBD (Escola Bíblica Dominical) e por conta disso fora excluída do rol de membros daquela igreja.

Após ouvi-la sobre sua queixa e observar seu estado emocional psicologicamente falando, fitei nos seus olhos e constatei que ela trazia marcas profundas, ao que pensei e inferi: Puxa vida! Que soco violento ela recebeu desse sujeito!! Pensei sobre o seu companheiro. Mas foi só inferência, julgamento precipitado. Pois quando sinalizei que ela, ao invés de curtir a vida com o seu companheiro, estava preocupada com a EBD, eu quebrei as regras da psicanálise e até do aconselhamento e fui diretivo usando da pura racionalidade dizendo para ela perguntando: Quem é esse rapaz? Meu companheiro, ela respondeu. Então menina, disse eu: Quer saber, esqueça a EBD, esqueça a igreja, vá para casa, se jogue na cama e convide para cima de você o seu companheiro e goze, procure ser feliz. Essa sua igreja só fará você sofrer. Do que adianta pensar na EBD, nas crianças e sofrer o que está sofrendo?

Incontinentemente aconteceu o que eu nunca não tinha visto antes. As marcas tipo hematoma desapareceram imediatamente e brotou do seu rosto sorriso diferente de como ela tinha chegado. Eu fiquei perplexo e pensei no que disse. O que fiz?! Ela sorriu largamente, levantou-se e disse para o companheiro: Vamos, amor! Olhando

para mim disse: Oh! Pastor, muito obrigada de coração, viu! Pensei então: eis a questão “tudo principia em saber ouvir” e “às vezes você faz coisa sem saber por que”.¹⁵² Um ano depois eu já não me lembrava do episódio quando foi anunciado pela secretária da igreja que havia um rapaz querendo falar comigo. Pedi que o deixasse entrar.

Levei alguns minutos para me lembrar daquele rosto que parecia familiar. Perguntou ele: O senhor lembra-se de mim? Pensei um pouco e respondi: Claro que sim! E falou um pouco sobre o dia em que estivera com a sua companheira ali conversando comigo. Ah! Sim, me lembro. Tudo bem com vocês? Perguntei. E ele me disse: Pastor, duas coisas para falar com o senhor. A primeira, eu gostaria de saber se o senhor faria o nosso casamento? Sim, sim por que não? E mostrou-me um documento do cartório.

A segunda, eu trouxe para lhe mostrar. Enfiou a mão no envelope que trazia, tirou de dentro uma foto onde estava registrada aquela jovem mulher amamentando uma recém-nascida. E eu imediatamente pensei e falei para ele: Então vocês naquele dia foram para casa e namoraram mesmo não foi? Ao que ele sorrindo de felicidade respondeu: Ah! Pastor foi muito legal. A conversa que o senhor teve com ela ajudou e muito...

E ele me pediu orientação porque estavam desejosos de procurarem outra igreja. Ao que recomendei dizendo: Antes de se filiarem a uma igreja procurem o pastor e converse sobre a situação de vocês. Soube depois que procuraram outra igreja e conversarem com o pastor, sendo acolhidos até o dia de hoje”.¹⁵³ O pastor deverá ser aquele que ““cria” coisas [...] para abrir os corações das pessoas”.¹⁵⁴

Quando pensamos em história devemos necessariamente estar apercebidos que não temos condições e não existem elementos que nos mostrem a origem fundante de todas as coisas. É na história contada, confessada pelo indivíduo que encontramos a “alma”, a origem das coisas. Quando conhecemos a história, ou adquirimos conhecimento de algo, podemos sentir alegria, tristeza, etc., mudamos ou podemos mudar a realidade nossa e do outro.

¹⁵² A VIDA no paraíso. Direção de Kay Pollak. Produção de Andres Birkeland e Goeran Lindstroem. Suécia: Sonet Film, 2004. 1 DVD (132 min.), color.

¹⁵³ Relato de um aconselhamento pastoral pelo autor deste trabalho.

¹⁵⁴ A VIDA no paraíso, 2004.

Apesar de Foucault chamar a atenção sobre a confissão e que dá poder por saber do indivíduo sobre sua história, aqui se valida o poder transformador e renovador de libertação da opressão psíquica que aquela igreja causou por muito tempo àquela jovem mulher. A Igreja poderá ser vista como instrumento e recipiente terapêutico, ou não (!).

A função do pastor é cuidar do estado de sua “ovelha”. De acordo com o escritor bíblico, lemos:

Cuide das suas ovelhas e do seu gado o melhor que puder porque tanto as riquezas como os governos não duram para sempre. Primeiro, você corta o feno; depois, corta o capim dos montes enquanto espera que o feno cresça de novo. Aí você pode fazer roupas com a lã das suas ovelhas e comprar mais terras com o dinheiro que ganhou com a venda de alguns cabritos. E as cabras darão leite com fartura para você e para a sua família e também para as suas empregadas.¹⁵⁵

Hermeneuticamente falando, o texto acima deve ser visto e entendido como um sentido histórico literal. Para hoje, portanto, a compreensão de “ovelha” deverá ser no sentido ‘espiritual’; ou seja, as pessoas que congregam as instituições chamadas de Igrejas Cristãs e que recebem carinhosamente a nomenclatura de “ovelha”, e que são pastoreadas pelo pastor.

O líder religioso na função de pastor está comprometido a guiar, ser “guia espiritual”, conduzir o indivíduo “ovelha” a trilhar no caminho dos valores éticos e morais. Primeiro procurando cuidar de si mesmo – para poder então cuidar do outro. – Para que isto aconteça verdadeiramente como sujeito-guia, é necessário que ele também aprenda a conhecer a si mesmo.

Então duas questões básicas e importantes para o exercício do seu ministério: conhecer a si mesmo e cuidar de si mesmo. Assim, ele poderá equipar os crentes, homens e mulheres separados para a vida cristã e para o exercício do ministério em comunidade, na comunidade e para a comunidade.

Os indivíduos que vivem em seus conflitos existenciais em condição contrária ao ideal estabelecido pela sociedade são aqueles que mais precisam das nossas atenções: amor e cuidado! Se o indivíduo procura a igreja e o pastor porque precisa de ajuda, porque vive o conflito da sua sexualidade por ser homossexual, o

¹⁵⁵ Provérbios 27:23-27. Na versão Bíblia Linguagem de Hoje o versículo 23 foi traduzida como: “Procura conhecer o estado das tuas ovelhas; põe o teu coração sobre o gado”.

papel e tarefa da igreja e do pastor é ajudá-lo a ser feliz, é conduzi-lo em direção à felicidade para resolver os seus conflitos internos e aprender a passar a viver a vida que é sua somente sua, sujeito de si mesmo em relação à alteridade de si e do outro vivendo a liberdade!

O pastor como líder religioso (espiritual) deverá defender veementemente o direito ao padrão individual de virtude e moral e, ao mesmo tempo, considerar os atos injustos como uma abominação ao próximo e que conseqüentemente fere a santidade de Deus.

O importante não é o discurso, mas a sua prática, modo e estilo de vida como cristão que faz a diferença, não se esquecendo da sua humanização, porém, os erros cometidos deverão servir de estímulos e lição para a vida não se apresentando como super ser humano, mas como sujeito responsável pelos seus próprios atos. Todos devem ter consciência que são “livres para tomar suas decisões”¹⁵⁶.

Valores deverão ser estabelecidos como forma de limite em relação ao outro. O líder religioso/pastor deve estar apercebido de que os princípios morais da nossa sociedade passam constantemente por profundas transformações. Dessa forma, suas práticas e opiniões não devem estar fundamentadas em doutrinas baseadas numa tradição cheia de moralismo. Ser humano é e sempre será ser humano dentro ou fora da Igreja. Nunes observa que:

Os processos intelectuais são altamente complexos e ocupam um papel central na investigação psicológica. Formular uma hipótese, desenvolver uma estratégia e finalmente selecionar operações, ou táticas definidas para a solução do problema, não são tarefas tão fáceis para o líder religioso.¹⁵⁷

Há uma complexidade em torno de alguns valores porque existem elementos culturais em cada sociedade que devem ser observados. Desse modo, é de extrema importância que o líder/pastor conduza a igreja a refletir sobre as suas ações dentro e fora dela, que corrobore com uma vida cristã mais saudável, ou seja, um relacionamento mútuo e mais digno. Cada membro deverá comprometer-se com

¹⁵⁶ LESLIE, 2013, p. 18.

¹⁵⁷ NUNES, Jone. *As manifestações pentecostais nas igrejas batistas – uma questão de identidade*. 2001. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teologia e História) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001. p. 39.

o bem estar de todos. O que deve perdurar são os valores éticos que devem ser refletidos e também demonstrados em ações.

A Igreja Cristã precisa tomar consciência que todos e todas são santos e santas porque são pecadores-pecadoras. Sua função básica é oferecer vida e vida em abundância, ou seja, qualidade de vida ao ser humano independentemente de seu pecar. Pecar e errar é uma necessidade, mas continuar no pecado e no erro é tolice.

Se pecamos, pequemos responsabilmente assumindo os nossos atos. Sejamos “verdadeiros-corajosos” diante das consequências advindas. Pecado é puramente coisa de humanos. Se pensarmos que pecado é e está numa dimensão que fere o dito espiritual, não somos humanos. Pecado é pessoal seja consciente ou inconsciente. Não pecamos contra Deus, mas contra o outro nosso próximo-distante. “Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece ao seu irmão, é mentiroso”.¹⁵⁸ Enquanto Jó exclama: “Oh! Deus. Não há pecado que te atinja.”¹⁵⁹

Por outro lado, temos uma passagem na Bíblia em Levítico 20, classificando o sexo como pecado que traça como código de moral com advertência e proibições as relações sexuais sem conotação de preservação da espécie, e se fosse feito com animais ou com pessoas do mesmo sexo. (Fala de homem com homem e não fala de mulher com mulher).

É bom lembrar que a mulher casada era vista como propriedade (semelhante a qualquer objeto de posse) e jamais deveria ser cobiçada ou ir para cama se deitar com outro homem que não fosse o seu dono. De acordo com Cavalcanti: “O eixo do adultério era a mulher casada, “a mulher do próximo”, que não deveria ser cobiçada nem possuída, para quem ninguém deveria “ter intenção impura no coração”. O “não cobiçar a mulher do próximo” tinha um sentido literal”.¹⁶⁰

E, adulterar também traz a ideia de escravizar a mulher e esta também servir sexualmente ao seu senhor. López, falando de “Trabalho e corporeidade em contextos afro-americanos”, diz que: “Nas fazendas, plantações ou minas, elas deviam satisfazer os desejos sexuais dos senhores e escravos; a cultura sexual foi

¹⁵⁸ I João 4:20a.

¹⁵⁹ Jó 35:5-8.

¹⁶⁰ CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e sexualidade: instinto, cultura e revelação*. 2 ed. São Paulo: Temática; CEBEP, 1992, p. 107.

deformada pelo sistema escravista. Disso decorre a crença atual da sensualidade.”¹⁶¹

Não foi tão diferente essa forma de firmar controle, poder e proibição, mesmo em tempos remotos comparados com os tempos modernos com sua forma e modo de ser com sua sexualidade e suas práticas sexuais. As narrativas bíblicas falam de seres humanos e de suas experiências também religiosas dentro de um contexto cultural pertinente ao seu grupo e *status* religioso com suas regras, leis, normas e código de ética ditado pelo seu líder ou líderes, tudo em nome de uma Divindade. No caso de Levítico, Javé o Deus do povo israelita.

Aquelas mulheres se tivessem filhos homens, esses seriam herdeiros das posses e também seriam preparados para a guerra. O sexo, o incesto entre parentes, relação sexual com animais ou com pessoas do mesmo sexo estão no mesmo patamar de coisas proibidas e também a punição no mesmo pé de igualdade. Nada de contrariar a ordem divina. Pelo contrário, a ordem é: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”.¹⁶² A Igreja Cristã, portanto, adotou um padrão de moralismo que ultrapassa todo propósito e projeto de Deus para com a preservação da vida humana com relação ao sexo. Não há proibição para o sexo, mas, sim, para as ações que firam a dignidade dos seres humanos, faltando-lhe a postura ética. “A igreja fez da sexualidade pecado, não Deus.”¹⁶³

Portanto, a sexualidade não deve ser um problema, porque a Igreja Cristã fez dela um problema. Assim, a igreja é vista como aquela que acaba inventando o pecado (!). Desejo é invenção. Quando se deseja algo inventa algo. Como diz Westhelle: “Inventada porque desejada!”¹⁶⁴ Às vezes Deus passa a ser problema na vida da humanidade quando lhe atribuem toda espécie de proibição. O que verdadeiramente é ordem de Deus ou produção cultural da humanidade? Na Bíblia, aqui e ali temos sempre contradições. Um momento é coisa de Deus. Noutra é coisa dos seres humanos (!). Diviniza-se. Espiritualiza-se. Ou demoniza-se. “Carnaliza-se”. De acordo com López, “Difamar a sexualidade de um povo significa questionar sua

¹⁶¹ LÓPEZ, Maricel Mena. *Corpos (i)maculados*: um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas. In: STRÖHER, J. Marga (Org.) *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CBI, 2004. p. 70.

¹⁶² Gênesis 1:28b.

¹⁶³ A VIDA no paraíso, 2004.

¹⁶⁴ WESTHELLE, 1995, p. 259.

humanidade, pois a sexualidade envolve a auto-imagem da pessoa”.¹⁶⁵ O corpo sofre por causa do desejo e o desejo por causa do corpo.

Bauman e May observam sobre corpo e desejo:

O corpo é não somente o local e a ferramenta do desejo, mas também um *objeto* desse desejo. É nosso corpo e ao mesmo tempo o que os outros vêm de nossa pessoa. Como o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty sugeriu, “o corpo deve tornar-se o pensamento ou a intenção do que ele significa para nós. É o corpo que indica e fala”.¹⁶⁶

Mas em que circunstâncias históricas a Igreja Cristã passou a defender a ideia de que sexo é pecado? Isto não tem nada a ver com pecado original, como pregam alguns pastores- teólogos. Foucault responde esta pergunta, afirmando que os fiéis trocaram prazeres por dinheiro (sexo como produto do capitalismo). “Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possa ser reinscrita, se não nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro.”¹⁶⁷ O prazer sexual passa a ser objeto de exploração pela classe burguesa capitalista. O que é censurado e tratado como pecado é o sexo e não o meio pelo qual se enriquece. O corpo é vendido, o corpo é corruptível. Se paga e se ganha por prazer. Macula-se. A Igreja Cristã fecha os olhos para essa ilicidez e os deixa bem abertos para a prática e diz: é proibido ‘sexuar’ – pecar.

Mas, onde está a repressão? A repressão é aquela que castra, impede, proíbe “o arder de desejo.” Sexo é “o fogo que nem Deus apaga”, conforme o poema bíblico Cântico dos Cânticos, ou “suas chamas são chamas de fogo; uma faísca de Tavé.”¹⁶⁸ Surge, então, outra pergunta: por que reprimir o sexo, se ele “é fogo que arde sem se ver...(?)”¹⁶⁹ “É nunca contentar-se de contente.”¹⁷⁰ De acordo com Chauí, “uma das consequências dessa percepção, será a distinção feita pelo cristianismo entre *amor profano [sic]* (amor carnal) e *amor divino [sic]* (amor espiritual)”.¹⁷¹

¹⁶⁵ LÓPEZ, 2004, p. 73.

¹⁶⁶ BAUMAN e MAY, 2010, p. 166.

¹⁶⁷ FOUCAULT, 1988, p. 10.

¹⁶⁸ CHAUI, 1984, p. 89.

¹⁶⁹ A interrogação é nossa.

¹⁷⁰ CAMÕES *apud* CHAUI, 1984, p. 89.

¹⁷¹ CHAUI, 1984, p. 89.

A repressão recebe o toque de que o sexo é profano porque a felicidade encontrada no prazer é breve, passageira (terrena), enquanto que o prazer verdadeiro (espiritual) é eterno, divino (moral). A afirmação paulina de que o “corpo é “templo do Espírito Santo”¹⁷² é interpretada pela Igreja como uma referência à permissão da prática do sexo apenas no casamento. Em outras palavras, o indivíduo se casa só para experimentar a vida sexual de forma legalizada. Chauí comenta: “Os passos iniciais desta postura em relação ao sexo foram dados por São Paulo e Santo Agostinho, que definiram o matrimônio como remédio.”¹⁷³ Interessante é a forma como o discurso (poder-saber) se apresenta em aparelho – dispositivo - repressivo para proibição sexual. Isto fica claro nas palavras de Chauí:

[...] o corpo não pode ser tratado de qualquer maneira, pois é recinto sagrado. Contra ele, erguem-se os pecados da carne, em número de quatro: fornicação (isto é, sujeira, prostituição), adultério, masturbação e homossexualismo. Essa classificação esclarece por que, na impossibilidade da virgindade, somente o casamento servirá como remédio.¹⁷⁴

Essas regras (normas, leis), recheadas de moralismo, criaram de modo muito particular a Teologia do Sexo, que também formularam uma teologia da repressão, e a Igreja se apresenta como a que tem o poder de dizer como, quando e onde fazer sexo. Único meio de se livrar da repressão sexual causadora de culpa-pecado é se casando. Casamento existe para oficializar o sexo, tornando-se um contrato social criado pela sociedade para que os parceiros vivam uma relação amorosa a longo, médio e curtos prazos e se beneficiem, posteriormente, com o divórcio, caso não vivenciem a felicidade com amor e paixão como sentimentos intrínsecos.

O que irá determinar o tempo de vida para esta relação são o amor, a cumplicidade, responsabilidade, fidelidade, liberdade, disciplina e consciência dos seus atos. Em contrapartida o Apóstolo São Paulo fala sobre o “Fruto do Espírito que é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio”¹⁷⁵ e explicita comentário em I Coríntios 13:1-7 contrapondo com Gálatas 5:16-21 falando sobre as “obras da carne”. Mesmo assim, os sujeitos não ficam isentos de desejos, nem de desejar outra pessoa. Basta o

¹⁷² I Coríntios 6: 19.

¹⁷³ CHAUÍ, 1984, p. 90-91.

¹⁷⁴ CHAUÍ, 1984, p. 91.

¹⁷⁵ Gálatas 5:22,23.

olhar. Os desejantes criam o caminho, a trilha que querem seguir. Neste caminhar, eles se encontram com a própria liberdade e, conscientes, devem assumir os seus atos. A questão é que o encontro haverá de demonstrar a causa e o efeito. Ou reprime ou é reprimido, castrado, proibido.

A Bíblia não diz que sexo só deverá acontecer no casamento, mas a ordem é: “Sede fecundos, multiplicai-vos.”¹⁷⁶ Já é perceptível a preocupação do apóstolo São Paulo com a perversidade/perversão. “Então que se case o homem, a mulher.”¹⁷⁷ Posteriormente, os Pais da Igreja, com o avanço do cristianismo (moralista), escolheram controlar, através do discurso, a prática sexual fora do casamento em qualquer situação. Observa Wink:

Em nenhum lugar a Bíblia proíbe explicitamente relações sexuais entre adultos que livremente as consentem – descoberta que causou espanto a Calvino. O Cântico dos Cânticos elogia o caso amoroso entre duas pessoas não casadas, embora alguns estudiosos tenham se esforçado para ocultar o fato com camadas de interpretação alegórica. Mas a Igreja, há mais de mil anos, tem proibido a prática sexual antes do casamento. Em nossos dias, adolescentes, solteiros, viúvos e divorciados revertem a “prática bíblica” enquanto outros ainda acreditam que as relações sexuais só são permitidas no âmbito do casamento. Qual é o ponto de vista correto?¹⁷⁸

A Idade Média abusa da liberdade e, através do poder político-religioso-capitalista-burguês, limita, ao máximo, o sexo. Cria-se até o celibato. ‘Só o casamento e o celibato (cabe aqui o princípio da vocação) são possibilidades lícitas de expressar a sexualidade, que também inclui os homossexuais’.¹⁷⁹ Há a espiritualização do sexo (sagrado) e demonização do corpo (profano). Este pensamento é da doutrina dogmatizada e não bíblica. Hoje, muitos crentes, normalmente, associam vida espiritual com negação de todos os prazeres: isso é negar a própria humanidade, diz Chauí:

[...] estranha maneira de ler a Bíblia e de ignorar a realidade histórica... [...] Apesar de cristianizada (batizada) e temente a Deus, fazendo dons à instituição eclesiástica para garantir a vida eterna, pois o verdadeiro Reino não é deste mundo, a aristocracia europeia possuía suas próprias ideias e práticas relativas ao casamento, muitas delas vindas de costumes antigos da Roma pagã e dos grupos “bárbaros” que invadiram o império romano.

¹⁷⁶ Gênesis 1:28b.

¹⁷⁷ I Coríntios 7.

¹⁷⁸ WINK, Walter. Perspectivas bíblicas sobre homossexualidade. In: PROENÇA, Eduardo de (Org.) *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 12-13.

¹⁷⁹ JENNINGS, Theodore W. Reflexão teológica sobre homossexualidade e fé cristã. In: PROENÇA, Eduardo de (Org.) *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 21-34.

Também os camponeses possuíam suas ideias e práticas, como, por exemplo, a relação sexual pré-conjugal para verificar a fertilidade da futura esposa (se estéril, não havia casamento), coisa necessária numa época de alta taxa de mortalidade e de grande necessidade de braços para trabalhar na terra e fornecer homens para os exércitos nobres.¹⁸⁰

Fica claro, então, o poder controlador quanto ao casamento instituído pela Igreja Cristã e que não era indissolúvel. Podia-se quebrar/romper o acordo, a aliança, caso houvesse esterilidade (a mulher sempre era a vítima, menos o homem – machismo), incesto, ou o que lhe conviesse. Diz Chauí:

Quando a Igreja começar a impor seu poderio, uma das primeiras lutas será contra a bigamia, isto é, contra a ruptura de um casamento e a realização de outro mais conveniente. A monogamia será transformada em regra divina e a bigamia punida com a excomunhão.¹⁸¹

2.4 Sexualidade e desejo sexual, segundo a Igreja Cristã

O ser humano é um ser desejante. Os pensamentos transformados ou materializados em palavras são a única forma de se controlar o outro, quando as palavras são codificadas em sinais gráficos. Estas, uma vez registradas, tomam e dão forma ao sentido significativo do poder de controlar, tornando-se regra, lei, norma, dogma, doutrina, manual de instrução. Como carta magna, o discurso tem poder, reprime. O apóstolo São Paulo, diz:

Não sabeis vós, irmãos (pois que falo aos que sabem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem por todo o tempo que vive? [...] Mas agora temos sido libertados da lei, tendo morrido para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra.¹⁸²

Chauí, tomando emprestada uma citação, diz: “Como observou um historiador, no leito conjugal os cônjuges nunca estão sozinhos: partilham a cama com a sombra da Igreja.”¹⁸³ E ainda:

O interessante nessa longa discussão que atravessou séculos é que nela a repressão da sexualidade se realiza através do controle minucioso do ato sexual e particularmente do corpo feminino. Nenhuma das colocações que mencionamos acima foi feita sem longa exposição de motivos e as

¹⁸⁰ CHAUÍ, 1984, p. 93.

¹⁸¹ CHAUÍ, 1984, p. 94.

¹⁸² Romanos 7:1, 6.

¹⁸³ CHAUÍ, 1984, p. 99.

explicações anatômicas, fisiológicas e teológicas caminhavam juntas, acrescidas de justificativas jurídicas.¹⁸⁴

Com que direito se reprime o sexo reprimindo? A proposta do Evangelho expressa por Jesus Cristo é de total libertação do homem e da mulher todo(a) e total. Além disso, promove a recolocação do sujeito, libertando o opressor da opressão. Neste caso, é a Igreja que precisa se libertar. É ela quem precisa ser recolocada como objeto/instituição que pratica e demonstra amor. A Igreja tem que amar e precisa ser amada. Amá-la é libertá-la da opressão. Quem oprime é porque é oprimido e reprimido pelo poder relacional interno e externamente, ou seja, dirigentes e dirigidos numa relação de poder. Como igreja-instituição, ela cria leis que não suporta nem para ela mesma. Disse Jesus: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livre”.¹⁸⁵ Livre de toda e qualquer ideologia, alienação, doutrina do achismo, das leis, regras e normas constituídas ao longo da história, como dispositivo, aparelho de poder-saber para seus interesses de controle e dominação sobre o ser que deseja ser livre das “opressões”.

O discurso tem a intenção de conservar o controle social-sexual. É o dito pelo não dito que prevalece. Cobb chama a atenção:

A lista dos vícios, elaborada por Paulo, surpreendentemente, não mostra muito interesse em sexo. No contexto da Igreja onde a “imoralidade” tem sido quase sinônimo de imoralidade sexual, precisamos nos dar conta de que a Bíblia não tem a mesma preocupação. Não se usa a Bíblia biblicamente quando catamos passagens sobre o comportamento sexual e as retiramos de seu contexto.¹⁸⁶

Apesar de a liberdade com ética ser possível para Foucault, ele não apresenta a doutrina da permissividade moderno-futurística. Ou seja, o sexo é colocado como objeto banalizado tanto por quem o pratica sem moral-ética, tanto quanto por aqueles que julgam e condenam sua prática diversificada (perversão). O sexo, na contemporaneidade, desconhece valores. Não há disciplina, por conta da imoralidade opressora. O sujeito prefere seguir o discurso da imoralidade que lhe é mais prazeroso a reconhecer na liberdade os valores éticos em direção ao outro. Este é um dispositivo de poder na via contrária. É a contramão. É o poder-saber

¹⁸⁴ CHAUI, 1984, p. 99.

¹⁸⁵ João 8:36.

¹⁸⁶ COBB, John B. Júnior. Homossexualidade e bíblia. In: PROENÇA, Eduardo de (Org.) *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 44.

para o desconhecimento dos valores éticos e morais do sujeito que interpreta liberdade para si e não para o outro.

A escolha do estilo de vida deve questionar a experiência que constitui o atual sistema de relações. É nesse sentido que Foucault propõe pensar a ética como a forma privilegiada de reflexão sobre as maneiras de viver. Que a vida seja tratada como uma obra de arte própria a cada sujeito, uma vez que o sujeito se constitui mediante práticas historicamente construídas em cada cultura. Se pensarmos que por razões filosóficas não existe indivíduo, só existimos coletivo, logo todos nós somos síntese biofísica, cultural, histórica, etc. Somos síntese histórica, entretanto, unidade dinâmica. Vivemos numa relação de complexidade histórica que nós sintetizamos. A questão central para Foucault é a seguinte: De que os sujeitos são em si mesmos como tais? Ele preserva a ideia de que o sujeito é constituído. A subjetividade é constituída de diferentes práticas, já que os indivíduos foram levados a exercer sobre si próprios e sobre os outros uma “hermenêutica do sujeito”.

Entre os séculos XVII e XIX, não havia segredos com relação ao sexo-sexualidade. A dita normalidade só acontecia sem censura, era tolerante às “coisas” sexuais. A partir do século XIX, as “coisas” mudam, encerram-se. “O sexo é transportado para dentro de casa”, afirma Foucault, acrescentando uma relevante pergunta: “Seria legítimo, certamente, perguntar por que, durante tanto tempo, associou-se o sexo ao pecado [...]?”¹⁸⁷ Quem determina a prática da lei proibitiva para o sexo é a endocultura de cada grupo.

Não existe uma estratégia única, global, válida para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo: a ideia, por exemplo, de muitas vezes se haver tentado, por diferentes meios, reduzir todo o sexo à sua função reprodutiva, à sua forma heterossexual e adulta e à sua legitimidade matrimonial não explica, sem a menor dúvida, os múltiplos objetivos visados, os inúmeros meios postos em ação nas políticas sexuais concernentes aos dois sexos, às diferentes idades e às classes sociais.¹⁸⁸

A sexualidade é dotada de elementos que podem servir de apoio às articulações nas suas mais variadas estratégias. É impossível dominá-la completamente. Todo poder que tenta suprimi-la fracassa. O que se vê são as diversas formas de busca de prazer somente para o prazer, onde o elemento ético e

¹⁸⁷ FOUCAULT, 1988, p. 14.

¹⁸⁸ FOUCAULT, 1988, p. 98.

a valorização do outro se tornam distantes, indiferentes. Não é amigável, não há amizade. Para Foucault, o sexo deve acontecer com aproximação de amizade, onde os parceiros se permitem sem comprometimento. É feito com ética, não há “machucamento”, não cabe culpa, que é um sentimento de castração, repressão, proibição, fruto proibido-pecado. Cobb adverte: “Quando não insistimos na fidelidade, abrimos a porta para a promiscuidade ou incentivamos a total negação da sexualidade.”¹⁸⁹

Sexualidade é um termo que surge no início do século XIX. Um conjunto de regras e de normas, que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas. Estes imprimem o modo como os indivíduos dão sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos e sonhos. Dentro das instituições religiosas são punidos com o lema “é proibido sentir, expressar desejos”.

No século XVIII, não havia segredo nas práticas da vida. Mas tudo acontecia com censura, crítica, julgamento ou condenação. Segundo Foucault, os elementos do conjunto da vida e do corpo eram demonstrados como espécie de significado e sentido da própria vida tal como se alimentar, beber água, respirar, tomar banho, aliviar seu ventre, cuspir, fazer sexo, etc. Tudo visto e praticado com um grande tom de normalidade. De repente, onde não se via censura, encontra-se o preconceito. A prática sexual agora é vista como imoral, sendo permitida apenas para a procriação, e isto só dentro do casamento, na família responsável pelo seu ocultamento amparado pelas quatro paredes.

De acordo com Escorsi¹⁹⁰ em seu artigo *Foucault pensando a religião*, Foucault não aprofundou em suas obras a temática sobre a religião, mas se deparou “[...] com o problema do fenômeno religioso e das práticas religiosas”. Então, em que momento nos tornamos vítimas das censuras, do julgamento, da condenação e da punição dentro da Igreja? Quando ousamos querer dizer e dizemos a “verdade”. Por que a Igreja Cristã parece querer ouvir e acreditar mais nos discursos cheios-sacudidos-socados de ‘mentiras’ do que nas palavras intencionadas com esforços de se querer dizer a “verdade”? É correr o risco de acertar com bons ouvintes dentro dela, do que arriscar e ‘sofrer’ e ser levado para o matadouro direto para a morte.

¹⁸⁹ COBB, 2008, p. 40.

¹⁹⁰ VALÉRIO, Mairon Escorsi. Foucault pensando a religião. *Mneme – Revista Virtual de Humanidades*. Dossiê História Cultural, v. 5, n. 10, abr/jun. p. 1-13, 2004. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

Pensar no que se ouve não é pecado. “Pensar não paga imposto”.(sic)¹⁹¹ Somos vítimas da ideologia do é proibido pensar dentro da igreja. Parece que a Igreja Cristã gostou e comprou essa ideia (!).

Para que serve o pastor que pensa criticamente e quer que a igreja pense criticamente? Por que a literalidade da Bíblia é a correta e interpretá-la (sem letra) é ser herege e errado? É mais confortável ser enganado com mentiras do que ser honesto com as “verdades”. A Bíblia não é A palavra, não contém A palavra de Deus, porque ela é Palavra que acontece – é o acontecer. Não é o papel, a tinta, a pena, caneta, o lápis, o teclado da máquina, do computador, a capa, as páginas, as letras, mas o que acontece na História dos homens e mulheres e de Deus nas histórias contadas pelos homens e mulheres. Deus tem história nas histórias dos homens e das mulheres. Deus entra de “gaiato” nos contos bíblicos quando se conta histórias da história da humanidade e constrói-se através dos vícios dos pensamentos o ‘im-pensado’.

Podemos aqui comentar: Uma mulher de 51 anos de idade, em um atendimento pastoral para aconselhamento, afirma que sexo para ela sempre foi visto como pecado. Ao longo de sua vida fechou-se no seu próprio mundo proibido. Pensar, desejar e fazer sexo seriam, para ela, atos pecaminosos, sem nenhuma chance de perdão. Deus estava sempre presente para punir através da figura de sua mãe. O pai sempre foi um ausente. Ela não o conheceu. Nunca recebeu afeto paterno e nem materno, a não ser ouvir palavras difamadoras de sua mãe: “Vai querer ser puta, prostituta?” Ouvindo isto, ela criou o conceito de feiúra, coisa que não serve - pecado. Medo de fazer sexo para não ser puta e nem prostituta. Disse ela: “Eu já imagino o dia que chega a menstruação. É tristeza misturada com desejos e ao mesmo tempo pensar em ser isto pecado. Dor de cabeça, calor, depressão, vergonha dos meus próprios pensamentos, aí desejo sumir, sucumbir, morrer... lágrimas...” Percebe-se que sua sexualidade é a marca de uma problematização do desejo proibido e Foucault assim se expressa:

[...] não viram que o gênio bom de Freud o colocara em um **dos pontos decisivos, marcados, desde o século XVIII, pelas estratégias de saber e de poder; e que, com isso, ele** relançava com admirável eficácia, digna

¹⁹¹ Frase pronunciada muitas vezes pelo Prof. Pr. Ezequiel Monteiro aos seus alunos em sala de aula. (s.d).

dos maiores espirituais e diretores da época clássica, a injunção secular de conhecer o sexo e colocá-lo em discurso.¹⁹²

Dito isto por ele, entendemos que a censura pelo olhar daquela mãe se transformava em discurso, cujas palavras tinham o poder de controlar seus desejos. E continua Foucault chamando a atenção de que o discurso força o indivíduo a revelar pela confissão, de que maneira o corpo desejou pecar, segundo o conceito que esta senhora tinha sobre si mesma. E é então observado por ele:

Evoca-se com frequência os inúmeros procedimentos pelos quais o cristianismo antigo nos teria feito detestar o corpo; mas, pensemos um pouco em todos esses ardis pelos quais, há vários séculos, fizeram-nos amar o sexo, tornaram desejável para nós conhecê-lo e precioso tudo o que se diz a seu respeito; pelos quais, também, incitaram-nos a desenvolver todas as nossas habilidades para surpreendê-lo e nos vincularam ao dever de extrair dele a verdade; pelos quais nos culpabilizaram por tê-lo desconhecido por tanto tempo. São esses ardis que mereceriam espanto hoje em dia.¹⁹³

A partir do momento que a confidente resolve expressar seus sentimentos para o conselheiro, a sua confissão promove uma auto-libertação da sua prisão inconsciente sobre o conceito de corpo-sexo e sexualidade de si, trazendo-a para o mundo consciente de que a feiúra, nojo, pecado, etc., estavam ligados ao discurso do poder e saber para o controle da sua sexualidade. Por que essa maldade que se pensa quando se fantasia o órgão genital masculino penetrando no feminino? Por que a moralidade toma forma num acontecimento tão singular, normal e natural? Por que se castiga, pune, se exclui e exclui o que é próprio do ser humano? Mais uma vez Foucault observa:

E devemos pensar que um dia, talvez, numa outra economia dos corpos e dos prazeres, já não se compreenderá muito bem de que maneira os ardis da sexualidade e do poder que sustêm seu dispositivo conseguiram submeter-nos a essa austera monarquia do sexo, a ponto de votar-nos à tarefa infinita de forçar seu segredo e de extorquir a essa sombra as confissões mais verdadeiras. Ironia deste dispositivo: é preciso acreditarmos que nisso está nossa “liberação”.¹⁹⁴

Para Foucault, não se recupera o passado para poder corrigi-lo ou resolver o problema do momento-passado por ser outra época, outra história. O que significa moral, ética no mundo desconhecido greco-romano? Se não pelos registros

¹⁹² FOUCAULT, 1988, p. 149.

¹⁹³ FOUCAULT, 1988, p. 149.

¹⁹⁴ FOUCAULT, 1988, p. 149.

históricos que foram reinterpretados como tentativa de compreendê-los o certo e o errado, bem e o mal, o ético e o moral. Quando Foucault nos convida para diagnosticar a história, é para não repetirmos o mesmo erro cometido no passado. Diagnosticar o presente é interessante, inteligente, é o óbvio diante da conduta, da nossa conduta enquanto ser moral. São desejos de si para si mesmo em direção ao direito de liberdade. “[...] O problema não é mudar a consciência das pessoas ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção de verdade”.¹⁹⁵

O ser humano, sua força não é física, mas possui um dispositivo mais potente que a força física: a inteligência e a vontade. E por que é dominado pelos homens e pelas mulheres, e suas ideologias, se são “livres”? Por que vivem aprisionados(as) aos discursos de poder? Se os seres humanos soubessem da força que têm - a sua inteligência -, jamais seriam dominados, jamais perderiam a sua condição de seres livres, jamais aprisionariam sua vontade-liberdade. Jamais aprisionariam o outro com discurso, com poder e com saber. De acordo com Foucault,

[...] meu papel – mas esse é um termo muito pomposo – é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída.¹⁹⁶

É preciso fazer uma reflexão sobre a perspectiva ética, por evidenciar estratégias de problematização que oportunizam a relação do sujeito consigo mesmo e com os outros, permeado pelo exercício de liberdade. O ser humano é livre para sua liberdade, e a normalidade reside em seus atos responsáveis, ou seja, que o prazer faça bem para si e para o outro, que o outro também seja livre para a sua liberdade. A repressão escraviza, aprisiona, faz mal à saúde física e mental (*psiquê*), desumaniza o indivíduo daquilo que é: puramente humano somente humano. De acordo com Chauí:

No século XIX vitoriano, o escritor e poeta Oscar Wilde [...] Num texto, intitulado *De Profundis*, meditando sobre a degradação e o castigo, escreve:

¹⁹⁵ ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: GROS, Frédéric (Org.) *Foucault: A coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 43.

¹⁹⁶ FOUCAULT *apud* BACH, A. Razão e história no pensamento de Michel Foucault. *Revista Tempo da Ciência*. (13) 25: 57-70. 1º semestre. 2006. p. 62.

“Se depois de tudo eu não sentir vergonha de meu castigo – como espero não sentir – serei capaz de pensar, caminhar e viver livremente. Há muitos homens que, ao serem libertados, carregam a prisão dentro de si e a ocultam como uma secreta desgraça em seus corações, até que acabam por enfiar-se numa cova qualquer para morrer como se fossem pobres animais envenenados. É terrível que se vejam forçados a agir assim e errado, terrivelmente errado, que a sociedade a isso os obrigue. A sociedade Igreja,[sic]¹⁹⁷ que se arroja o direito de infligir ao indivíduo os mais medonhos castigos, comete também o supremo pecado da negligência ao não perceber as consequências de seus atos. Depois que o homem cumpre a pena, ela o abandona, isto é, o deixa entregue à própria sorte, no maior momento em que deveria zelar por ele.”¹⁹⁸

Este é o prazer da Igreja. O seu “orgasmo” se realiza quando, em nome do “espiritual-divino”¹⁹⁹, se cumpre a lei da repressão. São justificativas carregadas de irracionalização. Não há lógica, são vícios, pensamentos sem reflexão, moralismo irracional, transformação do ser humano em algo que não existe – é conceitual, ideológico, irreal, impensado, antibíblico. Chauí comenta:

Na perspectiva moral, portanto, as racionalizações que justificam a repressão sexual ligaram-se às ideias de hábito para o vício (uma espécie da segunda natureza), de impulso incontrolável causado por uma imperfeição (um defeito que gera uma conduta quase instintivamente viciosa) e de corrupção e desvio de normas (portanto, algo deliberado).²⁰⁰

Boff exemplifica, através de sua experiência numa comunidade de pobres, o comportamento de uma jovem senhora que acabara de perder um filho. Em visita para um aconselhamento e consolo àquela mulher aflita e triste, ela o convida para batizar a criança, o que ele fez. Após este ato de compaixão para com aquela mãe, uma senhora o chama à parte e pede-lhe amor. Ele se recusa, dizendo que é crente/religioso. Assim narra Boff.²⁰¹

Após o batismo, uma senhora chamou-me de lado. Conduziu-me a um quartinho de sua favela. Chão batido. Não havia móveis. A pobreza era completa, canina porque gritante e uivante. Estávamos a sós. Como em sussurro, disse: - Eu só conheci homens feios, doentes e magros. Levantou o vestido. Mostrou as partes. Disse, confiante e com os olhos cheios de brilho:

- Eu sou ainda jovem. Tenho 35 anos (*na verdade, parecia ter sessenta*). Posso fazê-lo, por um momento, feliz. O senhor é um homem bem-alimentado, bonito, forte e atraente. Eu só conheci homens feios, doentes e magros. Dê-me esta felicidade. Faça amor comigo! Só uma vezinha.

¹⁹⁷ Acréscimo nosso.

¹⁹⁸ OSCAR WILDE *apud* CHAUI, 1984, p. 116.

¹⁹⁹ Não cabe fazer uso da expressão “em nome de Deus”. Deus não pactua com este tipo de injustiça.

²⁰⁰ CHAUI, 1984, p. 118.

²⁰¹ Aqui é necessário compor toda a narrativa como citação para não perder sua compreensão.

Eu guardei silêncio. Longo silêncio. O silêncio da perplexidade. Depois sofismei: - Eu sou religioso. Já tenho um engajamento. Por isso não posso... Não devo... Não quero... Seus olhos se turvaram de decepção [...].²⁰²

Independentemente da sua natureza humana dotada de desejo, libido e suas necessidades biológicas e fisiológicas, o que prevaleceu nesta circunstância foi o seu caráter constituído de ética e moral e compromisso com a sua religiosidade espiritualizada, sua educação religiosa em nome da instituição chamada Igreja Católica. Mas não neguemos também a sua história educacional familiar e familiar. Não neguemos o poder castrador religioso institucionalizado – igreja, em poder controlar o sexo, o seu sexo (!). Não foi a sua sexualidade, mas o sexo. Que mal teria feito àquela mulher se tivesse feito sexo com ela? Ele responde:

Depois, em casa, meditando, me enchi de vergonha de mim mesmo. Imensa vergonha. Como sou egoísta. Fui educado para a castidade como abstenção. E não como expressão de um amor maior. Esse amor não conhece limites. Ele está para além do bem e do mal. Essa mulher era mais pura do que eu. Tinha capacidade de entrega e de amor. A castidade não pode ser um objetivo, mas um caminho. Não um fim, mas um meio. É mais do que renunciar à mulher respectivamente ao homem. [...] É projetar uma aura de confiança a ponto de cada um poder abrir-se e falar de sua intimidade, de suas buscas, dos fracassos e dos encontros sem constrangimento [...].²⁰³

Por que a Igreja decidiu censurar, julgar, condenar e punir a natureza do sexo em seu próprio nome, em nome da instituição, em nome da Trindade (dogma) e disfarçando, em nome de Deus? Que deus!? Boff reconhece sua humanidade, mas tenta escondê-la na santidade fora de si. Quer desumanizar-se para não ferir as partes, não quer pecar porque é santo, mas descobre-se humano, ser frágil, finito. Por que não pecou para ficar na condição de santo? Santo é aquele que peca para autenticar sua condição de ser humano e não de deus. Pecar é auto valorizar-se. É encontrar-se consigo mesmo nos seus atos humanos para ser acolhido por Deus pela sua graça. Sexo ou praticar o sexo responsavelmente não é pecado, é uma condição humana puramente humana para preservar a espécie, amar, viver, sentir e ser 'prazer desejante'. Ainda obervou Boff:

É valorizar o ser humano tão profundamente que ele possa se sentir acolhido, apreciado e amado de verdade. Se fosse assim casto, teria feito amor com aquela mulher. Não por pena, mas por decisão livre e com total

²⁰² BOFF, Leonardo. *Brasa sob cinzas: estórias do anticotidiano*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 20-22.

²⁰³ BOFF, 1999, p. 20-22.

entrega. A castidade seria superabundância de amor e não carência de amor. Se fosse casto, desta castidade essencial, quem sabe, se fosse santo... teria pecado. E neste pecado teria encontrado aquele Deus que faz do "pecado" graça e da "graça" pecado.²⁰⁴

Outra situação inversa: uma mulher sofredora por não lhe ser permitido, pela mãe e nem pela Igreja, fazer sexo, confessa a sua angústia e pede socorro porque já não aguentava mais aquela situação. Fora abusada sexualmente quando tinha idade de 5 anos, e aos 11 por um tio. Um amigo, considerado religioso-crente, racional, ético, lhe dirige uma pergunta: "Você teria a coragem de fazer sexo comigo? Incontinentemente a resposta: "Tenho". Esta é amada. Se desprende da repressão, da vergonha, do medo, da ansiedade, da angústia e parte corajosamente para a ação sexual. Curte o prazer, se sente feliz e amada. Se sente mulher valorizada. Cria um novo conceito sobre si mesma, sobre o prazer, sobre o sexo. Não se sente culpada. Se sente humana, verdadeiramente humana-mulher-fêmea. Obedece e agradece à natureza a sua sexualidade. Se liberta no criador para o criador. Entende seu papel na história como ser humano, que pode sentir prazer, ser feliz e libertar-se da opressão-pecado-culpa, a desumanização. Agora, se humaniza. Descobre e conhece que é gente, dona do seu corpo que pode buscar e sentir prazer. "Por que me disseram que isso é pecado?" perguntou ela.

A oprimida-reprimida se transforma "criando asas" para se libertar da opressão-repressão. A confissão (catarse) já é uma purificação-libertação. Esta mulher encontrou no amigo ético a chave que lhe abriu a porta para sua saída. Livrou-se e encontrou, na amizade, a compreensão ética que lhe causou alívio do sentimento de culpa por desejar fazer o que lhe proibiam (opressores/castrador-repressores), o sexo.

Agora, aliviada e consciente do seu ato corajoso que a libertou, só agradeceu ao amigo ético. Esta foi a única oportunidade de fazê-la feliz. Hoje continuam amigos. Ela mantém um relacionamento com uma pessoa que se comprometeu envolver-se física e afetivamente com ela, tratando-a como mulher. É uma religiosa-crente desativada da alienação-repressiva chamada "religiosidade achista". Foucault, refletindo sobre a amizade heterossexual, diz, quando entrevistado, o seguinte:

²⁰⁴ BOFF, 1999, p. 20-22.

[...] Entre um homem e uma mulher mais jovem, a instituição facilita as diferenças de idade, a aceita e a faz funcionar [...] Estão um em frente ao outro sem armas, sem palavras convencionais, sem nada que assegure a eles o sentido do movimento que leva um para o outro. Terão que inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade: isto é, a soma de todas as coisas por meio das quais um e outro podem se dar prazer.²⁰⁵

Estas considerações também são válidas para os homossexuais, pois o que tem valor é a amizade construída e constituída entre os casais, quando estes se permitem sentir prazer como uma forma humana de estabelecer relações em todas as direções vivenciais. O que Foucault questiona é o momento em que o dispositivo do poder controlador passa a proibir o que o homem tem de bem supremo: o prazer do corpo por via sexual. Prazer que lhe fora outorgado pela própria “natureza”. O corpo exerce a função, através do sexo, de preservar a espécie, a vida humana. Foucault falando de repressão sexual diz que:

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças.²⁰⁶

Foucault trata a questão da sexualidade olhando para a construção histórica. A historicidade é o momento quando o discurso do poder-saber assume a forma dominante sobre a(s) sociedade(s). Ele não trata dos traumas sofridos pelas impotentes, frágeis e inocentes crianças, conforme descrita acima sobre a senhora entrevistada. Ele ressalta os processos patológicos e das perversões.

No final do século XVIII, nasce uma nova tecnologia do sexo. Nova, não porque fosse independente, mas fugia, em parte, da instituição eclesiástica. A pedagogia, a medicina e a economia faziam do sexo um negócio de Estado. A estratégia era tão bem estruturada que cada indivíduo era posto em segurança. “O pecado da juventude”, as “doenças dos nervos” e as “fraudes contra a procriação”

²⁰⁵ FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. v. IV. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimar, 1994. p. 163-167.

²⁰⁶ FOUCAULT, 1988, p 109.

(como se chamarão mais tarde, esses “segredos funestos”) marcam, assim, os três domínios privilegiados da nova tecnologia.²⁰⁷

Sendo assim, a nova tecnologia do sexo é uma sequência histórica, que se ordena em torno da instituição médica da exigência da normalidade. A partir desse período surgiram outras transformações, como a separação da medicina do sexo, da medicina geral do corpo, isolando, assim, o instinto. A análise da hereditariedade colocava tudo que era relacionado ao sexo – relações sexuais, doenças venéreas, alianças matrimoniais, perversões – em posição de responsabilidade biológica. Se o sexo não fosse controlado, as doenças seriam transmitidas e afetariam as gerações futuras. Surgem assim, os projetos médicos e políticos para administrar o sexo, a gestão estatal dos casamentos e o controle da natalidade.

A sexualidade é exposta e sofre todos os efeitos dos diversos mecanismos de repressão, ficando fora do campo histórico o sujeito do desejo. “A experiência da sexualidade pode muito bem se distinguir, como figura histórica singular, da experiência cristã da “carne”, mas elas parecem ambas dominadas pelo princípio do “homem do desejo”.²⁰⁸ É necessário aqui uma discussão sobre a Igreja como aparelho ideológico. O que veremos adiante.

²⁰⁷ FOUCAULT, 1988, p. 110.

²⁰⁸ FOUCAULT, 1984, p.10.

3 A IGREJA COMO APARELHO IDEOLÓGICO

3.1 A produção de discurso na religião

O propósito deste capítulo é mostrar como a Igreja Cristã camufla suas intenções pedagógicas e controladoras sobre a vida dos seus fiéis, ou seja, o que está nas entrelinhas dos seus ditos e o conteúdo do seu discurso para manutenção dos mesmos.

Há várias alternativas filosóficas para compreender a relação do ser humano e a religião. Dentre elas, é possível perceber o ser humano como uma “caixa”, um “recipiente”, “galpão”, “depósito” de determinantes para o SER ser sujeito da moral religiosa dogmatizada pela palavra, como guia para vida e para suas ações. Alves denomina esta corrente de “PRD – Protestantismo da Reta Doutrina”²⁰⁹, o caminho a seguir pelo convertido. Este recebe, através do discurso do saber, toda orientação para a vida comportamental ético-disciplinar para o corpo, assim como o pensamento e a definição para identidade. O convertido deixa de Ser para “ser”. É convencido pela articulação do discurso, que articula seu saber, e passa a construir um novo mundo, um novo espaço, um novo tempo e é mapeado como que num calendário sua forma de *ser*.

Este sujeito age inconscientemente, alienado, destituído de si mesmo, enquanto indivíduo único, singular, para ser pluralizado socialmente ético-moral, de acordo com os determinantes das propostas institucionalizadas pela religião mais castradora do que aproximadora do sagrado.

Movemo-nos para a ordem moral, tal como ela se apresenta cristalizada no discurso e na prática da disciplina eclesiástica: moralidade inspirada pelo motivo da salvação da alma e pelo imperativo da repressão do corpo. A moralidade individual, por sua vez, constrói, por meio de uma negação, uma ética social.²¹⁰

Quando opta por esta postura, a Igreja afirma que o seu conteúdo dito no discurso é conhecimento de verdade, e o convertido, por sua vez, não sabe no que crê por conta das muitas afirmativas doutrinárias que lhe são, de certa forma, impostas para acreditar como verdadeiras para a vida prática. Na verdade, não é

²⁰⁹ ALVES, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. p. 10.

²¹⁰ ALVES, 2005, p. 319.

crer somente, mas ser, visto que o objetivo é apreender para si o monopólio do saber da verdade como conhecimento absoluto, que o controlará e guiará para o resto da vida.

“Se religião é isso, Deus, nessa religião, não é nada democrático”,²¹¹ é Senhor mesmo. Os demais são escravos das ideologias, das alienações, dos saberes, do saber-poder e, por que não, do moralismo religioso para ser o que não pode ser - cristão-sujeito livre, mas constituído de ética, ou seja, daquilo que se pode ser não antiético, não arreligioso. O conhecimento liberta, mas também escraviza. Segundo Alves, “*A verdade tem de ser intolerante. Somente aqueles que duvidam podem ser tolerantes, por que eles nunca podem pretender ser os detentores do monopólio da verdade*”.²¹²

Lançando um olhar sob as práticas de si na Antiguidade, é possível compreender como acontecia a conversão nessa cultura, e, conseqüentemente, entender a mesma experiência no universo ocidental atual. Na Grécia Antiga, o acesso de um sujeito à verdade dependia de práticas de ascese individuais que causassem ao Ser uma modificação ética. Só a partir de uma transformação interior, que era consequência de uma vida reflexiva, que se pretendia alcançar a verdade. Para Foucault,

O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência.²¹³

Cuidar de si, para os antigos, era praticamente uma ordem com a finalidade de estabelecer uma relação de retidão entre os atos e os pensamentos. Assim, era necessário agir em concordância para poder medir os progressos na constituição do eu. O cuidado de si engloba estratégias e técnicas de atenção que envolve saber sobre si que constituem regras de condutas tanto para o indivíduo como para a sociedade. Por outro lado, nas ditas tradições cristãs e greco-romanas, essas mesmas forma de cuidado de si eram diferentes e agiam nas mais diversas formas de pensar sobre si mesmo, o “eu”. Na cultura grega todo indivíduo – principalmente àqueles com intenções políticas - tinha como imperativo ocupar-se consigo mesmo

²¹¹ Anotações e discussões em sala de aula da disciplina Teologia do A.T [s.d.].

²¹² ALVES, 2005, p. 321.

²¹³ FOUCAULT, 2006, p. 11.

sendo ele próprio objeto de cuidado de si. “O sujeito deve ir em direção a alguma coisa que é ele próprio. Deslocamento, trajetória, esforço, movimento; é o que devemos reter na ideia de conversão a si.”²¹⁴ O cuidado de si diz respeito, portanto, a um conjunto de práticas de subjetivação, que visa o domínio de si, que é necessário na estilização da existência. Um cuidado que engloba razão – o conhecer a si, mas que exige também ética e liberdade.

É um traço geral, um princípio fundamental, que o sujeito enquanto tal, do modo como é dado a si mesmo, não é capaz de verdade. E não é capaz de verdade, contudo, a não ser que ele efetue em si mesmo certas operações, certas transformações e modificações que o tornarão capaz de verdade. Creio que este é um tema fundamental, e que nele o cristianismo muito facilmente achará seu lugar, acrescentando-lhe, bem entendido, um elemento novo, não encontrado na Antiguidade, a saber, que dentre as condições há a relação com o Texto e a fé em um Texto revelado, o que, evidentemente, não constava antes. Afora isto porém a ideia de uma conversão, por exemplo, como unicamente capaz de dar acesso à verdade, é encontrada em toda a filosofia antiga.²¹⁵

A técnica do cuidado de si é formatada e dá forma aos comportamentos de tal maneira que por volta dos séculos II e I a.C, torna-se obrigação para todos os indivíduos não só para os que se preparavam para a vida na *pólis*. Para os gregos o conhecer a si mesmo, compreendia participar de valores éticos que eram coligados com os atos, com os prazeres e com os desejos. Conhecer a si mesmo é estar preparado para vivenciar a cidadania nas suas diversas relações de deveres, nos quais estavam envolvidos.

Mas que os filósofos recomendem cuidar-se de si não quer dizer que esse zelo esteja reservado para aqueles que escolhem uma vida semelhante à deles; ou que uma tal atitude só seja indispensável durante o tempo que se passe junto a eles. É um princípio válido para todos, todo o tempo e durante toda a vida.²¹⁶

Alguns aspectos são de extremo valor na constituição do sujeito grego. Dentre eles podemos destacar dois: Primeiro, o dever ético é a característica básica de todas as ações. Segundo, uma gama de procedimentos que direcionavam para condutas éticas. Várias correntes tinham como exigência primordial que o comportamento daqueles que se dedicavam àquelas escolas fossem éticos. Ora, alguém que tem a liberdade de ter o controle sobre o próprio corpo e consegue

²¹⁴ FOUCAULT, 2006, p. 302.

²¹⁵ FOUCAULT, 2006, p. 234.

²¹⁶ FOUCAULT, 1985, p. 53.

controlar os seus impulsos é capaz de viver responsabilmente com princípios e valores éticos e morais.

[...] é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; [...].²¹⁷

Toda essa elaboração de si tinha como foco preparar o indivíduo para situações cotidianas, fortalecendo-o de tal maneira que diante de circunstâncias adversas ele consiga dominar-se. Para tanto, o homem grego tinha como objeto de defesa o discurso. O discurso era instrumento que ajudava a encarar a vida sem medo e com segurança de enfrentá-la diante das vicissitudes do cotidiano. Percebe-se, portanto, que a base discursiva era fator importante nas diversas áreas.

O que se diz ser religioso é abstrato. E tudo que é entendido como religioso passa pelo ético. De acordo com Gouvêa,

A relação entre o religioso e o ético não é análoga à relação entre as esferas ética e estética. Em *Ou* aprendemos que há uma relação complexa entre as esferas estética e ética, que a vida ética inclui e conquista o que a vida estética tenta sem sucesso alcançar. “[...] Os estágios ético e religioso têm, na verdade uma relação essencial entre si”. “Quanto ao religioso,” diz Clímacus, “é um requisito essencial que ele tenha passado pelo ético... se o religioso é na verdade o religioso, [...]”. Kierkegaard apresentou o ético “com a *reservatio mentalis* de que sem uma intervenção e um fundo religioso, a realização do ideal ético é de fato impossível. Torna-se então a função da ética desenvolver a receptividade para a religião, um sentimento de necessidade por ela”. A existência religiosa inclui a existência ética, [...].²¹⁸

Os deveres éticos e os objetos religiosos estão na mesma condição; não há discrepância, pois ambos estão em direção a Deus. Interessante: só o religioso descobre que é pecador, descobre que é culpado!

Noções religiosas como perdão e reconciliação simplesmente não são compreensíveis em termos puramente morais. O alicerce da vida religiosa é uma descoberta muito desagradável sobre si mesmo já que se revela que a expressão decisiva para a vida religiosa é “culpa”. A pessoa religiosa reconhece-se como culpada, não apenas desta ou daquela infração moral, mas culpada perante Deus. “Quando o ético encontra Deus e se torna consciente da profundidade e da totalidade da culpa... então aparece um tremendo sofrimento e isolamento. Ao mesmo tempo o interesse é focalizado em sua beatitude eterna”. Mas agora reconhece-se a culpa como

²¹⁷ FOUCAULT, 1985, p. 50.

²¹⁸ GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Soren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000. p. 216-217.

sendo pecado, isto é, uma transgressão contra Deus. [...] Crescimento espiritual implica na morte do velho *eu*, que é uma morte lenta, dolorosa. “Kierkegaard não ensina que todo sofrimento é religioso... mas toda vida religiosa envolve sofrimento, de forma que se o sofrimento é posto de lado, a vida religiosa é também abolida”. Este é o movimento que leva o indivíduo da estação ética para a estação religiosa.²¹⁹

3.2 A Igreja Cristã e o discurso religioso

O termo Igreja refere-se à Igreja Protestante Ocidental (Igreja Cristã), incluindo os grupos históricos pentecostais e neopentecostais. Às vezes o termo Igreja aparece referindo-se à Igreja Católica criticada por Foucault. Noutras vezes, o termo Igreja que surge sendo criticado por este pesquisador, é para aquelas que foram formadas por grupos dissidentes radicais que têm como dogma/doutrina o sexo como pecado. Para este pesquisador, os problemas vivenciados pela Igreja são por conta da sua institucionalização, ou seja, as regras, as normas, as leis, a doutrina, o dogma, o contrato, o pacto, a aliança, o moralismo, etc., faz valer funcionar para existir nomeada como tal e para tal e autentica-se sua sustentabilidade em nome do Divino-Deus. Como Igreja tem poder. Mas não se pode negar que na sua maioria o pensamento sobre sexo nessas Igrejas é o mesmo: sexo fora do casamento é pecado.

O pastor que funciona como conselheiro espiritual até compreende o pensamento da comunidade. Nesse particular, então, opta em se calar para evitar constrangimentos frente àqueles que se colocam como ortodoxos-conservadores-radicalis, com relação ao pensamento doutrinário-espiritual do grupo que está sob sua orientação pastoral e que não quer se expor sobre a questão. Embora, historicamente se saiba que a Igreja Católica muito contribuiu com seu discurso e dogma, apontando que o casamento é sacramento e sexo antes do casamento é pecado.

É muito provável que não tenhamos um conceito de Igreja que defina realmente o que ela é em sua “essência” a não ser pelas diversas formas de Ser enquanto sociedade eclesiástica institucionalizada. De acordo com Guedes:

Ser igreja de Senhor Jesus Cristo é praticar a vida em comunidade. [...] De fato, a igreja precisa assumir o seu espaço na reflexão verdadeiramente teológica e das ciências sociais sem, contudo, relegá-la a simplesmente modelos de administração e planejamento estratégico. [...] O importante é

²¹⁹ GOUVÊA, 2000, p. 217-218.

criar dentro da igreja uma atmosfera de convivência e de edificação mútua. [...] Quando se fala em uma eclesiologia comunitária está se pensando na construção de um ambiente de mútua aceitação; de ajuda abnegada uns aos outros; de desenvolvimento de uma atmosfera afetiva e amorosa onde a vida é mais valorizada do que programas ou mesmo que “doutrina”.²²⁰

A Reforma Protestante²²¹ é a responsável pelo surgimento de diversos grupos eclesiais institucionalizados de igreja. São os grupos dissidentes, livres, autônomos nas suas mais variadas formas de ser igreja. É a liberdade de cada grupo eclesial-denominacional. Igreja, de *eklessia*, significa assembleia – o povo é tirado de dentro para fora para uma grande reunião. De acordo com Brunner a ideia de Igreja – *Ecclesia* – do Novo Testamento é:

Até aqui nossa tese tem provado ser sadia: a *Ecclesia* do Novo Testamento é uma comunhão de pessoas e nada mais. Ela é o Corpo de Cristo, mas não uma instituição. [...] A partir do curso do próprio processo histórico, está claro que a Igreja é uma forma historicamente desenvolvida da *Ecclesia*, e portanto sujeita à relatividade que condiciona toda a história. [...] A Igreja é uma forma evoluída historicamente, um vaso da *Ecclesia*; [...].²²²

Boff apresenta, entre os muitos conceitos de Igreja, um conceito que diz:

Surge então um conceito de igreja que define exatamente quem são seus membros (um membro é ou não é; não existem membros pela metade), quais são seus limites e como devem ser as instituições da Igreja de forma a mantê-la unida e fortemente presente no mundo. Tal conceito de Igreja é uma consequência lógica do modelo assumido: o corpo físico de Cristo. Contudo – e aqui se inscreve a difícil problemática teológica – essa cristologia e eclesiologia apresentam-se, por sua raiz, deficitárias e estreitas.²²³

A Igreja Cristã de hoje assumiu uma postura inquisitória – inquisição em via contrária. Não é o pensamento contra as regras do saber-poder, mas os atos morais do corpo. O sexo, a sexualidade, a forma de vida, são vistos como imoralidade, pecado. Todos os modos de relacionamentos e interações em que o ser humano está envolvido são necessariamente componentes que envolvem a sexualidade. Existem situações nas quais as pessoas estão envolvidas diante da contemplação do belo ou até mesmo sentir alguma emoção - que logo são tomadas por algum conflito interior ou até mesmo sentimento de culpa.

²²⁰ GUEDES, Rivanildo Segundo. *Uma igreja com a nossa cara*. São Paulo: Fonte Editorial. 2010, p. 75-76, 83.

²²¹ BRUNNER, H. Emil. *O equívoco sobre a Igreja*. 2. reimpressão. São Paulo: Novo Século. 2004, p. 103.

²²² BRUNNER, 2004, p. 81, 118 e 124.

²²³ BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 221.

Os “pecados” sexuais, vistos em outra perspectiva, não devem ser considerados como “pecado” maior ou menor que os demais. Se a sexualidade for analisada dentro de questões culturais, surge um leque de interrogações e situações que jamais serão compreendidas pelos indivíduos de uma sociedade específica, sem falar que existem ainda as patologias que são percebidas como pecaminosas ou antinaturais.

Um psicótico, por exemplo, não tem controle sobre seus desejos, prevalecendo a sua realidade interior, por desconhecer a realidade exterior, assim como os valores morais externos. Chamá-lo de pecador por causa dessa atitude fora do padrão da normalidade é ignorar a “natureza” na sua diversidade de apresentações comportamentais neste sujeito “assujeitado” à própria natureza.

O interessante é que a religião na Igreja é aquela que, através do discurso do saber-poder, tem o poder de, também, gerar no sujeito a culpa. A culpa é objeto de vergonha. A Igreja não reflete a ética, mas exercita a moral, exigindo tanta “moral” que o sujeito não tem “força” suficiente de caminhar sem o peso de acusações que geram sentimento de culpa. O seu discurso deve ser reflexivo e não punitivo.

O sentimento de culpa que acompanha a transgressão moral só é inteligível na medida em que está presente, na própria consciência do transgressor, a certeza de que o seu ato (o que é) não é o que deve ser (a norma). Ao confessar a sua falta, o transgressor afirma: estou errado; as regras do jogo estão certas.²²⁴

A Igreja Cristã deveria levar em consideração a condição humana de cada um dos seus fiéis. Ao invés de oprimir ao ponto de gerar sentimento de culpa, deveria oferecer o livre exame. Livre exame é a liberdade da consciência individual para ler e para interpretar o texto sagrado em oposição às verdades da consciência coletiva e de forma rebelde em relação às ortodoxias instauradas. Ora, se isso não acontecer, o sujeito permanecerá conscientemente preso ao discurso da religião da Igreja, dominado, controlado, escravo do sentimento de culpa que lhe tolhe a liberdade do corpo e do espírito.

²²⁴ ALVES, 2005, p. 322.

Conforme Alves, “O discurso passa a ser o seu próprio ponto de referência [...] *Discurso e ser se superpõem*”.²²⁵ Na ortodoxia eclesiástica, a ética é definida e vista através do seu discurso e da sua prática, uma vez que o crente submete o seu pensamento às regras do manual de controle moral como guia para o comportamento correto dentro e fora da Igreja. Agindo assim, “[...] o indivíduo repete o discurso da consciência coletiva”.²²⁶ Ou seja, da instituição chamada Igreja que, para sustentar o seu dogma-proibitivo, se tornou herege quando usa o discurso do interdito para proibir o sexo. Küng diz que:

Com razão Freud critica também o *abuso de poder das igrejas*. Todos sabem: Quanta arrogância e *abuso de poder* há na história das igrejas: intolerância e crueldade contra os que discordam, [...] luta contra a pesquisa teológica, opressão dos próprios teólogos - [...]. Quanta *presença do superego* existe nas igrejas ao longo dos séculos: dominação sobre as almas em nome de Deus, [...] constante repressão da sexualidade e desprezo da mulher (celibato, exclusão da mulher dos cargos eclesiásticos) [...] Quantas *neuroses de origem eclesiogênica* existem: neuroses com base nas compulsões do sistema eclesiástico, dominação clerical, prática da confissão, repressão sexual, [...] – até os dias de hoje.²²⁷

A verdade e a sua busca do conhecimento absoluto são o ponto crucial da relação saber–poder, na qual o discurso religioso tem o seu espaço reservado para se fazer obedecer tornando-se, assim, necessário. Essa ordem discursiva, dentro desse contexto, é vista como um regime de verdade. Hanna Wolff aponta-nos explicitamente sobre o posicionamento de Agostinho - filósofo de grande influência na história da Igreja- contra o casamento, considerando o sexo contrário à vontade de Deus:

[...] Sua conversão, ou o que quer que tenha sido, foi resolutamente uma decisão contra o casamento, o sexo e o coito, sempre considerados gestos de “animal”, “contrários à vontade mais profunda de Deus”. E o agradecimento que faz a Deus por sua salvação é sempre, decididamente, um agradecimento por ter sido libertado do desejo da mulher. Como influente filósofo da Igreja, precisa expressar-se sobre o casamento e, tendo em vista o Novo Testamento, não pode simplesmente condená-lo. Ele o torna então “suportável” ou um “pecado leve”, mas o coito só pode consumir-se por “dever” e precisa acontecer exclusivamente por causa da “procriação”. Com isso, Agostinho implantou, em inúmeras gerações cristãs,

²²⁵ ALVES, 2005, p. 324.

²²⁶ ALVES, 2005, p. 325.

²²⁷ KÜNG, Hans. *Freud e a questão da religião*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Campinas, SP: Verus Editora, 2006. p. 80.

a típica “má consciência cristã” em relação a tudo o que é natural, ou seja, especialmente em relação ao “prazer” sexual.²²⁸

A construção do discurso religioso também obedece a toda uma lógica de coerção e ordenamento. O poder permeia e se estabelece a partir do jogo da busca pela verdade. Em outras palavras: a vontade de verdade é a base de todo o discurso religioso, por querer afirmar que é detentor dos procedimentos de conquista desta verdade e do poder que é exercido por este mesmo regime, de produção da verdade.

[...] em todo lugar e a todo momento existe uma verdade a ser dita e a ser vista, uma verdade talvez adormecida, mas que no entanto está somente à espera de nosso olhar para aparecer, à espera de nossa mão para ser desvelada. A nós cabe achar a boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários, pois de qualquer maneira ela está presente aqui e em todo lugar.²²⁹

A verdade tem o seu ambiente e lugar próprios. Para obter visibilidade, ela precisa de um espaço próprio, não o espaço que é colocado para ser apenas observada. Efetivamente, ela é o efeito produzido. A confissão, por exemplo, representou um importante papel nas instituições penais e religiosas no período medieval. É uma prática de busca de verdade e construção de saberes, através da qual a confissão reinterpretada se torna objeto de conhecimento.

Mas, historicamente, bem antes de ser considerada um teste, a confissão era a produção de uma verdade que se colocava no final de uma prova, e segundo formas canônicas: confissão ritual, suplício, interrogatório. Nesta forma de confissão – tal como as práticas religiosas e depois judiciárias da Idade Média buscavam – o problema não era o de sua exatidão e de sua integração como elemento suplementar às outras prescrições; o problema era simplesmente que fosse feita, e feita segundo as regras.²³⁰

Diante desta assertiva, é preciso considerar que as formas de produção de verdades que são encontradas nos discursos religiosos estão estruturadas na relação saber-poder. A Igreja e o Estado tiveram, historicamente, grande ligação no processo de construção de verdades. Assim, a excomunhão tinha uma ampla implicação sobre a existência dos indivíduos, como grande vínculo com os poderes político e eclesiástico. Mas a quem foi dado, e que até hoje o tem, o poder de

²²⁸ WOLFF, Hanna. *Jesus na perspectiva da psicologia profunda*. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1994. p. 46.

²²⁹ FOUCAULT, 1979, p. 113.

²³⁰ FOUCAULT, 1979, p. 115.

excomungar, e por quê? Os que excomungam, por tabela, detêm o poder e também deveriam sofrer penas duras pelas falta de amor, avareza, glotonaria, maledicência. A questão é: os sujeitos que são pegos cometendo pecados da “carne”²³¹ lhes são exigidas penas eclesiásticas para que sejam corrigidos, e essa correção serve de lição para toda a comunidade.

Outro exemplo são os fenômenos religiosos, por possuírem um discurso considerado contrário ao discurso, que se opõe à ordem científica do discurso, que é imposto socialmente.

É, por exemplo, curioso constatar que os grupos de dissidência religiosa, tão numerosos nos países anglo-saxões, de religião protestante, tinham essencialmente por objetivo, nos séculos XVII e XVIII, lutar contra a religião de Estado e a intervenção do Estado em matéria religiosa. Ora, o que reaparece, no século XIX, são grupos de dissidência religiosa, de diferentes formas, em diversos países, que têm agora por objetivo lutar contra a medicalização, reivindicar o direito das pessoas não passarem pela medicina oficial, o direito sobre o seu próprio corpo, o direito de viver, de estar doente, de se curar e morrer como quiserem.²³²

Essas manifestações marcaram profundamente diversos grupos que se diziam religiosos no final do século XIX e continuam até nossos dias. O discurso religioso tem seus mecanismos próprios para a produção de suas verdades e criar modos de sujeição. Dentro dos grandes grupos, existem os pequenos grupos dissidentes, que disputam saberes, instituindo suas verdades e produzindo sujeitos. Como a construção ideológica é minuciosa, morosa e cheia de camuflagens que ocultam o nascedouro do poder e do saber para funcionar como aparelho, as crenças nas ditas verdades constituídas ideologicamente são compreendidas pelo sujeito como uma ética, ou seja, os conceitos e valores que este sujeito concebe do mundo para si mesmo, o mantém na condição de sujeito-assujeitado.

3.3 Discurso religioso, alienação e identidade

A identidade são caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa ou coisa. Identidade é saber o que é em si mesmo – ser humano. Segundo Rosa,

É o elemento que nos ajuda a funcionar adequadamente em qualquer situação em que a vida nos coloca, sem perda de nosso senso de

²³¹ Pecados da carne, para a Igreja, são os relacionados à sexualidade.

²³² FOUCAULT, 1979, p. 96.

continuidade, e sem as confusões que dificultarão nosso adequado relacionamento com o nosso mundo significativo.²³³

Donne convida-nos a refletir sobre a sentença “[...] homem algum é uma ilha completa em si mesma; todo homem é um fragmento do continente, uma parte do oceano”.²³⁴ Ele aponta para a relação com o outro. Eu sou o que sou por causa do outro. Eu só sou ser humano por causa da relação com o outro, sujeito. A Bíblia fala que no princípio era o Verbo (*Logos*),²³⁵ a Ação. “No princípio era a relação.”

Essa relação permite pensar no que realmente é o ser humano. Quando ele perde o senso de identidade, ele deixa de ser humano. Quando ele não aceita a sua condição humana – ser humano –, ele demonstra ter dificuldade de lidar com a sua própria finitude, por ser própria da natureza humana. Nesta questão, reside a sua identidade – ser humano. A não aceitação dessa condição é querer ser Deus. Aí reside a perda de identidade. A experiência religiosa é algo que pertence à própria estrutura da consciência humana; não vem acidentalmente por força da especulação. Surgindo como consequência do sentimento de culpa teológica, tem características próprias e serve a propósitos específicos. É estritamente individual; não há duas pessoas com o mesmo tipo de experiência.

A culpa teológica refere-se à violação dos padrões divinos. “Todos pecaram e carecem da glória de Deus.”²³⁶ É o estado de existência no qual somos menos perfeitos que Deus deseja que sejamos.

Küng interpretando Freud argumenta que o apego à religião representa uma fraqueza cognitiva comparada à neurose obsessiva. Tais ideias, dentre outras, constituem oposição à religiosidade, no contexto da chamada revolução científica. Na verdade, as formas imaturas de religião podem ser prejudiciais ao equilíbrio emocional, porém, tal imaturidade não invalidou a experiência dos que possuem uma prática religiosa racional. Para ele, “[...] a infância do indivíduo é na verdade uma imagem da infância da humanidade, a ontogênese do indivíduo humano é uma reprodução da filogênese da espécie humana!”²³⁷ O comportamento religioso existe

²³³ ROSA, Merval. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. Duque de Caxias: Associação Fluminense de Educação, 1982. p. 41.

²³⁴ DONNE *apud* MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Tradução de Timóteo Amoroso Anastácio. Campinas: Verus Editora, 2003. p. 18.

²³⁵ João 1:1.

²³⁶ Romanos 3:23.

²³⁷ FREUD *apud* KÜNG, 2006, p. 41.

em todas as culturas, mesmo que as crenças não sejam as mesmas, mas com muita semelhança de comportamento. Segundo Clark, “Religião é a experiência íntima do indivíduo quando ele se apercebe do Transcendente, e que se expressa em seu comportamento quando ele ativamente procura harmonizar sua vida com esse Transcendente”.²³⁸

De acordo com Nunes,

Há, portanto, necessidade de uma reflexão teológico-libertadora. Ao investir na produção de uma consciência libertadora, a Igreja Cristã se desprende do discurso ideológico alienante. Espiritualizar tudo que lhe vem à frente em nome de Deus e do Espírito Santo é ignorância teológica. A Igreja é uma sociedade religiosa e educacional, que tem que ter consciência do seu papel profético de denunciar e anunciar, às sociedades, suas injustiças.²³⁹

Para Allport, “[...] A religião é fator importantíssimo na integração da personalidade. [...] é o esforço do homem para unir-se à criação e ao Criador com fim de ampliar e completar sua própria personalidade”.²⁴⁰ Vale dizer que, de certo modo, a Igreja tem o seu valor e o lugar certo na experiência da vida religiosa de cada indivíduo.

A Igreja aliena²⁴¹ quando o alienado é dominado pela ideologia da classe da qual ele é dominado e vive por ela e para ela. O sujeito, perdendo a identidade de si mesmo, a consciência de si, passa a pertencer ao objeto, à coisa, ao outro. Ele não é mais si mesmo, mas o que lhe determina que seja: um sujeito religioso. Ele é institucionalizado para ser o que não é em si mesmo objeto – sujeito – a ser – coisa, dominado pelo discurso dogmatizado – religioso – dogmático. Este sujeito, perdendo sua consciência pessoal, sua identidade e personalidade – ‘sua situação concreta’, sua vontade (liberdade), é esmagado pela consciência do outro (instituição de saber-poder), ou pela consciência social – consciência do grupo no qual está inserido para ser, perdendo totalmente sua capacidade de decisão. Passa a ser um ser não livre,

²³⁸ CLARK *apud* ROSA, Merval. *Psicologia da Religião*. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p. 70.

²³⁹ NUNES, 2001, p. 22.

²⁴⁰ ALLPORT *apud* ROSA, 1979, p. 71.

²⁴¹ A alienação enquanto tal não é assunto central desta dissertação, mas tão somente procuramos situar o tema no espaço teórico para ser possível perceber a posição da Igreja, já que a alienação é uma forma de relação entre o homem e determinados objetos ou qualquer coisa exterior. Essa relação pode acontecer em um determinado momento, no processo histórico, ou em qualquer sociedade humana que não lhe seja natural. Desta forma, no desenvolvimento como processo, o ser humano aliena-se, ou seja, ele perde sua consciência ou identidade pessoal. Perde a consciência de si. A falta de consciência política e social ocasiona ao homem danos, sendo ele o principal prejudicado.

se desintegra de si e se massifica, abrangendo muitos indivíduos, tempo em que perde suas ideias – o que são próprias de si, ou seja, deixa de ser único, ímpar e se pluraliza.

Sua vontade é, desta forma, a vontade do outro “coisificado”. Deixa de ser potencialmente ser humano para ser coisa, objeto espiritual – santificado – um deus: não pode pecar, não pode ser humano. É o dito absoluto da Igreja. É absolutização da “verdade” que vem através do discurso do poder saber para alienar. A Igreja aliena quando, através do discurso, propõe ao indivíduo a sua desumanização.

Na sociedade capitalista, a natureza é de tal modo explorada, que a sua transformação não retorna ao indivíduo que a transformou pelo trabalho, mas ao “senhor todo poderoso do capital”. Nesse contexto, nasce a religião, que é uma alienação secundária derivada da alienação econômica fundamental. O ser humano religioso, por não conseguir se realizar no mundo de sua vivência espontânea, que transforma pela mediação do seu trabalho, procura então transcender esse mundo do aqui e agora para realizar-se num mundo divino, o do além: irreal e fictício.

Assim, Deus não é uma realidade intencional, exigida pela natureza humana, mas alienação decorrente da situação econômica.²⁴² Supressa a alienação fundamental, desmorona “*ipso facto*” a alienação religiosa. Voltadas ao seu objeto natural, todas as necessidades do indivíduo se satisfazem e nele não sobra lugar para experiência divina, pois, nessa visão, nenhuma das dimensões humanas a ela condiz.

Desta forma, o ver, o julgar e o agir da Igreja Cristã são uma evidenciação dos traços da realidade social e requerem da Igreja a compreensão dessa realidade e a formulação de um projeto de transformação. A Igreja precisa transformar-se para poder transformar a sociedade, porque a situação relativa dos sujeitos que dela fazem parte se avolumou em direção à alienação, crescendo o número de pessoas desumanizadas. São agora seres espirituais, não estando mais no ambiente natural terrestre. A Palavra de Jesus Cristo na boca da Igreja deve ser levada ao homem alienado, a fim de que haja libertação integral. A fé da Igreja pode ser o motor de libertação.

²⁴² Marx surge num momento de grandes injustiças sociais, reduziu tudo ao valor econômico, valor este que é determinante dos demais valores porque tem importância real na ordem histórica e social.

O conhecimento da realidade vista e julgada criticamente impõe ao cristão o compromisso não só com Deus, com o Reino e com a salvação, mas também com a libertação total, integral do homem. O seu agir é através da mensagem evangélica que tenta articular com o discurso a dimensão da libertação transcendente com a libertação histórica. A religião aliena o homem porque este quer viver fora da realidade criada por ele mesmo. Viver na abstração é sonhar, é viver num mundo de ilusões, da miragem. Enquanto não se realiza o desejado ou o experimentado do mundo da fantasia, este é, logo, atribuído a Deus: “Deus quis assim.” Para Marx, pensar assim é viver na dependência dos narcóticos, é viver sem objetivar a realidade. Atribuir tudo a Deus é isentar a capacidade de produzir e de criar da criatura humana. De acordo com Brown,

O homem faz a religião, a religião não faz o homem. A religião é realmente a autoconsciência e o autoreconhecimento do homem enquanto este não tiver achado meios de ficar de pé no universo. Mas o homem não é um ser abstrato, agachado fora do mundo. O homem é o mundo dos homens, [...] A religião é o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, e a alma de condições desalmadas. É o ópio do povo. A abolição da religião, como a felicidade ilusória dos homens, é uma exigência que visa sua felicidade verdadeira.²⁴³

Se o homem faz a religião, como afirma Marx, então religião é cultura. Portanto, o homem torna-se alienado à realidade porque tudo fica concentrado no mundo da abstração, no mundo da proibição, abafa as suas necessidades singulares. No entanto, a má interpretação e a má prática da religião são o que torna o homem escravo do abstrato e ignorante da realidade. Mas, se esta é entendida como fonte geradora de libertação, torna o homem livre e não alienado. É através da religião que o homem se liberta do abstrato para o concreto; ou seja, tem a oportunidade e capacidade de conhecer o transcendente, mas não ficar alheio a sua realidade existencial.

É a cultura que cria e que produz para o indivíduo as ideias religiosas. “Quer dizer: O homem fraco cria para si deuses [...]”²⁴⁴ O problema da Igreja foi ter trazido Deus para dentro do templo, e aí Deus ficou santo demais e o homem não pode caber dentro dele com a sua humanidade, preferindo transformá-lo em ídolo e idolatrá-lo a si mesmo, o que significa seguir suas próprias regras morais, impondo-

²⁴³ BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã: um esboço histórico desde a Idade Média até o presente*. Tradução: Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 92-93.

²⁴⁴ KÜNG, 2006, p. 41.

lhe controle para seus desejos, inibindo e agredindo seu próprio corpo. A religião, a conversão e o poder do evangelho na vida do indivíduo transformam e melhoram seu caráter, mas não lhe tiram a sua humanidade.

Todo o problema da Igreja é o “excesso” de Deus dentro dela, ou seja, os seus membros são de certa forma induzidos a buscarem um “gozo celestial”, esquecendo-se da sua realidade humana: a fome, a sede, o sexo, a cidadania, a política, o casamento, o divórcio, o homossexualismo, a dependência química, etc. Então, quando a igreja não quer admitir essas realidades sociais dentro dela como um grupo social que também tem seus problemas sociais-humanos, anula-se sua posição de ser humano e autentica-se com a espiritualização somente da subjetividade e transcendentalidade. O templo passa a ser um lugar sagrado de mais. É somente Deus e as ditas coisas de Deus que estão lá. Deste modo, os conceitos e pré-conceitos servem como sustentação da fé dos seus membros.

No seu interior (templo igual à igreja) parece que não há a presença de humanos e sim a divinização absoluta de todas as coisas, anulando e negando o ‘profano’ e admitindo somente o ‘sagrado’. Daí, Deus se torna o todo presente. Ocupa espaço e tempo dos humanos. Tudo é Deus! (panteísmo), tudo é de Deus! Tudo vem de Deus! Nietzsche parece nos dar uma ideia que nos aproxima desta realidade quando diz:

[...] isto se pode felizmente concluir, a todo olhar lançado aos *deuses gregos*, esses reflexos de homens nobres e senhores de si, nos quais o *animal* no homem se sentia divinizado e não se dilacerava, não se enraivecia consigo mesmo! Por muito e muito tempo, esses gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a “má consciência”, para poder continuar gozando a liberdade da alma: uso contrário, portanto, ao que o cristianismo fez do seu Deus.²⁴⁵

Ser religioso-cristão é desenvolver maturidade para a espiritualidade e se libertar das ligas que os prendem a preconceitos, dogmas, normas, regras e leis que ele mesmo cria e não suporta carregá-la por ser um poder-saber institucionalizado de controle. O homem luta para querer ser “deus”, quer ser santo na condição de Deus e é barrado pela sua humanidade. Por isto, acaba idolatrando a si mesmo frente aos seus desejos criadores para o prazer e não abre mão do seu direito que

²⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*: um estudo polêmico. Trad. Paulo Cesar Souza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 101-102.

tem como ser humano, criando até a “juridicação”²⁴⁶ como justificativa e legisla sobre si mesmo seu direito.

A partir de Marx, a religião vai caminhar no sentido de perceber o ser humano em seu processo dialético como seu histórico que se constrói na práxis social e histórica. Com a religião, o homem conhece o transcendente através da fé, mas o material é através da razão.

Marx viveu o seu mundo, não alheio às realidades existenciais da época. Ele via na religião de seu tempo somente as formas prestabelecidas, que muito se distanciavam da realidade prática. A religião é, portanto, efeito da alienação do homem, um conjunto de conceitos construídos por ele mesmo. Quando a religião se associa à cultura, ela se torna uma ideologia. Cultura é, no sentido geral, toda a herança social do homem, o que implica suas crenças, valores, comportamento e instituições. E isto inclui a religião. É natural que o homem, como criatura racional, pense e crie categorias religiosas. Errado seria se religião e cultura fossem entendidas como coisas diferentes. Ao contrário, religião é elemento cultural. Diz Tillich:

[...] religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente.²⁴⁷

Embora o indivíduo busque a todo tempo a compreensão da sua liberdade, mesmo ele sendo substância da sua própria cultura e produtor também de uma cultura religiosa, cabe-lhe a todo custo a conscientização do significado do que seja compromisso ético e suas ações, ele, como parte integrante da Igreja.

3.4 Compromisso ético da igreja cristã e as ações dos seus indivíduos

Hoje, pelo fato de o mundo ocidental viver numa sociedade pluralista, faz-se necessária a existência de valores éticos definidos que norteiam a conduta dos indivíduos. No meio evangélico, existem diversas propostas que são colocadas como regras éticas, reivindicando serem bíblicas. Entretanto, a partir de diversas possibilidades de compreensão desse contexto, admite-se que nem todas as

²⁴⁶ Expressão idiomática deste autor.

²⁴⁷ TILLICH, Paul. *Teologia da Cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 83.

alternativas éticas contemporâneas são realmente bíblicas – mesmo as cristãs. Para uma análise mais ampla sobre este fato, é preciso uma análise teológica e filosófica porque a ética cristã usa a ética filosófica para poder explicar o conteúdo da moralidade.

A ética cristã está intrinsecamente relacionada com a teologia/psicologia/filosofia. Uma parte básica das faculdades morais do homem faz parte da sua constituição mental. O estado da mente do indivíduo, tais como caráter, consciência e vontade, é essencial à ação moral. Nenhuma forma de julgamento deve ser feita antes que tenha conhecimento profundo do acontecido. Alguns psiquiatras e psicólogos estão envolvidos no que se refere à conexão vital entre psicologia e ética.

Para Allport,

A maioria dos conflitos que causam prejuízo à saúde mental tem que ver com os cursos de condutas que o indivíduo considera moralmente obrigatórias. Quer o chamemos de consciência ou superego, o senso moral está quase sempre envolvido em qualquer conflito sério.²⁴⁸

Ética e psicologia têm necessidade uma da outra para, assim, entenderem mais completamente o homem. Do mesmo modo para a teologia e filosofia. Cada sociedade particulariza valores morais e éticos. Os indivíduos que a formam não vivem um relacionamento sem antes determinar limites. As normas, regras e leis são instrumentos que, de certa forma, funcionam como espécie de sinal de alerta, às vezes advertindo e às vezes proibindo. A questão é que a ética cristã tem sua base religiosa nas doutrinas do cristianismo e sua tradição cheia de moralismo. A tradição acaba sendo materializada com regras normatizadas, oriundas dos achismos e costumes de quem quer ter o poder para controlar, governar e influenciar comportamentos. O cristianismo, fora de sua essência, está cheio de moralismo (farisaísmo). A ética é o elemento teórico, enquanto a moral é a sua prática. De acordo com Mondin,

O problema ético toma dois aspectos principais: um relativo ao fundamento e ao valor dos códigos, dos princípios, das normas, das convicções morais já existentes; trata-se do *problema crítico*. O outro diz respeito às condições que possibilitam a ação moral em absoluto; O critério daquilo que é moral e imoral para o homem; o fim último da vida humana e os meios mais aptos

²⁴⁸ ALLPORT, W. *Personalidade: padrão e desenvolvimento*. São Paulo: Editora da USP, 1973. p. 44.

para atingi-lo. Este é o *problema teórico*. Os dois problemas, entretanto, não estão separados um do outro, mas sim intimamente ligados, na medida em que o primeiro introduz o segundo: antes de implantar sistematicamente a moral, coloca-se em questão, problematiza-se a moral comum.²⁴⁹

Os códigos morais prescrevem deveres, estabelecem leis, ditam normas, e todos os indivíduos, membros de uma sociedade, são obrigados a observar. A pergunta que se faz é: Por que e em que medida se é obrigado a observar esses códigos? Quem os prescreveu? Que valor eles têm? Podem ser mudados? A quem cabe o direito de substituí-los por outro? Compete à coletividade, a cada um ou aos governantes?

A história da filosofia propõe algumas destas questões para ser possível refletir sobre a moral. Um contexto político e cultural, com variações de comércio e costumes, revelou aos gregos novos estilos de vida e de pensamento. Os sofistas foram estimulados a levantar questionamentos sobre os fundamentos das normas reguladoras da conduta humana. Ao constatarem que tais normas apresentavam notáveis divergências entre os vários povos, eles concluíram que elas não se fundavam na natureza humana, mas, sim, sob determinadas convenções sociais. Os Estados fixam para seus cidadãos as convenções que julgam mais oportunas a seu bem-estar individual e social.

Há uma complexidade em torno da ética por conta dos elementos culturais de cada sociedade. É de certa forma ampla e progressiva a teorização da ética. Valores são estabelecidos como forma de limite em relação ao outro. “Tudo me é lícito, mas nem tudo convém”, diz o apóstolo São Paulo.²⁵⁰ Ética estuda criticamente a moralidade da vida humana, ou seja, o princípio da boa conduta (bem e do mal).

Cotidianamente, são feitas, na verdade, escolhas morais. São praticadas e reconhecidas e impostas sobre os componentes de cada sociedade, sem tirar-lhes a liberdade, na escolha de suas atitudes. O que importa é a responsabilidade sobre os atos. Ser ético implica em dignidade para consigo mesmo e com o próximo. Tudo o que se faz sem ética atinge os demais membros de uma sociedade. Os cristãos acreditam que a ausência de ética fere, também, a santidade de Deus.

²⁴⁹ MONDIN, Batista. *Introdução à Filosofia*: problemas, sistemas, autores, obras. Tradução de J. Renard. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 91.

²⁵⁰ I Coríntios 10:23.

Para Ramírez, “O homem é, original e irredutivelmente, um ser ético e religioso: como ser ético, vivencia como culpa a ruptura de sua identidade mediante o mal (sic) uso da liberdade; como ser religioso, vivencia-a como pecado”.²⁵¹

Ética pressupõe liberdade com responsabilidade. Somos humanos e é inevitável a atividade moral. Todas as atividades humanas estão sujeitas a serem reconhecidas com louvor, mas também com censura, e por isso elas são objeto de censura e juízo todo o tempo. O comportamento social de cada um está em jogo cercado todo o tempo de direito (o certo) e o bem. As escolhas pessoais são determinadas pela vontade e desejo de fazer ou conhecer. Escolhemos e fazemos as coisas conscientes ou inconscientemente.

Segundo Gardner, “O conceito de direito envolve as noções de dever, de lei moral e de imperativos; [...]”.²⁵² E ainda complementa este conceito afirmando, de Ross, que “as duas noções, o direito e o bem, estão implícitas no estudo de questões morais, e, quem lidar com uma, cedo ou tarde, descobrirá que é preciso introduzir a outra”.²⁵³

3.4.1 *Ética e as respostas da Igreja Cristã para as questões sexuais*

O mundo contemporâneo está caracterizado pelo desespero. Há muita violência, indiferença e não há respeito pelo outro. É um mundo vazio de reconhecimento ético. O que prevalece é o desejo iníquo, é a prática de todas as formas de violência e perversão. Não há direitos. Mas os problemas relacionados com a ética não dizem respeito apenas aos poderes eclesiásticos instituídos, mas são responsabilidade de todos, de modo que cada cristão é estimulado, por suas comunidades religiosas, seja de forma individual ou coletiva, a cooperar para sua superação. Deste modo, particularmente, é de extrema importância que a Igreja se organize para refletir sobre as diversas questões éticas existentes no meio dela. Essa reflexão é uma forma de avaliar as suas ações internas e externas e que venha a corroborar com uma vida cristã mais saudável, ou seja, mais digna de relacionamento uns com os outros dentro e fora da Igreja.

²⁵¹ PÉREZ RAMÍREZ, Vladimir. *Reconciliação e perdão: segundo os ensinamentos de Anselm Grün*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 43.

²⁵² GARDNER, E. Clinto. *Fé bíblica e ética social*. Tradução de Francisco Penha Alves, São Paulo: ASTE, 1965. p. 21.

²⁵³ ROSS *apud* GARDNER, 1965, p. 21-22.

Outrossim, é importante que a Igreja Cristã organizada não trabalhe egoisticamente ou isolada e distante das realidades. Todos devem ter conhecimento e consciência de que os problemas que dizem respeito à ética não são de hoje. É notório que as sociedades, todas elas, estão comprometidas com o bem-estar dos indivíduos que delas fazem parte.

Diante disso, podemos dizer que os cristãos reconhecem Jesus Cristo muito mais como o Salvador de suas almas do que um homem, por exemplo, primando pelos valores da vida tais como direitos e deveres compostos de cumplicidade, responsabilidade e amor e com reconhecimento pela dignidade humana. É possível poder pensar em Jesus Cristo, não sendo um moralista-*ismo* exacerbado, mas um exemplo de homem que na sua vida prática se demonstrou ético. Se não o fosse, agiria da mesma forma que os fariseus. Ele aplicaria a lei mais com uma interpretação de moralismo do que o princípio ético dos valores. Jesus sempre observou mais os valores do que o moralismo exacerbado.

A Igreja Católica adotou como padrão de ensino os seus dogmas, dentre os quais a relação sexual só pode ocorrer dentro do casamento; a noiva deve ser virgem e casar com véu e grinalda; o divórcio é proibido, por exemplo. Já a Igreja evangélica não refletiu sobre suas bases éticas antes de adotar para si mesmo como padrão também os ensinamentos católicos, impondo um moralismo sobre os seus membros e falta com a ética. “Ela exclui o membro que frequenta bares, mas não pune o patrão que é injusto com o seu empregado.”²⁵⁴ Encontramos textos na Bíblia²⁵⁵ onde Jesus é visto sempre nos “bares da vida” ou em casas sentado entre os pecadores e publicanos, sendo censurado e julgado pelos que se diziam professores da lei – religiosos.

Desta forma, todos devem trabalhar em conjunto para promover o melhor nas relações nas quais os valores éticos sejam refletidos e também demonstrados nas ações. Não se deve negligenciar no que diz respeito aos valores éticos presentes na instituição chamada Igreja Cristã e que esta trabalhe pedagogicamente em direção à formação de opinião para manter a harmonia, a compreensão, a responsabilidade, a cumplicidade, a alegria, a saúde mental naqueles que, individual

²⁵⁴ Anotações das aulas da disciplina Psicologia Pastoral com o professor Dr. Merval Rosa.

²⁵⁵ Mateus 9:9-13; 11:19. Marcos 2:15-16 e Lucas 19:5-7.

e coletivamente, superem as vicissitudes da vida em grupo, seja na Igreja, seja na família, no trabalho, no cotidiano. De acordo com Wink,

A questão fundamental é que simplesmente a Bíblia não contém nenhuma ética sexual. Não existe ética sexual bíblica. As Escrituras conhecem apenas a ética do amor, capaz de se relacionar os costumes sexuais dominantes de qualquer país, cultura ou época.²⁵⁶

Concomitantemente afirma Jennings: “Qualquer que seja a nossa “ética cristã”, deverá submeter-se ao primeiro princípio e não pode prescindir do decreto gracioso de Deus nem da eleição e atividade de Cristo para justificar os pecadores.”²⁵⁷

O compromisso ético e moral do cristão - que é social - são com as suas ações junto às pessoas que as cercam, vivendo praticamente o cotidiano numa inteira relação que exige amor, responsabilidade, cumplicidade e reconhecimento dos valores. A espiritualidade não deve ser egoísta, individualista, indiferente, mas partilhada e compartilhada de modo coletivo entre os membros da sociedade, seja a Igreja, família, escola ou trabalho. As ações devem estar voltadas para os relacionamentos do dia-a-dia, assim como as ideias precisam ser materializadas em ações de valores.

Há uma grande falha na interpretação e compreensão no que tange ao relacionamento uns com os outros. Há quem pense que o relacionamento humano deve ser diretamente com Deus; ao contrário, segundo a Bíblia, este deve ser primeiro cultivado com os outros, e depois, com Deus.²⁵⁸

Só é possível um relacionamento com Deus passando pelo outro as reais intenções, interesses, amor e desejo em servir bem. “São séculos e mais séculos vivendo a religiosidade e ninguém consegue compreender o outro, suas necessidades e sua liberdade”.²⁵⁹ [sic] São Paulo exorta:

O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra

²⁵⁶ WINK, 2008, p. 17.

²⁵⁷ JENNINGS, 2008, p. 23.

²⁵⁸ Uma referência bíblica sobre este ensinamento está em I João 4:20: “Se alguém diz que ama a Deus e odeia ao seu irmão, é mentiroso.”

²⁵⁹ Parafrazeando o que autor deste trabalho ouviu do filme *Passagem para as Índias* [s.d.].

com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.²⁶⁰

A definição paulina no que diz respeito ao amor com o próximo é que haja responsabilidade mútua de todos os membros da comunidade de uns para com os outros, sem julgamento sobre suas ações. Ninguém está autorizado a fazer julgamento sobre as ações dos outros. Não nos cabe este tipo de comportamento sobre as pessoas. Todos são livres e devem assumir os seus atos responsabilmente. Faltar com a ética é agredir o outro sem nenhuma essência de amor. As pessoas devem ser respeitadas, assim como os seus atos e ações. Não é da competência de ninguém querer interferir na vida particular das pessoas. Elas são seres livres e, portanto, devem ser respeitadas. Isto é ético. Foucault, citando Plutarco, Epicteto, Sêneca, Marco Aurélio e outros, assim afirma:

Em IV, 18: “Quanto tempo livre ganhamos se não olharmos o que o vizinho disse, fez ou pensou, mas tão-somente o que nós mesmos fazemos (*tí autòs poiei*)”. Portanto, não olhar o que se passa com os outros, mas interessar-se antes por si. Examinemos melhor em que consiste precisamente este retorno do olhar e o que há que se olhar em si a partir do momento em que não se olha mais os outros. De início, devemos lembrar que a palavra curiosidade é *polypragmosýne*, isto é, não tanto o desejo de saber quanto a indiscrição. É imiscuir-se no que não nos diz respeito... “*philomátheia allotrion kakôn*”.²⁶¹

Por que a Igreja Cristã na pessoa do seu líder religioso se coloca à frente da congregação como aquele que também exerce a função de “detetive da vida alheia”, emite opinião sobre a vida e a privacidade dos seus membros? Quem lhes outorgou tal direito como dever da função pastoral? Seria o poder para poder saber e controlar? Mais uma vez Foucault convida-nos, a saber, através dos mencionados acima, que:

É o desejo, o prazer de saber dos males do outro, do que se passa de ruim com ele. É interessar-se pelo que não vai bem com os outros. Interessar-se por seus defeitos. Sentir prazer em conhecer as faltas que eles cometem. Por isto, o conselho inverso de Plutarco: não sejas curioso. Isto é, no lugar de ocupar-se com os defeitos dos outros, ocupa-te, antes, com os teus próprios defeitos e faltas, com teus *hamartémata*.²⁶²

²⁶⁰ I Coríntios 13:4-7.

²⁶¹ FOUCAULT, 2006, p. 269-270.

²⁶² FOUCAULT, 2006, p. 269-270.

Parece ser mais salutar olhar para si mesmo deslocando a curiosidade de si para si mesmo e não para o outro como sugere Foucault dos já citados acima. Ele diz:

Olha os defeitos que estão em ti. De fato porém, quando examinamos o desenvolvimento do texto de Plutarco, nos apercebemos de que a maneira como se deve fazer este desvio do olhar, dos outros para si, de modo algum consiste em substituir o outro por si como objeto de um conhecimento possível ou necessário. Plutarco emprega palavras que designam bem esta virada: por exemplo, *perispasmós*, ou *metholké*, que significa deslocamento. Em que consiste este deslocamento da curiosidade? Pois bem, diz ele, é preciso *trépein tèn psykhén* (volver a alma) na direção de coisas que são mais agradáveis do que os males ou os infortúnios do outro.²⁶³

3.4.2 O amor, na perspectiva greco-cristã

Na língua grega, quatro são as palavras que definem amor. Primeiro: *filia* é uma palavra que expressa o amor à base de sentimento de pura amizade. O amor *eros* está direcionado para um sentimento e desejo sexual, enquanto *stergo* é um sentimento de *amor* entre os animais quando trocam carinho e afeto entre si. O amor *ágape* é empregado no sentido social ou moral, um amor incondicional e espiritualmente elevado, comparado apenas ao amor de Cristo pela Sua Igreja. O ser humano experimenta essas três dimensões de sentimento de amor. Ama por amizade, ama por desejo sexual e ama por afeto e carinho. A quarta palavra para amor é *ágape*, que significa amor sacrificial.

Há um esforço muito grande para expressar esse sentimento, que é muito mais humano-feminino do que humano-masculino. Há muito mais pessoas apaixonadas do que amando com amor sacrificial. Parece que os homens são mais difíceis de expressar esse amor sacrificial, enquanto as mulheres parecem que mais se dedicam e mais se suavizam e se deliciam neste sentimento, que é uma química para todo o corpo. Parece que elas sentem mais (amor sacrificial – amor maternal) de verdade sem reclamar a dor.

Acordar de madrugada sem emitir nenhuma palavra reclamando do que vai fazer é, com certeza, uma característica de uma pessoa que ama (*ágape*). A disponibilidade em querer servir é uma atitude humilde. É se colocar no lugar do outro necessitado. Nem todo mundo se habilita para tal. E o mandamento é: “Amai

²⁶³ FOUCAULT, 2006, p. 270.

uns aos outros.”²⁶⁴ “A ninguém deveis coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros.”²⁶⁵ Amor *ágape* é, sem dúvida, a lei maior e dominante recomendável a todos. Os cristãos são intimados a todo instante a observar a lei do amor. O amor está acima de qualquer imperativo, pois ele já é uma condição imperativa, uma ordem que não se discute, se obedece.

Quando alguém ama, não faz perguntas. O amado, por sua vez, não guarda segredo e às vezes fica em silêncio. No amor, há ação, compreensão, aceitação e não discriminação. No círculo (fig.1), todos fazem parte da inter-relação. No triângulo (fig.2), todos estão na base, amando uns aos outros e, conseqüentemente, ligados a Deus, porque Ele primeiro se ligou ao ser humano.

Fig. 1

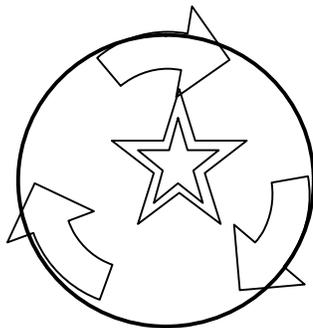


Fig. 2



“O que significa amar o opressor? Significa amá-lo, libertando-o da opressão – isso é amor. O amor de Deus não é amor romântico, cheio de sentimentos. O amor de Deus é solidariedade pelo outro.” Quando o Evangelho fala de amor, fala noutra língua, noutra contexto. Hoje, o amor *ágape* é o descentramento - sai de mim em direção ao outro. Amar significa descentralizar o EU e centralizar no próximo. Parafraseando Mateus 5:21-25a, podemos dizer: “Se teu irmão pecar, vai a ele com amor.” Sem censurar, sem julgar, sem condenar. Pois não somos também pecador? [sic].

O que é pecado? Há muitas pessoas, nas Igrejas, que carregam sentimento de culpa pelos valores passados na infância, os quais não foram mantidos na fase adulta. Com certeza, não aprenderam sobre o amor cristão, a não ser superficialmente. E o ego enclausurado é a pior coisa e o processo de libertação

²⁶⁴ I João 4:7.

²⁶⁵ Romanos 13:8.

dessas referências é, na maioria das vezes, doloroso. É pertinente, neste contexto, o amor *eros*. Ele é o sugar o outro para si, se envolvendo com ele. Segundo Lèvinas, “a ética fica no centro do SER – elemento ontológico, na sua alteridade”.²⁶⁶

Infelizmente, a Igreja Cristã criou normas muito distantes do verdadeiro sentido do amor, quando estabeleceu o princípio da disciplina, colocando o indivíduo para fora do seu centro. Segundo a Bíblia, disciplina com amor é ajudar as pessoas, ensinando-as, exortando-as e fortalecendo-as a continuarem na fé dos santos, sem necessariamente ficar fora da Igreja (Gálatas 6:1-5). Todos, sem exceção, são constituídos de fragilidade humana, pois os erros fazem parte da vida, mas a reincidência ou a permanência no erro é pura ignorância. De acordo com Magalhães, o “sistema de valores são os valores da vida – religião e fé se confundem muitas vezes com costumes herdados [...]. A ética não olha para a humanidade, mas, sim, para o dever”.²⁶⁷ O problema é que a ética legalista causa sentimento de culpa [sic].²⁶⁸ Ele acrescenta ainda que para Kant “o bem (amor) é mais importante que o dever. É isso que qualifica o ser humano”.²⁶⁹

Que postura ética, então, a Igreja deve ter em relação ao ser humano? A Igreja é formada de pessoas convertidas ao Evangelho do nosso Senhor Jesus Cristo. “O Evangelho não é uma ética nova, mas uma recolocação do sujeito.”²⁷⁰ Igreja, de *ekklesia*, significa assembleia – o povo é tirado de dentro para fora para uma grande reunião. A Igreja foi instituída por Jesus e, ao longo do tempo, vem sofrendo mudanças radicais quanto à sua natureza. Muitos foram os movimentos na tentativa de exterminá-la, mas, de forma milagrosa, conseguiu sobreviver no tempo e no espaço. As duras perseguições fortaleceram-na cada vez mais. Hoje, em algum lugar do mundo, ela continua sofrendo ameaças junto com os seus membros, mas há algo intrigante: a Igreja também perseguiu e continua perseguindo. Ao invés de compreender as diferenças, ela discrimina, exclui, marginaliza e se esconde no

²⁶⁶ Anotações pelo autor das aulas de Ética na Faculdades EST, em São Leopoldo-RS, ministradas pelo Prof. Dr. Ênio Müller, em 27/01/2001.

²⁶⁷ Anotações feitas pelo autor na palestra sobre Ética proferida pelo Prof. Dr. Antonio C. de Melo Magalhães, em Salvador, Out/2002.

²⁶⁸ Nas Igrejas cristãs, por exemplo, os casais que não são casados, mas vivem maritalmente, não podem participar da ceia do Senhor.

²⁶⁹ Idem anotações da palestra sobre Ética Out/2002.

²⁷⁰ Anotações pelo autor das aulas de Ética na Faculdades EST, em São Leopoldo-RS, ministradas pelo Prof. Dr. Ênio Müller, em 27/01/2001.

discurso do saber-poder e na espiritualização exacerbada e da demonização de tudo e de todos.

A Igreja Cristã prima pelo moralismo e falta aos princípios éticos de valorização dos seus membros e daqueles que querem entrar para dela fazer parte. Há uma inversão abusiva de valores. De um lado, o rico é discriminado por ser rico. Do outro, o pobre é discriminado por ser pobre. O pecador não tem vez. E ela, a Igreja, esquece que o lugar do pecador é lá, na Igreja, dentro dela. Ora, o lugar do santo não é na Igreja? E por que são impedidos, se todo santo é pecador? Santo significa separado, consagrado, dedicado para. Portanto, não confundir pecar com permanecer no pecado.

A questão da ética na Igreja não é porque os seus membros são santos-pecadores, mas porque as suas ações não condizem com um discurso vazio, construído historicamente. Não são éticos aqueles que discriminam as classes sociais internas e externas à Igreja. Infelizmente, o racismo desfila elegantemente disfarçado, invisível, sutil no seu interior. Os homossexuais, por outro lado, não têm a mesma oportunidade. Os viciados em drogas, os alcoólatras, têm a sua vaga garantida nos centros de recuperação, mas não na Igreja. O pobre humilde, não lhe é dada a atenção devida. E a falta de ética é quando estes têm que ouvir dominicalmente “tragam seus dízimos e ofertas” quando na verdade deveriam ouvir “venham receber/pegar o que precisam”.

A falta de ética na Igreja é a maioria não ter o que comer e nem onde dormir e nem com que pagar o seu transporte para ir à Igreja, enquanto muitos mensalmente ou várias vezes ao ano viajam, em nome de Deus, em passeios turísticos. A falta de ética na Igreja é trazer e tornar público um problema pessoal, particular do indivíduo-pecador que, por conta sua fragilidade, cometeu um erro.

A Igreja, agindo assim, pensa em estar honrando o seu nome. Diz a Bíblia: “Todos somos pecadores”²⁷¹, mas também diz: “Arrependei-vos.”²⁷² E mais: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purifica de toda a injustiça.”²⁷³ O fiel peca, confessa, se arrepende e pede perdão. Será mesmo que ele é perdoado? Ele é levado a juízo (assembleia dos

²⁷¹ Romanos. 3:23.

²⁷² Atos 3:19.

²⁷³ I João 1:9.

santos) e lá é julgado, condenado e excluído? Isto é ético ou mero moralismo? A questão é que o ponto de vista sobre esta questão é sustentado pelo fundamentalismo da moral e não pelos valores éticos fundamentados no amor cristão.

Toda desgraça da Igreja é a sua institucionalização. Quando os valores cristãos são substituídos por moralismos religiosos, ninguém consegue ser santo-pecador, mas só pecador. O santo-pecador tem a graça de Deus em seu favor, busca andar na luz. O pecador é um desgraçado, destituído da graça de Deus, indiferente aos valores éticos, está sempre em falta com a ética para com seu irmão e se coloca sempre como acusador. Ora, quando alguém é acusado de suas faltas e erros, o acusador está, na verdade, confessando as suas faltas também. E ele o faz apontando com o dedo indicador enquanto os outros ficam voltados (para dentro) para si mesmos.

A ética na Igreja deve ser observada e praticada por todos, sem correr o risco de se perder no discurso vazio de ações. Em algumas igrejas cristãs, alguns discursos na Igreja e da Igreja estão permeados de um falso espiritualismo. Cobra-se muito dos fiéis uma postura padrão impensada, irrefletida, como se fosse sinônimo de espiritualidade, e pouco se demonstra na aplicabilidade da vida cristã dentro ou fora da Igreja. Quanta mentira, quanta murmuração, discriminação, falta de amor. Pouco se ensina sobre a condição mínima possível de ser e de fazer dentro e fora da Igreja porque o culto é constituído de liturgia-rito-mística, hinos de louvor, oração e proclamação da Palavra de Deus e comunhão. O culto é, portanto, o resumo da vida. No culto também se aprende a ser e a sair das quatro paredes para o fazer. A espiritualidade (ser e fazer para o outro) não deve ser confundida com a religiosidade (fazer coisas vãs e vazias). A ética na Igreja Cristã requer uma sã consciência do bem - lhe confere um caráter moral - do certo, do amor, e do que é mal, o que se opõe ao bem, à honra.

Portanto, ética é relevante na vida cristã. Só é relevante na vida cristã quando as nossas ações são coerentes com os nossos discursos e que estes, antes, passem pelos "olhos" da ética, desde que os valores da vida sejam autenticados por nós na vida dos outros. A ética é importante, necessária na vida cristã, ou seja, deve estabelecer uma inter-relação entre o indivíduo e a sociedade,

entre o crente e a sua igreja, embora seja ela individual, um modo de ser de cada indivíduo - sujeito dentro ou fora dela - do sujeito de si, seu caráter.

Os cristãos, muitas vezes, não percebem que a responsabilidade de amar as outras pessoas é estendida à totalidade da pessoa. O homem é um corpo que vive neste mundo e não somente destinado para outro mundo. E como ser vivente neste mundo, ele tem necessidades físicas e sociais que não estão à parte das espirituais. O compromisso ético com o bem-estar social das pessoas é para todas as classes sociais de uma sociedade. O cristão faz parte de uma sociedade religiosa, tem uma grande responsabilidade junto aos outros, porque o seu discurso está respaldado na Bíblia. “Fazei o bem a todos”, diz o apóstolo Paulo.²⁷⁴

Neste mundo conturbado de crises econômicas, no qual o capitalismo é dominador e selvagem, impedindo toda tentativa de crescimento dos países mais pobres, fica muito difícil aplicar valores significativos em favor dos necessitados, uma vez que o capital é a base e o motor gerador de consumo.

Existem situações em que o dever direto do indivíduo diante de Deus entra em conflito com o seu dever universal diante dos homens. Nessas situações, a ética e os valores universais devem ser transcendidos pelo individual religioso. O caso Abraão e Isaque apresenta-se como um exemplo de valor ético religioso, o que é observado por Geisler. Diz ele:

Este paradoxo da responsabilidade religiosa do indivíduo sobre o seu dever ético é focalizado no relato de Abraão e Isaque. Quando Deus mandou a Abraão que matasse seu filho a quem amava de todo o coração e em quem colocava suas esperanças para a bênção futura, Abraão tinha de *suspender* sua responsabilidade ética a fim de expressar seu dever a Deus. “Na vida de Abraão não há expressão mais alta da ética do que esta, que o pai ame seu filho... Por que, então, Abraão fez isto? Por amor a Deus e (em completa identidade com isto) por amor a ele mesmo.” Destarte, a despeito do imperativo moral universal acerca do matar, e por causa da sua fé em Deus, Abraão foi além da ética de modo total. Demonstrou que o individual religioso está mais alto do que o universal ético. Quando o ético é transcendido por aquilo que é religioso, o universal pelo individual, não é suspenso em virtude de uma norma superior ética [...].²⁷⁵

Ainda sobre o caso Abraão e Isaque, continua Geisler:

²⁷⁴ Gálatas 6:10.

²⁷⁵ GEISLER, Norman L. *Ética Cristã: alternativas e questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 25.

[...] Não há nenhum *telos* ou propósito ético superior que justifica o ato religioso. [...] Por seu ato ultrapassou totalmente a ética. [...] A ética é suspensa em prol daquilo que é religioso, mas não há nenhum propósito ou princípio ético superior que justificaria esta suspensão. Aliás, a maneira conforme a qual o religioso transcende a ética pode importar numa “inversão” da ética. Quando um homem como Abraão age pela fé em virtude do seu dever absoluto a Deus, “a ética é reduzida a uma posição de relatividade.” Por exemplo, o amor a Deus pode levar o cavaleiro da fé a dar ao seu amor ao próximo a expressão oposta àquela que, segundo a ética, é exigida pelo dever. Isto é bem óbvio no caso de Abraão[...].²⁷⁶

Geisler entende ainda que para Kierkegaard, teólogo e filósofo,

[...] *no que diz respeito à lei moral* Abraão era um assassino, não um crente. A fé, porém, “é capaz de transformar um assassinato em ato santo, do beneplácito de Deus...” Até mesmo os amigos e entes queridos mais a chegados foram incapazes de justificar o ato de Abraão em qualquer sentido ético. Além disto, segue-se daí que, se Abraão fosse processado diante de um tribunal por assassinato, seus próprios entes queridos teriam de confessar a culpa dele diante da lei moral! Realmente, nem sequer Abraão podia justificar seu próprio ato moralmente. [...].²⁷⁷

Ainda nesta citação, Geisler imprime a ideia da relevância da ética por ser universal e sai de um pensamento lógico e inteligente. Diz ele a respeito que:

[...] A ética é relevante e racional, porque pode ser colocada numa declaração proposicional universal e inteligível. Não é assim com aquilo que é religioso, que é apaixonado, subjetivo, e radicalmente individual. [...] Não há declarações éticas universais que não devam ser “invertidas” pela experiência religiosa individual do dever absoluto diante de Deus, tal como Abraão enfrentou. [...] A ética *como tal* permanece universalmente obrigatória. Somente porque a ética é considerada relativa *em relação* àquilo que é religioso, não significa que não permanece absoluta *em si mesma*. A ética pode ser suspensa, mas não pode ser descartada.²⁷⁸

Por este motivo, Geisler afirma ainda, nesta citação, que os valores éticos estão acima de toda e qualquer circunstância que diz respeito à relação dos indivíduos diante da realidade vivenciada no cotidiano de cada um, seja religioso, ateu, cristão, incrédulo...

[...] ninguém pode ser religioso sem primeiramente acreditar profundamente na ética. [...] É por esta razão que Kierkegaard não teme qualquer abuso da ética pelo homem religioso. [...] o ético é uma exigência prévia para aquilo que é religioso [...].²⁷⁹

²⁷⁶ GEISLER, 2001, p. 25-26.

²⁷⁷ GEISLER, 2001, p. 26.

²⁷⁸ GEISLER, 2001, p. 26.

²⁷⁹ GEISLER, 2001, p. 26.

A respeito do caso Abraão e Isaque, noutro momento, Gouvêa observa que

[...] o sacrifício de Isaac por Abraão, como descrito em Gênesis 22. Kierkegaard utiliza esta passagem para fazer-se três importantes perguntas filosófico-teológicas: (i) Pode haver uma suspensão teleológica da ética? (ii) Pode haver um dever absoluto para com Deus? (iii) é defensável a atitude de Abraão de esconder suas intenções de Sara, de Eliezer e de Isaac? [...] Kierkegaard explica sua intenção com o livro, de falar sobre a relação entre a fé e a razão, e de apresentar Abraão como o “cavalheiro da fé”, modelo maior da vida de fé “em virtude do absurdo” (do paradoxo), e explicar, em oposição ao hegelianismo, por que a fé não é inferior à razão, mas sim um dom superior e espetacular, um longo e duro aprendizado, uma paixão feliz, uma divina loucura, e um complexo “movimento duplo” do espírito humano.²⁸⁰

Conclui Gouvêa este caso, dizendo da importância da angústia não como conceito, mas o caminho para a santificação. Caminho este retocado de valores conturbados, mas significativo para a vida de fé com a fé razão pura para entender o sentido e significado da vida e sua finitude na angústia. E diz: “[...] A angústia nos ajuda a entender quem somos, onde estamos, e para onde devemos ir, e assim guia o caminho para a santificação”.²⁸¹

Caminhar para a santificação é um processo por toda vida e a vida é um caminho cheio de caminhos em que temos que escolher um para o nosso modo de vida, como pecador ou como santo.

3.5 A problematização filosófica

De que maneira é possível usar a filosofia que aprendemos na vida cotidiana no auxílio às questões humanas? O conhecimento filosófico possibilita a compreensão da construção histórica do pensamento humano e, principalmente, traduzi-la para nós mesmos, nossos modos de ser, pensar e agir cotidianamente. Podemos usar esses mesmos recursos para conhecer o pensamento e o modo de ser do outro, de um grupo, de uma instituição, de uma sociedade, da Igreja. Para que a filosofia saia da academia institucionalizada e vá para a prática, é preciso que deixemos de pensar filosofia só como um pensamento lógico-formal, pois a racionalidade não é o único caminho. Por mais que busquemos as razões, haverá sempre elementos ainda a serem conhecidos.

²⁸⁰ GOUVÊA, 2000, p. 233-234.

²⁸¹ GOUVÊA, 2000, p. 237.

A filosofia trabalha com possibilidades, considera a legitimidade de diferentes mundos, não para aí encontrar elementos que legitime seus pré-julgamentos. Mas, devem-se sim, investigar o mundo para compreendê-lo, para daí construir juízos de conhecimento que sejam mais adequados à realidade. O conhecimento filosófico fez do homem sujeito de si mesmo, portanto, não percebemos a postura crítica, ativa e transformadora da Igreja Cristã a não ser a de julgar e condenar o homem-livre. Foucault adverte que: “O problema não é mudar a “consciência” das pessoas, ou o que elas têm na cabeça, mas o regime político, econômico, institucional de produção da verdade.”²⁸²

Para Foucault, só o pensar filosófico oferece recursos e desperta para o questionamento das relações de poder em que os indivíduos estão envolvidos e alicerçados. Na sua proposta percebemos uma inquietação e ele questiona:

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento?²⁸³

Onde está a base de sustentação de uma moral universal? Entende-se aqui que Foucault sugere que tenhamos uma atitude de profunda crítica face as realidades existenciais dos indivíduos num mundo não mais de ficções, mas de poder falar de um mundo real fundamentado numa moral universal sustentada pela normatização de regras. Para ele, o discurso que predomina atualmente deve ser problematizado filosoficamente, para poder assim perceber a realidade do mundo que se esconde por trás das palavras permeadas de moral irrefletida.

Percebe-se que em Foucault o seu pensamento filosófico não vai de encontro às ditas verdades amarradas como num porto seguro. Seu pensamento aponta para a liberdade sem, portanto inferir nos sistemas filosóficos, embora se saiba que a intenção é de opinar e dirigir os indivíduos e suas ideias, cabendo-lhe,

²⁸² FOUCAULT, 1979, p. 14.

²⁸³ FOUCAULT, 1984, p.13.

portanto, uma ação de livramento. Se o pensamento já existe, devemos pensar criar outros que não existem e não tornar legítimo o que já está estabelecido como verdade negando a condição humana de poder re-criar. Todo ser humano deve e pode pensar coisas novas para a vida de si e do outro. Um saber não é verdade imutável. Não se deve pensar em uma “absolutização da verdade”. “Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe?”²⁸⁴

A filosofia de Foucault é reveladora e convida-nos a refletir sobre a história e daí se ver livre para pensá-lo criticamente sobre o diferente que é visto e pensado pelo desconfiado da história não revelada. Ou seja, o que é verdadeiro do dito analisado historicamente liberte e traga à luz a nova forma de pensar sobre a verdade e a liberdade em pensar diferente. A história é obscura, mas é também um elemento necessário para revelar o “não dito”.

No mundo relacional os indivíduos são sujeitos de si e dos outros. São sujeitos assujeitados segundo Foucault. É no cotidiano que ele vivencia experiências de práticas de saber e de poder de si, constituindo assim uma problematização do pensamento, o que observa Deleuze: “Considerando-se o saber como problema, pensar é ver, e é falar, mas pensar não se faz no entremeio, no interstício, ou na disjunção do ver e do falar.”²⁸⁵

A maior preocupação de Foucault é o sujeito. O problema não está nos seus comportamentos, mas no que gerou e moldou esses comportamentos. As forças usadas dentro de um determinado espaço social justificam o comportamento dos indivíduos. Dentro de uma instituição ou de um espaço privado, o que permeia as relações e as condições internas que levam os sujeitos a refletirem sobre si mesmos? Os sujeitos dentro de seus processos de subjetivação estão envolvidos tanto na natureza do seu ser, ontologicamente falando, quanto no corpo social.

A genealogia de Foucault é a história do pensamento. Pensamento problematizado com o falar do dito e as entrelinhas do não dito. O que é visto, se não o dito e o não dito do não dito senão o que se fala? Para compreender é preciso filosofar sobre o que se problematiza na fala o que se ver: história do dito e do não

²⁸⁴ FOUCAULT, 1984, p. 13.

²⁸⁵ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. de Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 124.

dito no não dito. O sujeito indivíduo-assujeitado deve ser visto estando (si) na relação com a história e a sua história. Filosofia é querer saber a finalidade das coisas e não se a “coisa em si” tem forma geométrica quadrada, triangular, etc. Já a filosofia foucaultiana propõe uma discussão que ultrapasse as paredes e os cantos de uma sala de aula. Para Foucault filosofia é problematizar saberes para transformar, quebrar paradigmas e que esta transformação seja um movimento sem pausa sempre em direção ao novo e com ações que deem sentido a vida ao indivíduo.

O sujeito com ou sem saber é sempre sujeito. Mas os saberes fizeram deste sujeito um sujeito assujeitado. São as formas históricas que o constituíram como sujeitos historicizados. Ele deixa de ser o que é como sujeito de si para ser sujeito em si constituído a partir dos saberes nos discursos de si e do outro. Ou seja, aprende a ser historicamente pelo *diabolo* desejo do outro: instituição, escola, quartel, igreja, etc. Que é Uma força de controle e dominação sobre si. O relevante da filosofia é que ela não inventa discursos, mas problematiza no discurso o discurso histórico com suas falas e controvérsias. Foucault “coloca o problema do sujeito em termos de práticas e corpos de saber ordinários em que aquele figura”.²⁸⁶

Observa Foucault que a biologia, a linguagem e a economia nos empurram para um reconhecimento que a nossa finitude se realiza na história. Somos mais história e não natureza, embora estejamos todos dentro delas. Uma é a que fazemos participando dela (história) e a outra é a que contemplamos estando fora dela e somos consumidos por ela (natureza), ou seja, fomos criados, constituídos seres envolvidos. Para Rajchman, “A nossa liberdade se encontra não em nossa natureza transcendental, mas em nossas capacidades de contestar e mudar aquelas práticas anônimas que constituem a nossa natureza”.²⁸⁷

Por que nós seres humanos somos tão criativos em nossos pensamentos e práticas da vida e que em determinado momento-instante da nossa história criada subjulgamos a nós mesmos permitindo censura, julgamento, condenação e punição-aniquilamento de si por dominação pelo outro que nos marginaliza e aceitamos

²⁸⁶ RAJCHMAN, John. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987. p. 87.

²⁸⁷ RAJCHMAN, 1987, p. 90.

como tal para anulação do nosso eu, eu mesmo e não o eu-do-outro? Afirma Rajchman:

Com novas espécies de conhecimento acerca de nossas anormalidades, requerem que questionemos as nossas ideias sobre nós próprios como agentes autônomos; como a introdução de formas terapêuticas de confissão nos induziu a alimentar crenças sobre os nossos eus inconscientes; como a sexualidade tornou-se problematizada através de procedimentos pelos quais nos constituímos em sujeitos morais.²⁸⁸

Cada um de nós como sujeitos sabemos sobre o movimento da vida, da nossa vida. Vivemos praticando a vida a partir do que sabemos e transformamos em discursos. O problema é o discutir o discurso que é nosso pelo outro. Então surgem as controvérsias sobre esses discursos-saberes do sujeito que precisa permitir a discussão para a continuidade do sentido da vida em sua prática. Daí Foucault criticar a finalidade da filosofia se esta não promover no indivíduo mudança no seu pensar para a vida. Cada indivíduo deve tomar consciência do que é retornando para si mesmo repensando os seus conceitos direcionando para outros posicionamentos. Observa Foucault: “Basta que o sujeito seja o que ele é para ter, pelo conhecimento, um acesso à verdade que lhe é aberto pela sua própria estrutura de sujeito”.²⁸⁹

De acordo com Rajchman²⁹⁰, Foucault tece em sua filosofia do conhecimento a ideia de que ética e a teoria das ciências como crítica devem estar no mesmo patamar. Nós somos marcados pelo conhecimento que nos pode paralisar, transformar ou nos empurrar para que no movimento descubramos as possibilidades de sermos nós mesmos. Com o conhecimento “criamos” conceitos. Conceituamos a partir da subjetividade tornando objetivo aquilo que nos torna possível aplicar à vida com um toque de sentido para a liberdade. Problematizações surgem querendo saber sobre o que nos constituem sujeitos éticos e o que politicamente nos abraça como liberdade para sermos.

O conhecimento e os conhecimentos são para a prática e não nos tornam sujeitos fora da realidade do que somos como humanos. Somos humanos no mundo humano com os humanos. Não perdemos nossa humaniz-ação (!). Não perdemos nossa essenci-ação (!). Pois conhecimento é movimento, é moviment-ação (!), é

²⁸⁸ RAJCHMAN, 1987, p. 88.

²⁸⁹ FOUCAULT, 2006, p. 234.

²⁹⁰ RAJCHMAN, 1987, p. 80-87.

pratic-ação (!). Como sujeitos tornamo-nos objetos de dominação sem percebermos que nem todo conhecimento toma forma objetiva para sermos verdadeiramente livres.

Daí podermos pensar que liberdade para ser não se configura nas práticas do que se conhece, mas perguntar pelas: que são práticas de conhecimento nelas mesmas? Foucault fala da história da filosofia narrada pela escrita e descobre que, nos tempos modernos, o conhecimento do sujeito-de-si se mostra relevante, conhecido, sabido e que o cuidado de si nem se cogita, não é lembrado, não se faz ser lembrado. Com o envelhecimento da história – o já passado – pode-se observar que o cuidado de si acontece no momento em que se tem conhecimento de si. Foucault problematiza se está atrelado, se foi esquecido, se acontece antes ou depois o cuidado e o conhecimento de si.

[...] “transformar-se a si mesmo em sujeito moral da própria conduta” seria o tema comum a todas as doutrinas filosóficas da Antiguidade clássica, que se apresentam todas como modos de vida. [...] *O cuidado de si*, dá à cultura de si sua forma acabada, ao consagrar o conhecimento de si como a principal tarefa ética.²⁹¹

Para Foucault a filosofia não deve estar desassociada do modo de vida. Na Grécia Antiga o modo de ser como arte de existência era voltada para as práticas médicas e filosóficas. Vale dizer que é na Grécia que a história se origina trazendo no seu bojo uma característica externando uma forma de um modo de vida, um estilo particular-individual, portanto, uma opção, uma capacidade existencial e que se torna universal para sua época, sua cultura naquele momento em que surge e toma forma coletiva na vida de cada indivíduo. A arte de viver dos gregos é possível para os ocidentais, visto que para Foucault “[...] os exercícios espirituais que compõem a cultura de si são indistintamente práticas de autodomínio e exercícios reflexivos de cuidado e de conhecimento de si”.²⁹²

Parece então que no olhar de Foucault percebe-se e somos levados a pensar que a filosofia, estilo ou modo de vida e o cuidado de si estão interligados. A vida é a existência individual de cada indivíduo. Por isto, cada um é responsável pela sua própria existência de ser no seu modo de vida, no seu estilo de vida. Não

²⁹¹ PRADEAU, Jean-François. O sujeito antigo de uma ética moderna: Acerca dos exercícios espirituais antigos na história da sexualidade de Michel Foucault. In: GROS, Frédéric (Org.) *Foucault: A coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 134 e 137.

²⁹² PRADEAU, In: GROS (Org.), 2004, p. 136.

nos cabe julgá-lo. Cuidar de si é olhar para o “mundo” interior de si mesmo e não do outro.

[...] a *epiméleia heautoû* é também uma certa forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que se conduza do exterior para... eu ia dizer “o interior”; deixemos de lado esta palavra [...] e digamos simplesmente que é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”.²⁹³

A materialização das ideias pensadas é uma forma de representação em que o sujeito pode demonstrar com restrição, o seu pensamento como filosofia. Somente o sujeito em si mesmo e em estado ímpar, exclusivamente ele, tem acesso à dita “verdade”, por conta do *lógos-razão*, sua natureza ontológica, seu Ser por ser sujeito cognoscente, ou seja, precisa do pensar lógico, racional em relação a si mesmo, ao outro e ao objeto da sua relação para assim conhecê-lo como verdade pra si. Esta verdade em si há de modificá-lo, se o seu pensamento se materializar na prática, e se, após, o ato do conhecer estiver voltado para si mesmo, constituindo então a verdade sobre o cuidado de si em si.

Então, ao olharmos para a história, podemos perceber que o que predominou no pensamento filosófico, ou nas ditas “filosofias” foi um largo campo restrito do conhecimento. Daí, Foucault apontar que filósofos da Antiguidade não separavam a filosofia da verdade – tipo ter acesso à verdade – do cuidado de si - Perguntamos então: Quais são as modificações que precisam acontecer no Ser de cada sujeito, exatamente do sujeito tornando possível o ingresso à verdade? Para Foucault, o filósofo deverá ser aquele que consciente do seu papel, possa ir de encontro quebrando toda e qualquer concepção contemporânea, e deverá empregar e servir-se das suas capacidades de criticar convenientemente a convivência com questões específicas. Mas, uma instituição ou qualquer que seja o grupo, sociedade, igreja, etc., terá sua especificidade ligada às ações do aparelho ou dispositivo de verdade.

O pensar filosófico de Foucault, convida-nos a refletir na condição de cada indivíduo. O conhecimento não pode ficar preso a “verdades” constituídas e impostas, mas ancorar-se na denúncia do que é verdadeiro no não dito. O “conhece-te a ti mesmo” observado por Sócrates deve ser tão verdadeiro na própria relação do

²⁹³ FOUCAULT, 2006, p. 14.

sujeito com a verdade de si no discurso de verdade para o cuidado de si. Para Foucault, o cuidado de si não está fora do sujeito por ser dele próprio a subjetividade, observado desde a Antiguidade.

[...] ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também da relação consigo mesmo.²⁹⁴

O conhecimento liberta, mas também escraviza. Essa é a condição de todos nós. Libertos são aqueles que tomam consciência e se permitem para um fim. Escravos ficam aqueles que não se permitem se livrar de onde estão e assumem serem alienados. Não têm consciência de si. Uma vez que conhecemos, nos libertamos de todas as amarras institucionalizadas, porém nos enganamos. É que as articulações de poder institucionalizadas logo nos escravizam, aprisionam e proíbem. O sujeito se diz consciente do que sabe e se liberta para a escravidão. Há um poder controlador, limitador, proibitivo, que julga, condena, censura, exclui.

A religião é “divina”, embora pura simbologia. É mágica, nos faz sair do chão-terra. Mas, quando institucionalizada como Igreja, nos prende na terra-chão. Perde-se toda sua divinização, permanecemos humanizados, presos nas gaiolas, verdadeiras fábricas de neuróticos. Tornamos-nos escravos, dominados. Somos proibidos de pensar, de expressar nossos sentimentos, de falar dos nossos desejos, dos sonhos e das fantasias. Por imposição, vestimos uma couraça que nos aperta sem precisar estar no canto. O poder institucionalizado obriga-nos a desatarraxar a cabeça do corpo. O corpo, com os braços cruzados, não ouve, não pensa, não fala por estar sem a cabeça. Na Igreja, é proibido pensar. Pensar é assumir uma postura crítico-reflexiva. Pensar é demonstrar vida, liberdade, libertação.

O poder institucionalizado – na via chamada Igreja – exerce o mesmo papel que as outras instituições. Lá, há um espaço reservado para as confissões. Foucault²⁹⁵ entende por confissão “todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito”. A confissão é um método através do qual é imposto ao indivíduo falar para se extrair daí uma verdade que é tomada como objeto, cujo

²⁹⁴ FOUCAULT, 2006, p. 71.

²⁹⁵ FOUCAULT, 1979, p. 264.

acesso é possível pela linguagem, através da qual o seu desejo é desvelado. As pessoas são ouvidas, falando da vida sexual, sua e a dos outros. Essa é uma forma sutil de exercer o poder controlador, castrador e repressivo sobre o sexo.

Quando falamos que comemos acarajé e bebemos coca-cola, há certa satisfação de quem está falando e de quem está ouvindo. A boca do informado fica aguçada, com desejo. Pode até pronunciar palavras de aprovação e incitação e convite para também ir saboreá-lo. Neste momento, não há censura, não há julgamento. Ninguém é condenado. Mas, por conseguinte, as pessoas não falam das relações sexuais que tiveram do mesmo grau ou conotação como falaram do acarajé que comeram e da coca que beberam. Salieta Musskopf que: “Disfarçando o que somos e o que pensamos, somos menos vulneráveis.”²⁹⁶ Não há muita liberdade para falar sobre sua liberdade, desejos, prazer. Aprendemos a não falar de nossa sexualidade porque é vergonhoso. Sexualidade não está associada unicamente a desejos, atos sexuais, etc, ela vai além, muito além. Ela está no nosso ser com tudo que somos, pensamos e agimos. É a essência de nossa constituição humana. É o elo entre eu e o outro e ao mesmo tempo entre o outro e eu. Sexualidade é identidade.

Se falarmos, logo somos censurados, julgados e condenados. O poder repressor acaba agindo consciente e inconscientemente nos dois. Em que momento da história o poder se institucionalizou, reprimindo a normalidade-fisiológico-biológica do sujeito-indivíduo quanto aos seus desejos sexuais, sua sexualidade? Ora, quem tem fome e sede quer comer e beber. Os impulsos naturais agem, às vezes, como mecanismos de defesa. A libido é pura energia quando age dentro dos limites que chamamos de normalidade. Por que então se tem que controlar com poder externo institucionalizado o que não é seu e sim do indivíduo assujeitado? De acordo com Küng, a libido é própria do ser vivo.

Libido é a energia dos instintos sexuais (que já se encontra também na criança); ela não está ligada exclusivamente à genitália, e sim representa uma função corporal mais ampla que busca o prazer (a sensação de deleite, no sentido mais amplo do termo). É uma função comum às crianças e aos adultos, aos normais e aos anormais, com isso incluindo também todos os impulsos de mera ternura ou de amizade (todas as espécies de “amor”).²⁹⁷

²⁹⁶ MUSSKOPF, 2004, p. 150.

²⁹⁷ KÜNG, 2006, p. 28.

Segundo Foucault²⁹⁸, foi a partir do século XVI (toma forma nos séculos XVII e XVIII), com aparecimento de ‘discursos sobre sexo’, que instituições, como a Igreja, a escola, a família, o consultório médico, objetivaram controlar o indivíduo. Surge o discurso para incitar e, conseqüentemente, controlar.

Gostamos da expressão usada na Bíblia “conhecer” quando se refere ao relacionamento sexual, porque o sexo serve para o conhecimento entre as pessoas a partir do toque e da busca pelo prazer e da satisfação mútua. Pensamos que quando Deus colocou o homem e a mulher no cenário da vida – paraíso – e disse para crescer e multiplicar, Ele não só se referiu à multiplicação da espécie humana, mas também no crescer do conhecimento relacional íntimo, a fim de que neste conhecimento cada um pudesse oferecer ao outro aquilo que realmente os satisfizesse. Com o toque e o beijo, conhece-se o outro durante a intimidade. É o momento das grandes revelações.

Pode-se também conhecer a fraqueza e a força, o que alegra e o que aborrece. Se há essa intenção, foi o objetivo de Deus na criação do homem e da mulher que se conhecessem profundamente: “Osso dos meus ossos e carne da minha carne.”²⁹⁹ Se o sexo contribui para o relacionamento ajustado do casal, por que o discurso que sexo é pecado? Fazer sexo foi o primeiro mandamento a todas as espécies. Mandamento para a preservação da vida ou continuidade da vida, da espécie. O sexo deve ser um ato responsável, mesmo que seja fora do casamento. A finalidade é conhecer o outro e preservar/perpetuar a vida.

Por que ampliar a tal ponto o conceito de sexualidade? Só assim se torna possível a Freud elaborar uma teoria ampla da sexualidade: os desejos e fantasias (mais tarde sobretudo o complexo de Édipo); as diversas fases precoces (fases auto-erótica, oral, anal, genital); a fixação sobre certas passagens do desenvolvimento; as regressões a essas passagens em caso de repressão; a sublimação, ou a possibilidade de encaminhá-las para múltiplas realizações culturais.³⁰⁰

No período vitoriano, alguns, por questões de poder e capitalismo, monopolizaram o sexo, restringindo aos casais a prática do sexo sem prazer, pois a sua única finalidade era a procriação, deixando somente para os homens a alternativa de comprar este prazer nos prostíbulos, enquanto a mulher ficava

²⁹⁸ FOUCAULT, 1988, p. 17-24, 31-35.

²⁹⁹ Gênesis 2:23.

³⁰⁰ KÜNG, 2006, p. 28.

reprimida no seu submundo, sem poder expressar seu prazer ou a sua dor. A Igreja foi quem mais contribuiu para essa alienação em nome de Deus. Anos depois, alguns segmentos sociais quebraram algumas barreiras sexuais, sendo, de certa forma, positivas para os que procuravam na relação afetiva o conhecimento do outro no momento da relação íntima.

Por outro lado, abriu-se um precedente para aqueles que não querem nenhum tipo de responsabilidade com o outro. A Igreja Cristã, ao invés de orientar através do ensino, condena, exclui, marginaliza porque associa o sexo ao pecado, frustrando as pessoas que pensam e desejam fazer sexo com o escolhido e admirado parceiro, fruto de uma sã amizade. Por que será que no discurso do autor bíblico Jesus é apresentado como noivo e a Igreja a sua noiva? Na intimidade do conhecimento, a Igreja será levada para o deleite celestial/espiritual com Ele. É o momento do prazer, da satisfação, do deleite, do gozo, do “orgasmo espiritual”.

A sexualidade sujeita-se a regulações, controles, cálculos, apreciações de ordem moral, higiênicas, médicas, normas e anomalias são observadas, discutidas, para, a partir daí, surgir um amplo discurso em cima de teorias para regulamentar a vida sexual das pessoas. Musskopf chama-nos a atenção de que: “A moral sexual cristã ajudou a consolidar essa ideia por meio da culpa, associando corpo com pecado”.³⁰¹

No período Medieval, o corpo foi tomado como algo inferior, fonte de pecado e fraquezas e, desta forma, tudo o que se relacionava com o corpo não tinha valor comparado com as “coisas” do espírito. É sobre o poder-saber como dispositivo, aparelho de controle sobre o corpo, seu desejo, prazer e a sexualidade, que Foucault foi escolhido, porque suas ideias nos remetem para refletirmos sobre o papel da instituição Igreja Cristã que funciona também como aparelho ideológico.

3.5.1 O Humanismo versus Existencialismo: o valor humano

A Renascença foi um movimento humanista que tentou ressurgir o valor da humanidade. O ser humano passa a ser no humanismo, o novo foco das atenções. É, na verdade, a luta integral desse ser face às vicissitudes da vida existencial. Toda a filosofia humanista prega a liberdade que, juntamente com a verdade, é resultante

³⁰¹ MUSSKOPF, 2004, p. 150.

da ação do homem. Disse Jesus: “Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres.”³⁰² Conhecimento escraviza, mas também liberta.

Segundo o filósofo e teólogo cristão Soren A. Kierkegaard, o existencialismo propõe analisar a existência concreta do ser humano. Considera valor supremo o singular, o indivíduo. Este precisa saber Ser, que aponta para o movimento ético em direção ao outro. De acordo com Ferreira, existencialismo significa: “Caráter das doutrinas para as quais o objeto próprio da reflexão é o homem na sua existência concreta”.³⁰³ De acordo Sartre, “A existência precede a essência”.³⁰⁴ O ser humano está sempre por fazer-se.

Kierkegaard, ao discutir sobre o desespero – que é uma doença mortal - afirma que é a condição do ser humano inconsciente de ter um EU, que quer ser si próprio e que não quer ser si próprio. Esta tríade deixa-o angustiado. Diz ele: “Quem desespera não pode morrer; “assim com um punhal não serve para matar pensamentos”, assim também o desespero, verme imortal, fogo inextinguível, não devora a eternidade do eu, que é o seu próprio sustentáculo.”³⁰⁵ Com respeito à angústia (como libertação do desespero), é para ele o salto da fé.

Kierkegaard inclui, neste debate, o elemento estético (anormal arreligioso), definindo-o como prazeres, orgias que ele vivenciou quando saiu do domínio do pai. O esteta identifica a felicidade humana com o prazer. Através de leituras, ele descobriu que as mais significativas possibilidades humanas foram expressas em figuras representativas ou arquétipos. Ex.: Don Juan.³⁰⁶

O moralismo exacerbado do cristianismo é conflitante para Kierkegaard. Tudo isso gera ansiedade, considerada uma doença mortal, por gerar a experiência de sentimento de culpa. A ansiedade diz respeito à culpa existencial– discrepância do EU real e o EU ideal – culpa de finitude. Um exemplo de culpa existencial é que o indivíduo sabe que vai morrer, mas não aceita sua condição de ser finito. Só quando morrer, ele se libertará, pois este indivíduo é um ser aberto para o infinito. Em

³⁰² João 8:36.

³⁰³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. FERREIRA, Marina Baird (Coord.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 238.

³⁰⁴ SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: *OS PENSADORES*. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 11.

³⁰⁵ KIERKEGAARD, Sören. *O desespero humano*. Tradução portuguesa de Adolfo Casais Monteiro. 6. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979. p. 44.

³⁰⁶ GOUVÊA, 2000, p. 31 e 211.

relação à angústia - aquilo que determina o EU eterno indestrutível. A angústia, para Kierkegaard, corrói todas as coisas do mundo finito e deixa expostas todas as ilusões. Angústia, então, é um elemento primal no indivíduo - o próprio sinal de ser humano.

Diante do exposto acima, Kierkegaard³⁰⁷ aplica o termo 'humor' e "não deve ser identificado com o sentido ordinário da palavra. A ideia é que a pessoa adotou o humor como uma forma de existência e significa que é a pessoa que aprendeu a sorrir para a vida". Todo cristão deve encarar a vida com humor, mesmo debaixo de toda sorte de sofrimento. Segundo a Bíblia, disse Jesus Cristo: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo: eu venci o mundo."³⁰⁸ Portanto, é possível sorrir perante o sofrimento, a culpa e a contradição.

São os valores humanos ensinados por Jesus. O humanismo cristão só se entende pela relação com Cristo. Só Jesus Cristo, nesta perspectiva, promove no ser humano a renovação, reabilitação e revalorização da pessoa: da pessoa toda e de todas as pessoas. Homem e mulher: do homem e da mulher todo e toda, e de todos os homens e mulheres. Todos são iguais diante de Deus – têm os mesmos direitos fundamentais. Jesus Cristo valoriza-se a si mesmo para que os homens e as mulheres sejam valorizados. Jesus dizia o que fazia. Esta deve ser também a postura de todos os cristãos, buscando coerência em todas as suas ações e discursos. Esta opção só se torna realidade quando é legitimada pela ética, que são os valores da vida, autenticados na vida dos outros, sem transparência hipócrita.

Jesus conhecia as intenções no coração de todos da sua época, e, mesmo assim, Ele deu atenção aos marginais, prostitutas e pobres. Pela primeira vez, deu atenção aos seres humanos – a todas as pessoas. Ele disse certa feita: "O sábado foi feito para os homens e mulheres e não os homens e mulheres para o sábado." [sic]³⁰⁹ Este era um dos motivos pelos quais Jesus era procurado pelos pobres e necessitados.

Um exemplo³¹⁰ muito rico de valorização do ser humano-pecador é o que apresenta a postura de Jesus com relação aos valores éticos e morais e a narração do episódio envolvendo a mulher adúltera. A condição da acusada e dos seus

³⁰⁷ KIERKEGAARD *apud* GOUVÊA, 2000, p. 218.

³⁰⁸ João 16:33.

³⁰⁹ Marcos 2:27. Acréscimo pelo autor deste trabalho.

³¹⁰ João 8:1-11.

acusadores está no mesmo pé de igualdade. Defeitos e virtudes são vistos por Jesus, mesmo assim ele não deixa de exaltar e valorizar o ser humano (a mulher e os que a acusaram). O “[...] Não peques mais”³¹¹ é dito tanto para ela como para a multidão que queria apedrejá-la. Essa atitude de Jesus nos leva a pensar que “Deus não perdoa porque ele nunca condenou”.³¹² Embora nós seres humanos não compreendamos a nossa complexidade humana por conta do que criamos como regra, norma para punir e condenar a nós mesmos quando temos como verdade absoluta o discurso religioso. Existencialismo é uma liberdade – o ser livre. Jesus pregava a liberdade de todos os homens e mulheres, das forças contrárias ao bem estar humano. A postura de Jesus e suas palavras é coisa nova. O novo assusta. Pessoas reprimidas, condenadas e presas agora estão soltas e livres. Deus é somente Deus, e nós somente humanos e não nos compreendemos. “Tudo que me é humano, não me é indiferente”³¹³ [sic].

³¹¹ João 8:11.

³¹² A VIDA no paraíso, 2004.

³¹³ Terêncio. [s.d.], [s.n.].

4 A IGREJA COMO INSTRUMENTO TERAPÊUTICO E A CONTRAMÃO DA TERAPIA

Propõe-se aqui que a Igreja Cristã deva funcionar como instrumento terapêutico. Mas o que é funcionar como instrumento terapêutico? É proporcionar aos seus membros um espaço para a celebração da vida a partir do cotidiano na esperança de que serão compreendidos os seus atos ditos pecados. Pecado é a fragilidade da carne que autentica sua humanidade, sua finitude. A necessidade de pecar é para lembrá-lo o seu lugar, sua condição de ser humano e não de “deus”.

A Igreja Cristã ainda caminha sobre as rodas do moralismo sexual? Esta é uma das muitas perguntas feitas quando se lança um olhar mais detalhado sobre as instituições religiosas. Para alguns estudiosos, ela está sempre disposta a ouvir apenas o que lhe convém. Em algumas situações, o faz limitando-se a aplicar as regras de conduta. Primeiro, os autores das falas confessam, pedem perdão, mostram-se arrependidos. Segundo, a Igreja expressa os seus sentimentos, afirma amar a todos os pecadores, mas vê-se na obrigação de discipliná-los. E, por fim, julga e condena, excluindo os confessores do “seio dos santos”. A confissão é a base de sustentação para a condenação, mas também mostra o poder que controla, castra e reprime. Desta forma, o indivíduo se sentirá culpado. E de acordo com Grün,

As feridas que não são assimiladas forçam-nos a passá-las adiante, a ferir-nos a nós mesmos e aos demais”, [...] uma forma de ferir-se a si mesmo é autocastigar-se, baseando-se na afirmação de John Bradshaw: “Nós nos castigamos da mesma forma como fomos castigados quando crianças”. Isso quer dizer que dirigimos contra nós mesmos as agressões do passado que não assimilamos. Às vezes, o autocastigo adota a forma de depressões ou de sintomas psicossomáticos, como úlceras de estômago ou intestinais, dores de cabeça, dores lombares. Uma forma de autocastigar-se é acusar-se e lançar sobre si a culpa de tudo. A pessoa humilha-se, considera-se a pior entre todas e tira todo o valor daquilo que faz, sente e pensa [...]. Grün sublinha que a repressão das próprias necessidades e instintos leva as pessoas a serem agressivas consigo mesmas e a serem duras com os outros. Sobretudo, quando se trata da repressão sexual. Para o psicólogo suíço Furrer, a repressão da sexualidade leva a adotar atitudes brutais em relação aos demais.³¹⁴

³¹⁴ GRÜN *apud* RAMÍREZ, 2008, p. 21 e 24.

É dessa forma que a Igreja executa sua ação terapêutica na contramão, deixando de ser instrumento terapêutico que cura as feridas - traumas. “Quando se reprime a sexualidade, impede-se que [...] comece a humanizá-la”, diz Ramírez.³¹⁵

Ora, se a Igreja entender que ela pode funcionar verdadeiramente como instrumento terapêutico para o bem estar dos seus membros (sujeitos que dela fazem parte), o pastor, que é sujeito na função de guia espiritual (terapeuta da alma-psiquê), haverá de orientar as “ovelhas” que se sentem culpadas, a se perdoar e sentir-se perdoado, porque essa também é a sua função: recolocar o sujeito no campo do sentimento de paz. De acordo com Ramírez: “Segundo Grün, “é tarefa da psicologia e do bom diretor espiritual (pastor) [sic] fazer a distinção e matizar entre os conceitos de culpa real e sentimentos de culpa”. [...] A psicologia, além de estudar os complexos de culpa, estuda também a própria culpa.”³¹⁶

Dentre os mecanismos e aparelhos/dispositivos utilizados para a manutenção do poder, o poder pastoral é considerado um mecanismo que deve ser analisado como um domínio de relações estratégicas entre indivíduos ou grupos – relações que têm como questão central a conduta do outro ou dos outros. Poder este que opera como técnica de coerção.

O poder pastoral não é apenas uma forma de poder que comanda; é um poder disciplinar que usa de procedimentos e mecanismos para atingir os aspectos mais sutis da realidade e da vida dos indivíduos. Neste caso, o pastor pode utilizar-se do saber-poder para também operar com a técnica do cuidar das “ovelhas”, ao invés de usar somente a coerção.

As relações de poder produzem maiores eficácias quando são institucionalizadas, e é através do discurso que se reconhece a relação do sujeito com uma determinada doutrina. Até mesmo os sistemas de ensino têm seu lugar privilegiado por ter acesso ao saber. O pastor tem o poder de ensino e através deste pode controlar e manipular seu rebanho.

Foi a Igreja cristã que coagudou todos esses temas de poder pastoral em mecanismos precisos e em instituições definidas, foi ela que realmente organizou um poder pastoral ao mesmo tempo específico e autônomo, foi ela que implantou seus dispositivos no interior do Império Romano e que organizou, no coração do Império Romano, um tipo de poder que, creio eu,

³¹⁵ RAMÍREZ, 2008, p. 24.

³¹⁶ GRÜN *apud* RAMÍREZ, 2008, p. 46-47.

nenhuma outra civilização havia conhecido. [...] é que, de todas as civilizações, a do Ocidente cristão foi sem dúvida, ao mesmo tempo, a mais criativa, a mais conquistadora, a mais arrogante e, sem dúvida, uma das mais sangrentas. Em todo caso, é uma das que certamente praticaram as maiores violências.³¹⁷

A ideia de governo de homens surge no Oriente, num Oriente pré-cristão, com o objetivo essencialmente de dirigir almas. Em todo o Oriente Médio, especialmente no Egito, o rei, o deus, o chefe, era um pastor para guiar homens. Em várias civilizações, encontramos exemplos de um pastor em relação aos homens. Por exemplo, o Faraó, no momento da sua coroação, recebia um distintivo e um cajado de pastor, declarando-o um pastor de ovelhas.

Entre os hebreus, o pastorado se desenvolveu e se intensificou. A relação “pastor-rebanho era quase que exclusivamente religiosa. “As relações entre Deus e seu povo é que são definidas como relações entre um pastor e seu rebanho”.³¹⁸ É, portanto, um poder que é outorgado a alguém em nome do poder de Deus.

Ao nos reportarmos à Grécia Antiga, percebemos que entre os gregos, a ideia de homens governados, seja por homens ou por deuses, não existe. Para eles, o papel do governante não era de se preocupar com problemas específicos de cada indivíduo, mas ao que é referente à cidade. “Consulta-se o deus, ele protege, ele intervém, às vezes ele também se zanga e se reconcilia, mas nunca o deus grego conduz os homens da cidade como um pastor conduziria suas ovelhas.”³¹⁹ O homem grego jamais admitiria a ideia de ser uma ovelha entre as ovelhas.

Fazer um percurso histórico nos ajuda a compreender como se caracteriza, como surge a ideia de um pastor, ou, para sermos mais precisos, um poder pastoral. Enquanto um pastor exerce o poder sobre um rebanho - é uma relação entre Deus e os homens, uma relação mais abrangente -, o deus grego age em território, ajuda a construir e defende a cidade. Percebemos que a ideia de poder de pastor é muito diferente entre várias civilizações. Nesse sentido, cabe dizer que o que está tradicionalmente fixado: o pastor é aquele que cuida.

O ser humano é um ser desejanter. Começando de si mesmo, ele quer conhecer o outro e o faz pelo desejo. Ciente disso, ele se diz verdadeiro de si

³¹⁷ FOUCAULT, 2008, p. 174.

³¹⁸ FOUCAULT, 2008, p. 167.

³¹⁹ FOUCAULT, 2008, p. 168.

mesmo porque se vê no desejo do outro. Por isso, para ele, é verdadeiro seu desejo no outro. Não há como conhecer a si mesmo se não no outro. “O conhece-te a ti mesmo” de Sócrates só acontece projetado no outro. O desejo passa a ser lei de sobrevivência em todos os sentidos, não somente no desejo sexual, libidinoso. Foucault explicita esta questão quando diz que

Com isso, não me refiro a fazer uma história das concepções sucessivas do desejo, da concupiscência ou da *libido*, mas analisar as práticas pelas quais os indivíduos foram levados a prestar atenção a eles próprios, a se decifrar, a se reconhecer e se confessar como sujeitos de desejo, estabelecendo de si para consigo uma certa relação que lhes permite descobrir, no desejo, a verdade de seu ser, seja ele natural ou decaído.³²⁰

Quando a Bíblia apresenta o desejo do primeiro casal – Adão e Eva, ela não se referia exclusivamente ao desejo sexual. Está incluso, também, o desejo de si, da curiosidade em querer conhecer o “quê” da questão. Na narrativa bíblica, a partir dos mitos da criação, está em evidência o desejo do ser humano em querer ser ‘deus’ e não ser o que verdadeiramente ele foi criado para ser: humano - de desejos.

Foucault questiona sobre o discurso que surge e toma forma em torno do sexo pela Igreja. O ser desejante que é homem censurado e manipulado a não desejar. Ora, se os sujeitos da Igreja Cristã fossem mais éticos e não moralistas exacerbados, eles não precisariam de regras, leis e normas para suas condutas de vida. O sexo não seria “proibido” nas suas diversas formas. Neste particular, a Igreja Cristã se recusa a pensar criticamente sobre os seus pensamentos proibitivos transformados e legitimados em leis-regras de condutas da vida dos outros (sujeitos). Foucault, afirma que:

Quem quiser fazer a história de uma “moral” deve levar em conta diferentes realidades que essa palavra engloba. História das “moralidades”: aquela que estuda em que medida as ações de tais indivíduos ou tais grupos são conformes ou não às regras e aos valores que são propostos por diferentes instâncias. História dos “códigos”, a que analisa os diferentes sistemas de regras e valores que vigoram numa determinada sociedade ou num grupo dado, as instâncias ou aparelhos de coerção que lhes dão vigência, e as formas tomadas por sua multiplicidade, suas divergências ou suas contradições. E, finalmente, história da maneira pela qual os indivíduos são chamados a se constituir como sujeitos de conduta moral [...].³²¹

³²⁰ FOUCAULT, 1984, p. 11.

³²¹ FOUCAULT, 1984, p. 29.

Todos os seres humanos são constituídos sujeitos quando cada sociedade cria as regras de conduta moral e impõe para cada indivíduo valores a serem cumpridos eticamente como leis. Isto é resultado da análise histórica na qual ele está inserido – sua sociedade, sua cultura. Sobre isso diz Foucault: “Eis aí o que poderia chamar uma história da “ética” e da “ascética”, entendida como história das formas da subjetivação moral e das práticas de si destinadas a assegurá-la.”³²²

Sendo o ser humano sujeito do sistema histórico, ele não pode impedir a sua *bioeros* e as suas pulsões existentes e provindas do “código” genético. Desejo de fazer sexo é tão necessário quantas outras necessidades naturais. A violência e a prática sexual sem a aprovação de um dos parceiros culminam com a antiética, que é a violação dos valores construídos e constituídos do sujeito enquanto ser humano histórico-cultural. O “homem-animal”, que age nessa condição animalesca, é um ser destituído de ética, de valor moral.

A Igreja, como lugar de terapia, deverá integrar no seu papel de terapeuta a capacidade para a desconstrução, de forma crítica, das ideias, dos valores, da ética e da moral e, conseqüentemente, indo na contramão com a reconstrução também de forma crítica fazendo anúncio das novas ideias, dos valores, da ética e da moral. Será todo o processo dialético, cíclico, renovador-transformador. Ação-reflexão-ação, para o bem estar dos seus indivíduos-sujeitos, que são e serão seus membros. O profeta Jeremias perguntou: “Porventura, pode o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Então podereis vós fazer o bem, sendo ensinados a fazer o mal?”³²³

Destinada a ser um espaço terapêutico para seus membros, a Igreja Cristã funciona usando um discurso controlador e castrador que inibe, aliena e enrijece o sentimento de culpa, chamando-o de imoralidade sexual. Qualquer pessoa que confesse ter tido relações sexuais em diversas situações sociais, é julgada e condenada, recebendo como punição a exclusão e a discriminação.

Não deveria ser assim. A Igreja como instrumento terapêutico é aquela que age em função de todas e totais necessidades dos indivíduos que dela fazem parte. Orar para curar doenças não deve ser seu objetivo único. Ela é instigada, também, a ajudar aquele que não tem casa, não tem carro, a laje da casa precisa ser batida.

³²² FOUCAULT, 1984, p. 29.

³²³ Jeremias 13:23.

“[...] O ministério terapêutico da Igreja deve atingir o ser humano em todas as suas dimensões.”³²⁴

León aconselha:

O aspecto teológico na psicologia pastoral seria, portanto, a utilização de todos os recursos da fé cristã para ajudar a pessoa a alcançar o máximo de desenvolvimento e maturidade de que ela é capaz. [...] A psicologia pastoral, ao meu ver, tem por objetivo ajudar o ser humano a ser mais humano e melhor cristão.³²⁵

Por outro lado, de acordo com pesquisas recentes, a religião contribui para a saúde mental do indivíduo, dando-lhe um sentido de segurança, oferecendo-lhe motivação para a vida, levando-o à autoaceitação, estabilidade emocional e integrando-o em uma comunidade terapêutica.

A Igreja Cristã deve ter no seu ministério eclesiástico uma proposta terapêutica para a comunidade na qual ela está plantada. Essa terapia envolve diversas ações, das elementares às mais abrangentes. Como comunidade terapêutica, ela deve ministrar a doutrina do perdão, a fim de que os seus membros se conscientizem que a Graça do perdão de Deus é isenta de qualquer sacrifício, pagamento ou imposto. O perdão visa à restauração do indivíduo culpado, além daquelas que acontecem naturalmente dentro da esfera “espiritual”, que são denominadas por alguns como ministérios de cura. Os obreiros, líderes e pastores, através da oração, impõem as mãos sobre os enfermos abençoando-os com a cura em nome de Jesus.

Mas, de certo modo, todos, mesmo em tratamento médico, vão à Igreja mais para suprir suas necessidades de afeto. O pastor tem que orar por cada um deles. De acordo com León, “as orações de intercessão pelos enfermos e as curas pela fé têm existido através da História e, enquanto existir fé, continuará sendo assim”.³²⁶

As doenças são muitas e todos suplicam e desejam a cura. Embora sabendo que as patologias existem e são diversas, há aquelas que são colocadas e classificadas como “doenças espirituais” e, por isso, são demonizadas, assim como

³²⁴ ROSA, Merval. Apresentação. In: EVANS, Abigail Rian. *O ministério terapêutico da igreja: programas práticos para Ministério de Saúde*. Trad. de Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Loyola, 2002. p. 9.

³²⁵ LEÓN, Jorge A. *Introdução à psicologia pastoral*. Trad. de Ruth Maria Maestre. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 18.

³²⁶ LEÓN, 1996, p. 19.

todos aqueles que são acometidos com patologias diferentes. As pessoas com certos desajustes no comportamento são logo identificadas como possesas de algum demônio. E toda liturgia é voltada para aquele ou aquela que precisa passar pela terapia da oração para expulsão do mal. O fato é que “o ministério terapêutico da Igreja Cristã tem sido infelizmente mal entendido e frequentemente relegado às margens da Igreja e aos vários grupos sectários”.³²⁷

De acordo com Evans,

A descrição clássica do rito de unção na Igreja primitiva é encontrada na epístola de Tiago. A passagem de Tiago 5 foi compreendida tradicionalmente como a expressão maior do rito da unção. Esse texto em particular aparece no final de uma passagem que comenta principalmente práticas éticas e morais, muito mais do que oferece formulações teológicas precisas.

Há alguns entre vós que sofrem? Devem orar. Estão alegres? Devem cantar canções de louvor. Estão alguns entre vós doentes? Devem chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre os enfermos, unguindo-os com óleo em nome de Deus. A oração da fé salvará os doentes, e Deus os restaurará; e qualquer um que cometeu pecados será perdoado. Confessai, portanto, vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros para que sejam curados. A oração do justo é eficaz e poderosa (Tiago 5,13-16).³²⁸

O que identifica e caracteriza a importância da terapia da cura na comunidade eclesial é a presença do líder-pastor ou presbítero, agindo com amor diante dela e apresentando a Deus a oração de súplica em favor dos necessitados, carentes e doentes. A sua presença junto ao moribundo fortalecerá o seu espírito abatido e transformará o medo em esperança e segurança.

O processo terapêutico da Igreja é representado na pessoa do pastor que, num ato singular de compaixão, amor e misericórdia, demonstra, mesmo com as limitações humanas, a cura da alma. “Assim, em vez de a pessoa doente ser isolada - como a medicina moderna fez removendo-a de sua comunidade numa hora em que o isolamento é um dos maiores medos -, ela é posta de volta no centro da comunidade.”³²⁹

É compreensivo que, diante das enfermidades físicas de menor ou maior grau, a Igreja Cristã exerça o seu ministério de cura com as ações concretas com o remédio, a oração e o culto de louvor. Mas, e aqueles casos, cuja “enfermidade” é o

³²⁷ EVANS, Abigail Rian. *O ministério terapêutico da igreja: programas práticos para Ministério de Saúde*. Trad. de Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Loyola, 2002. p. 21.

³²⁸ EVANS, 2002, p. 24.

³²⁹ EVANS, 2002, p. 25.

seu modo de vida?: Alcoólatras, drogados, outros comportamentos? Como tratá-los dentro da Igreja? É preciso compreender, primeiramente, a diferença entre o moralismo e a ética para com estes, sem que os seus atos não prejudiquem o outro.

Quando forem percebidos outros tipos de patologia psíquica, como neurose histérica, esquizofrenia, psicose ou até fanatismo exacerbado, a Igreja deve ser terapêutica, permitindo que nos momentos de culto e louvor o indivíduo chore, grite, levante as mãos, pule, por tratar-se de um momento terapêutico para alma-mente-corpo.

Neste momento, a oportunidade é de extravasar os sentimentos e desejos reprimidos, castrados ou inibidos por forças maiores: discurso ideológico do “saber-poder” que, ao invés de curar, consolar, compreender, não julgar e discriminar faz com que a Igreja perca a sua função terapêutica e o seu objetivo de ser instrumento curador para todos, sem distinção de gênero. De acordo com Branco: “Foucault mostra que, no século XVIII, o pastor dá lugar ao médico: o corpo torna-se objeto de novas técnicas de controle.”³³⁰

Parece que a Igreja Cristã, ao invés de funcionar como aparelho terapêutico, funciona mais como aparelho ideológico–alienante que, com o seu discurso saber–poder, julga, condena e exclui o sujeito dono do seu direito de ser desejante. Quem pode manipular a sexualidade dos indivíduos senão aqueles que usam do moralismo religioso para controlá-lo? O pastor seria um tipo de intelectual que esconde nos “ditos” dos seus discursos-sermões a ‘verdade’ ao povo. Detém o saber para poder controlar usando o poder pelo discurso moral.

De acordo com Ramírez, a **“espiritualidade é libertadora e não asfixiante”**.³³¹ Então a Igreja Cristã deverá ser um lugar de terapia e deve funcionar como aquela que liberta e não que sufoca, mesmo tendo dentro dela pessoas neuróticas. Assim ele diz:

Para Grün, uma espiritualidade que pretende inspirar-se no espírito de Jesus tem de tender necessariamente a instruir as pessoas na liberdade dos filhos de Deus. Se somos filhos de Deus, já não somos nascidos dos princípios e tendências das pessoas. Fomos libertados, portanto, de toda coação à auto-afirmação, e somos livres para comportar-nos de acordo com o paradigma descrito por Jesus no sermão da montanha. Este é somente um ideal. Ora, muitas vezes essas palavras não ressoam construtivamente,

³³⁰ BRANCO, 2007, p. 44.

³³¹ RAMÍREZ, 2008, p. 97. Como subtópico.

mas são palavras exigentes, destrutivas, que geram, freqüentemente, estados de neurose, porque, se desejamos ser fiéis a esse ideal, precisamos eliminar tudo o que é negativo e afastar todas as sombras, o que desgarrar o coração e desintegra a personalidade, produzindo pessoas neuróticas.³³²

Embora os indivíduos vivenciem experiências ditas espirituais no seu mundo religioso e com a sua religiosidade, não os isenta também da sua realidade neurótica. Às vezes os discursos dentro da igreja Cristã estão permeados de saberes que os conduzem para esta neurose dentro dela e não assume que são eles os responsáveis pela “fabricação” desses neuróticos e negam o outro lado do discurso que fala que há paz, perdão, amor e fé como experiência de vida para enfrentar a realidade presente compreendendo e aceitando sua condição humana de ser finito. Então, continua Grün:

Juan Torello, em sua descrição da espiritualidade neurótica, oferece critérios interessantes para identificar seus sintomas. O neurótico confunde o ideal de perfeição com a ausência de faltas. O que ele ama é unicamente o ideal do próprio *eu*, idealizado, enganando-se a si mesmo ao pensar que ama o verdadeiro ideal. Nesse engano não é capaz de conseguir a paz e o equilíbrio. Sua religião é uma religião de angústia e nela não alcança “o amor que exclui todo temor”. Se aferra ao dever a fim de fugir da angústia. O motivo do dever é mais forte do que o motivo do bem. Em sua busca de segurança coloca toda confiança e fé no cumprimento do dever como refúgio do narcisismo e do amor próprio amorfo.³³³

O indivíduo em todo tempo luta pela tentativa de poder compreender e aceitar sua finitude quando diante das vicissitudes da vida no cotidiano existencial como realidade ímpar, única de si e se coloca como um culpado negando a possibilidade da manifestação da Graça de Deus em seu favor. E continua ele:

O neurótico padece de contínuos sentimentos de culpabilidade, independentemente de ter cometido ou não tais faltas, e se angustia por pequenas faltas sem importância ao passo que, muitas vezes, é excessivamente indulgente com faltas verdadeiramente graves. Outras vezes pratica penitência, mas muito mais por faltas das quais foge do que pelo bem que poderia fazer, considerando-se, amiúde, como vítima sacrificada. O neurótico não sabe o que é a paciência, nobreza da alma. Não entende por que tem de aceitar as leis do crescimento lento ou confiar-se na Providência. Com freqüência se mostra intratável, e esse mau humor o está lisonjeando no fundo de seu amor próprio. Uma espiritualidade

³³² GRÜN *apud* RAMÍREZ, 2008, p. 97.

³³³ GRÜN *apud* RAMÍREZ, 2008, p. 97-98.

neurótica prescinde do negativo no indivíduo e se agarra exclusivamente a seus ideais, impossível de conseguir.³³⁴

Muitos neuróticos, mesmo na condição de serem chamados de normais (para a psicanálise/psicologia/psiquiatria) que vivenciam a expectativa da dúvida e não da certeza, escapam-lhes a confiança de existir na esperança e na graça desmedida da misericórdia de Deus em seu favor em perdoar suas faltas, seus ditos pecados e serem justificados conforme disse o Apóstolo São Paulo: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.”³³⁵ E Grün afirma que:

Devido ao fato de fixar exageradamente o olhar sobre si mesmo e sobre sua perfeição, em vez de olhar mais para a misericórdia do Senhor, chega um momento em que é impossível perdoar as próprias faltas. Nem sequer o saber-se perdoado por Deus o ajuda a sair dessa situação, conclui nosso autor. Grün, inspirando-se na Regra de São Bento, convida a contemplar muito mais a misericórdia de Deus do que as próprias faltas. Devemos voltar nosso olhar para o amor misericordioso de Deus em vez de entretermos da autocomplacência narcisista de nós mesmos. Somente o olhar voltado para a misericórdia de Deus pode fazer-nos interiormente livres e orientar-nos para uma forma de amor saudável.³³⁶

A Igreja Cristã, às vezes, se comporta como “depósito de neuróticos”, mas cheio de esquizofrênicos: pessoas com mania de perseguição por conta do papel daqueles que funcionam mais como censores policiais e julgadores da vida alheia. A Igreja, como instrumento castrador, focaliza no indivíduo as condutas via sua sexualidade para através do saber-poder proibir sua liberdade sexual, sua sexualidade. Desta forma, ela desativa sua função terapêutica e passa a usar o panoptismo: o olho do poder, tudo vê, tudo ouve. Tudo julga logo tudo condena.

Foucault utiliza-se do *panopticon* de Bentham, que é um exemplo claro da forma de funcionamento do poder e da formação da tecnologia disciplinar. É um tipo de “construção” de técnicas regulares que fazem funcionar, eficazmente, um controle sobre os corpos humanos, um controle sobre o comportamento dos indivíduos. A Igreja Cristã como olho panóptico pode ver de que maneira o saber-poder normalizador atua: é o “olhar” sobre os indivíduos que se exerce em forma de vigilância.

³³⁴ GRÜN *apud* RAMÍREZ, 2008, p. 98.

³³⁵ Romanos 5:1.

³³⁶ GRÜN *apud* RAMÍREZ, 2008, p. 98.

O Panóptico é um local privilegiado para tornar possível a experiência com homens, e para analisar com toda certeza as transformações que se pode obter neles. O Panóptico pode até constituir-se em aparelho de controle sobre seus próprios mecanismos. Em sua torre de controle, o diretor pode espionar todos os empregados que tem a seu serviço: enfermeiros, médicos, contramestres, professores, guardas; poderá julgá-los continuamente, modificar seu comportamento, impor-lhes métodos que considerar melhores; e ele mesmo, por sua vez, poderá ser facilmente observado. [...] O Panóptico funciona como uma espécie de laboratório de poder. Graças a seus mecanismos de observação, ganha em eficácia e em capacidade de penetração no comportamento dos homens; um aumento de saber vem se implantar em todas as frentes do poder, descobrindo objetos que devem ser conhecidos em todas as superfícies onde este se exerça.³³⁷

A técnica da vigilância é considerada essencial para o funcionamento do controle. Uma vez disseminada, marcada pela estratégia entre indivíduos ou grupos, os seus efeitos são voltados, essencialmente, para o gerenciamento das ações do outro. Daí o sujeito é constituído, e é.

A Igreja cristã precisa entender, como resultado de reflexão, que ela, como instrumento terapêutico, não necessita de recursos irracionais e supersticiosos para tornar realidade sua ação na vida das pessoas. As práticas de oração para curar os enfermos devem ser acompanhadas de afeto, carinho, companhia consoladora, palavras brandas de conforto, confiança e credibilidade nos profissionais de saúde que estão cuidando do enfermo. Toda e qualquer ação místico-supersticiosa desloca o indivíduo da sua fé “verdadeira” para o vazio institucionalizado cheio de promessas irracionais, sem controle emocional, e conta com os desejos do enfermo na horizontal, ignorando sua fragilidade e finitude. León diz que:

Infelizmente alguns pastores assumem uma postura onipotente e arbitrária que pode colocar em perigo a saúde mental dos cristãos necessitados de assistência profissional. Sempre me impressionou a sentença de Sócrates: “*O ser humano não deve ignorar sua ignorância*”. Quanto mais um pastor ignorar sua ignorância, mais obstinado e onipotente se tornará e mais danos ocasionará a pessoas inocentes que nele tenham confiado. Por isso, quanto mais estudamos os grandes mistérios de Deus e do ser humano, mais nos aproximamos do dizer de Sócrates: “*Só sei que nada sei*”. Quem fizer sua esta verdade é um verdadeiro sábio.³³⁸

A cura só acontece quando a fé é materializada, concretizada, palpável e visível através de recursos utilizados intencionalmente em favor do enfermo. O ministro evangélico deve criar métodos que, mesmo indo de encontro aos já existentes, possam, mesmo quebrando os paradigmas, corroborar para a

³³⁷ FOUCAULT, 1987, p. 169.

³³⁸ LEÓN, 1996, p. 19.

valorização da pessoa humana. Para isso, é necessário que o pastor obtenha o máximo de conhecimento nas áreas de relações humanas e das ciências sociais e psicológicas, conhecendo a história de vida do indivíduo-sujeito-assujeitado e da comunidade na qual a Igreja está inserida. Todos têm e fazem história. E a Igreja tem História na história da humanidade. É na história de vida que os seres humanos sofrem os *imprints* no circuito das emoções e que irão determinar o conteúdo de manifestações na vida do sujeito. Todo o problema da Igreja é a “moral” conceituada a partir de hábitos e costumes da tradição dentro da cultura eclesial local. Portanto, o pastor deve pensar em cuidado se conhece a história dos indivíduos. Observa Foucault:

O poder pastoral é um poder de cuidado. Ele cuida do rebanho, cuida dos indivíduos do rebanho, zela para que as ovelhas não sofram, vai buscar as que se desgarram, cuida das que estão feridas. [...] Assim, o poder do pastor se manifesta num dever, numa tarefa de sustento, de modo que a forma – e essa também é uma característica importante, a meu ver, do poder pastoral –, a forma que o poder pastoral adquire não é, inicialmente, a manifestação fulgurante da sua força e da sua superioridade. O poder pastoral se manifesta inicialmente por seu zelo, sua dedicação, sua aplicação infinita.³³⁹

A história da Igreja nos mostra que até a metade do século XVI não se tinha o controle total da sexualidade: a obrigação do sacramento de confissão anual – pensava-se que não tinha histórias imorais para confessar. Depois do Concílio de Trento, a vigilância sobre o sexo é reforçada.

Dentro das antigas técnicas de confissão, surgiu uma variação de novos procedimentos que iam se aperfeiçoando dentro das instituições eclesialísticas, que tinham como principal objetivo purificar o pessoal eclesialístico através de técnicas minuciosas e muito sutis, usando principalmente o discurso para expor a vida cotidiana na sua mais profunda intimidade: autoexame.

Se olharmos para Jesus, como a figura de pastor, a Bíblia diz: "Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas."³⁴⁰ É uma postura consciente da sua função. Wolf adverte: "Quem vive conscientemente, converte-se para os outros em instrumento de mudança profunda e criativa".³⁴¹ O que significa viver conscientemente? Jesus é o nosso referencial. Ele algumas vezes, ignorava os

³³⁹ FOUCAULT, 2008, p. 170-171.

³⁴⁰ João 10:11.

³⁴¹ WOLFF, 1994, p. 152.

costumes da sua época. Mantinha contato e conversava com as pessoas, especialmente com os marginalizados, em especial as mulheres, sobre o serviço e sobre a verdadeira adoração a Deus.

Assim, vemos na figura de Jesus um Homem de verdadeira vida reflexiva no que era referente ao seu chamado, sua causa. As suas palavras tinham um significado especial. Ao se opor aos costumes da sua época, era clara a sua consciência espiritual.

De acordo com Wolff: "Situar-se em consciência espiritual percebida com clareza significa, porém, existir "conscientemente", ideia que se contrapõe a ser governado "inconscientemente", por um inconsciente pessoal e coletivo."³⁴²

Temos na pessoa de Jesus Cristo um exemplo de vida responsável e consciente com atitudes criadoras. É um grande exemplo para os pastores que querem realmente mudança de atitudes. As palavras e atitudes de Jesus mantinham-se sempre com as suas características próprias, por isso o seu discurso incomodava. Ele tinha ponderação. De acordo com Kierkegaard, "[...] Deus, contudo, pode muito bem compreender num só olhar a humanidade inteira, e mesmo, ainda por cima, cuidar dos pardais".³⁴³

O Jesus de Nazaré – homem, puramente homem e somente homem – a revelação maior de Deus na história (humana), exerceu o seu papel de “verdadeiro” intérprete (exegeta) de Deus, e aparece na história a fim de que tivéssemos uma compreensão humana de nós mesmos. Concordamos com Drewermann, quando ele diz que:

A religião é necessária - A natureza nos produziu e deu condições de fazer perguntas para as quais a própria natureza não tem resposta. Com o ser humano, pela primeira vez apareceu no mundo algo que consegue fazer o que a própria natureza nunca faz: planejar, antecipar as conseqüências da ação e calcular qual será o resultado ao se manipular determinadas condições. Com o ser humano, a natureza produziu um ser vivo capaz de ter sentimentos como compaixão e sensibilidade e até uma espécie de direito de reivindicar da existência ser tratado de tal e tal maneira, e não de outro modo, estabelecendo assim os fundamentos da ética. [...] Acredito que a religião, falar de Deus, é necessária porque, para responder questões absolutamente humanas, precisamos de uma base que a natureza não oferece. Não faz sentido dizer que Deus planeja em lugar da natureza. Na qualidade de seres planejadores, pensantes, tão diferentes de tudo na natureza, precisamos de uma base que nos permita encontrar a nós

³⁴² WOLFF, 1994, p. 146.

³⁴³ KIERKEGAARD, 1979, p. 206.

mesmos e resistir a uma natureza que ficou tão estranha. Este é o sentido da fé em Deus.³⁴⁴

A religião cristã oferece-nos à oportunidade de refletirmos sobre essa condição: ser homem, ser mulher, ser humano, pertencer à humanidade como elemento da natureza (que não é Deus), faz parte como seres únicos-humanos. A visão melhorada que temos de Deus hoje só aconteceu a partir de Jesus de Nazaré.

A igreja como instrumento terapêutico, é ela se olhar não como instituição cheia de regras morais, mas como lugar de reunião para celebrar a vida em comunidade, compreendida como ela é em cada indivíduo diferente com as suas diferenças e seus sentimentos compreendidos no tocante às experiências humanas ditas e chamadas de pecado.

Terapêutica é colocar-se como ouvinte que ouve, só ouve. Não julga, não condena, não pune, não difama, não divulga, não fala. Compreende a humanidade do sujeito-indivíduo-assujeitado que dela participa, faz parte. Redime-se quando se sente compreendido e perdoado dos seus atos pecaminosos. A graça de Deus é manifestada através da sua justiça para com o(a) pecador(a) arrependido(a). A comunidade terapêutica que é a Igreja é aquela que propõe ao indivíduo-sujeito-assujeitado alívio dos sentimentos de culpa e perdão das faltas, quando esta compreende a sua própria humanidade, e não se fixa neles.

A oração, o ouvir, o aconselhamento pastoral, os cânticos de hinos, a comunhão, o diálogo, são recursos que criam e promovem satisfação e até curam no que diz respeito à saúde do corpo e da alma. A prioridade da Igreja deverá ser a de cuidar de todos e de todas. Um cuidado mútuo, perdoadando uns aos outros, aceitando-o a todos e todas com suas diferenças, aceitando sua humanidade, indo além, ultrapassando o ato de cultuar e de culpabilização.

³⁴⁴ DREWERMANN, Eugen. *Religião para quê?* buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Jürgen Hoeren. Tradução de Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 27.

CONCLUSÃO

Apesar de este trabalho apontar para um movimento histórico, no qual a instituição chamada Igreja Cristã está também inserida, não houve a intenção de demonstrar os elementos ideológicos, ou até mesmo alienantes, que todos sabem existir também dentro dela, mas, sim, querer compreender como a Igreja Cristã foi vítima de todo um movimento de poder, através do qual a manipulação dos saberes pôde controlar o corpo e, conseqüentemente, sua sexualidade.

Todo sujeito tem direito de exercer sua liberdade subjetivada, de forma que os elementos representados pela materialização das ideias não venham a agredir o outro-sujeito, assim como as diversas formas de demonstração da sexualidade tome forma imoral entre o EU (si mesmo) e o TU (eu do outro).

Sobre a sexualidade, existe todo um discurso proibitivo no que tange à liberdade do sujeito enquanto ser de si mesmo e não ser-do-outro, que funciona como elemento de poder-moral no controle e impedimento do outro ser Ser-livre, enquanto é o que é sujeito de si mesmo. A pergunta que se faz é uma pergunta-dinâmica: Em que momento na história do Ser a sexualidade é objeto proibido? Por que homem tem que ser homem, e mulher tem que ser mulher? Biológica e fisiologicamente, as funções do ser são refletidas nas suas ações, cujo papel é de natural homogeneidade, ou seja, é o que é, e não o que tem que ser.

A sociedade toda, sem distinção, é proibitiva. E aqui reside o discurso do saber-poder que controla e determina o ser. É, portanto, a nosso ver, a absolutização de uma verdade. Nenhum conceito objetivo existe se não pelo processo histórico concebido pelo próprio indivíduo, que faz e participa da própria história.

O ser humano é quem faz a história, a sua própria história. Ele é capaz de concretizar/materializar o mundo da subjetividade, deixando de ser criatura para tornar-se criador, o fazedor de culturas que, a partir da educação, aprendeu a fazer leitura da sua própria criação, decifrando os símbolos do seu objeto criado. A história registra os grandes movimentos que revolucionaram os séculos, e a Revolução Industrial foi um dos quais mudou profundamente a visão de mundo e a visão de ser humano. O ser humano se redescobre fazendo a extensão do seu corpo através dos

elementos criados, ou seja, ele é capaz de reelaborar a sua história. O modelo de ser humano e de mundo é determinado pela escola, quando esta objetiva o seu próprio papel dentro da sociedade, fazendo desses indivíduos cidadãos conscientes e criativos da sua própria história.

A história é o lugar onde as questões que originaram os diferentes sistemas filosóficos e até mesmo diferentes noções de subjetividades em nossa cultura se formaram, ou seja, é justamente na história onde o sujeito passa por processos de transformações, perdendo, assim, o papel de sujeito vinculado à sua verdade. Alguns temas foram fabricados num determinado momento da história e se as pessoas tivessem consciência de que possui uma liberdade e que tomam por verdadeiras, essas fabricações históricas tomariam consciência de que essas supostas verdades podem ser criticadas e destruídas.

Desde a Antiguidade, todas as religiões tinham os seus códigos, dogmas, normas, regras e leis como elementos disciplinadores dos seus fiéis. O livro sagrado, especialmente a Toráh, é constituído de leis que surgiram com o desenrolar da história de um povo que o instituiu como livro de instrução, contendo assim leis de ordem moral e ética.

Diante das questões sociais, como costumes, hábitos, modo de vida, filosofia de vida, produção cultural, etc., há, na maioria das civilizações modernas, os movimentos e manifestações sociais. Homossexualismo, pedofilia, poligamia, capitalismo do corpo (garotos e garotas de programa), sexo explícito, seja no cinema, na TV, fora a literatura nas suas diversas categorias são alguns desses exemplos. Tudo isso e muito mais são possibilidades de estender a nossa pesquisa no que se refere à sexualidade frente ao dispositivo de saber-poder que controla o corpo com seus desejos.

Uma das grandes dificuldades entre os grupos sociais é a “incapacidade” de compreender o sujeito todo e total (completo de si mesmo) no qual residem sua vontade, direitos, necessidades pessoais no tocante à fisiologia do seu corpo-órgão que funciona conforme as leis naturais, no que diz respeito ao sexo.

Escolhemos Foucault como base para o nosso trabalho, considerando-o como uma “mina” de informações históricas, desconsiderando sua exaustão. Em pouco tempo muita coisa foi dita por ele e que nos remete tanto para o passado (que

não mais existe), assim como para o futuro (que não acontecerá) e o presente, que é o viver real, momento, certeza, acontecimento, acontecer, realidade única, singular do sujeito livre-presos (que pensa liberdade).

A forma como Foucault investiga a história é que nos instigou a escrever sobre a temática da sexualidade, um “patrimônio da humanidade” muitas vezes controlada e castrada pelas instituições (formas de sociedades nas diversas culturas), fazendo acontecer durante a todo tempo na história da humanidade o poder-saber e o saber-poder sobre o corpo dos indivíduos-sujeitos asujeitados.

Ninguém morre por não praticar o sexo. Morre-se de fome, de sede, de doença, acidente, violência, suicídio. Isto é óbvio. Mas, por que tanta discussão em torno do sexo? Por que alterações de comportamento nos indivíduos que por algum motivo não praticam o sexo direto? Por que alguns decidem e optam pelo celibato religioso? São questionamentos feitos ao longo da história e que algumas sociedades institucionalizadas usam do discurso do saber-poder para estabelecer regras como princípios de manipulação da vida alheia.

Quando sentimos fome, podemos comer sem censura, sem proibição (a não ser em caso de doença e que precisa de orientação nutricional para o bem-estar da saúde física). Quando sentimos desejo de fazer sexo, ninguém deve fazer perguntas, nem justificar sua necessidade. É natural que a “fome sexual” seja um desejo biológico-fisiológico, e cabe ao necessitado extravasar ou não os seus desejos. Por que então a Igreja Cristã quer saber quem fez sexo ou não, onde, quando e com quem? Esta é a única forma de se manter o poder (poder-saber) para controlar as pessoas.

Algumas perguntas: o que tem haver religião com sexo? E o que constitui a religião para ser religião? A estas perguntas, as respostas só podem ser dadas pelo discurso que dita e estabelece as regras sistematizadas, ordenadas e que funcionarão como determinantes de poder. O que caracteriza e constitui a religião é a doutrina, o dogma, o rito, o batismo, as leis, os mandamentos, as normas, as regras, o pacto, a aliança, a fé, a homilia, o discurso-sermão. Tudo isto é guardado na história pessoal de cada um como dispositivo de poder controlador sobre aqueles que dela fazem parte. Se o indivíduo diz que se alimentou ou bebeu água, não incomoda a Igreja, mas dizer que fez ou está fazendo sexo, isto sim incomoda

porque é visto por ela como coisa feia, pecado. E isto é controlado e proibido através do discurso, também pelo discurso-sermão religioso.

Todas as questões em torno do sexo, historicamente falando, não passam de discurso vazio, pois é somente passado. O relevante é o saber-agora-atualizado, porque, segundo Foucault, o acontecimento na história-presente deve ser do seu “[...] sentido, o valor, a singularidade filosófica [...]”³⁴⁵ A sua própria razão e sentido de ser no presente é porque o passado não existe mais, está morto. O futuro não acontecerá, mas é uma forma de “ressuscitação” do que já está morto, por ser passado. É a tentativa do homem querer fazer a extensão dos seus desejos repetindo o que já não é mais em um futuro que não existe porque já é passado. O futuro não existe. O presente é o momento presente do agora vivo. Este, sim, deve ser refletido quando vem em forma de discurso “vazio” de sentido para o presente-agora-atual, ‘sua própria atualidade’.

Hoje, ainda o sexo é proibido. Por outro lado, hoje, o sexo está atualizado, mas é preciso querer refletir sobre que sentido está sendo dado a ele. O que chama a atenção é que não devemos somente criticar a história-passado, mas a contemporaneidade – atualidade que estamos construindo e vivendo, problematizando-a. O nosso objetivo não é buscar no passado o modelo ideal para a interpretação do presente, mas simplesmente indicar quais as alternativas interpretativas que herdamos para, a partir daí, pensar a nossa própria história. A nossa experiência deve contribuir para que nós sejamos um diagnosticador da história, a fim de podermos alertar, como voz “profética”, situações diversas, tanto na sociedade como nos indivíduos, com as suas particularidades.

Diante desse contexto, não se faz mais necessário saber as condições que legitimam um conhecimento verdadeiro das coisas, mas descobrir realmente o que somos nós, sujeitos modernos do conhecimento, o que foi feito para sermos o que somos. Só assim, a partir desses questionamentos, é possível contestar aquilo que tomamos como verdadeiro.

O ser humano é movido essencialmente pela sua busca incessante do saber: é a sua necessidade. Ele procura por objetos que sejam capazes de

³⁴⁵ FOUCAULT *apud* BARBOSA, Elyana. Foucault, a filosofia e o pensamento da atualidade. In: *Ideação*: Revista do núcleo interdisciplinar de estudos e pesquisas filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, vol. 1, n. 1, 1997. p. 193-201.

satisfazer suas necessidades imediatas. Esses objetos são múltiplos, delineados pela realidade que não é por essência uma, mas diversa. A Igreja Cristã é uma instituição, assim como o sexo e a sexualidade. Esta é a questão. É aqui que, ao se proibir, moralizou-se, perdeu-se sua essência. A Igreja Cristã fora do que se foi instaurado desde o princípio é que nos convidou a refletir sobre a sua ideologia-moralista.

Mas a Igreja Cristã, como instrumento de Deus para as realizações subjetivo-espirituais dos que dela fazem parte, deve primar pelo óbvio, correto, ético, saudável, responsável, disciplinado, espiritual. Como Igreja, ela não deve confundir liberdade com libertinagem. Liberdade sem senso de disciplina é irresponsabilidade. Mesmo olhando para a historicidade na qual também a Igreja Cristã está inserida, ela deve apresentar-se como aquela que tem identidade própria, diferente. Mesmo contendo nela pessoas diferentes com suas diferenças, ela é luz para os pecadores, destituídos da glória celeste, destituídos de tudo que é ético. Segundo Ramirez³⁴⁶, “Temos um Deus (pai) que nos aceita como nós somos e nos oferece uma vida plena, como a melhor terapia para vida em meio à humanidade.” [sic]

Segundo o apóstolo São Paulo, “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”.³⁴⁷ Esse tipo de pensamento paulino é abraçado radicalmente pela religião cristã do seu tempo. Daí termos como resultado as experiências vividas a partir dos ensinamentos de um homem chamado Jesus de Nazaré e que, uma vez interpretados pelos seus discípulos, foram escritos e posteriormente organizados de forma didática, oferecendo, assim, concepções totalmente pedagógicas, para serem seguidas como códigos de ética e de moral.

A compreensão dos atos e comportamentos dos grupos sociais dependerá do conhecimento que se tem da cultura de cada grupo no tocante ao sexo (preservação da vida – espécie) sem subestimar a sexualidade dos indivíduos per si. A partir de uma investigação teológica pastoral, investigou-se como se constituiu a experiência em que os indivíduos se reconhecem como sujeitos de uma sexualidade articulada por sistema de regras e coerções, nos quais os mecanismos estratégicos e funcionais fizeram dos indivíduos um instrumento de fácil controle.

³⁴⁶ RAMÍREZ, 2008, p. 11. [sic]. Acréscimo do autor deste trabalho.

³⁴⁷ I Coríntios 6:12.

A questão central sobre a sexualidade é tudo o que está relacionado com as suas práticas, ou seja, modo de vida de cada sujeito, como elemento procriador e preservador da vida – espécie humana – embora encontre nele (sexo) o prazer, como objeto significativo da própria vida. Desta forma, não deve ser visto como mero ato pecaminoso, mas dádiva da natureza.

Compreender a noção de poder segundo Foucault é significativo para refletir sobre a sexualidade reprimida nas instituições religiosas, especialmente as Igrejas que se esmeram no moralismo e se escondem no poder ideológico como sistema disciplinar e de controle. Segundo Foucault³⁴⁸, o poder deve ser pensado em termos de intencionalidade que aponte para o alvo com objetividade e especificidade, utilizando-se das técnicas de modo que a eficácia atinja o objeto-sujeito-indivíduo-Sociedade. Ora, pensar a sexualidade como objeto de domínio, só se pode conhecê-lo a partir de um ponto: relações de poder. “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada.”³⁴⁹

Como o pastor é conhecedor também das Ciências (psicologia pastoral / aconselhamento pastoral), cabe-lhe um maior investimento no conhecimento do que significa ser também terapeuta. Aquele que irá olhar por cima do ombro a queixa da sua “ovelha” e, numa suspeita-diagnóstica, dirigir-lhes a devida orientação, ensinando-a a se livrar principalmente do sentimento de culpa, ou seja, da culpa real, existencial e neurótica. Ensinando-lhe através da doutrina do perdão, a fim de que ela, a ovelha, ‘se veja’ e se sinta envolvida com a Graça de Deus, não se colocando como aquela que lhe executa a si mesma a inabilidade da Graça de Deus. Mas, infelizmente avançamos demasiadamente em tecnologias e ao mesmo tempo regredimos e assumimos uma postura não selvagem como animais irracionais, mas como seres que perderam a noção da dignidade humana.

Perguntamos: O que somos realmente, tempo em que não compreendemos o outro? Somos seres pensantes. Pensamos sobre as coisas passadas, projetamos nosso futuro(!), resolvemos problemas, criamos, sonhamos, fantasiamos, somos até capazes de pensar sobre nós mesmos, isto é, somos capazes de nos tornar objetos da nossa própria investigação. Fazemos ciência, poesia, música, construímos

³⁴⁸ FOUCAULT, 1988, p. 12-17.

³⁴⁹ FOUCAULT, 1988, p. 12.

máquinas incríveis, transformamos o mundo em símbolos e códigos, criando a linguagem que nos permite a comunicação e o pensamento. Não há dúvida de que somos uma incrível espécie de seres que, através do sexo – ‘nosso de cada um’ –, imprimimos no/a outro/outra a marca da nossa existência de ser o que devemos ser somente: Humanos – puramente humanos – com direitos e deveres.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

A BÍBLIA Sagrada. Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

ADORNO, Francesco Paolo. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: Frédéric Gros (Org.) *Foucault: A coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.

ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.

ALLPORT, W. *Personalidade: padrão e desenvolvimento*. São Paulo: Editora da USP, 1973.

BACH, Augusto. Razão e história no pensamento de Michel Foucault. *Revista Tempo da Ciência*. (13) 25: 57-70. 1º semestre. 2006.

BARBOSA, Elyana. Foucault, a filosofia e o pensamento da atualidade. In: *IDEAÇÃO*. Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, v.1, n.1 p. 193-201, 1997.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Tradução Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BERGESCH, Karen. *Violência contra a mulher: uma perspectiva foucaultiana*. In: STRÖHER, Marga J. (Org.) *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBl, 2004. p.197-208.

BONATO, Nilda Marinho da Costa. *Pesquisas em Educação/ Organização Guaracira Gouvêa... [et al.]*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

BOFF, Leonardo. *Brasa sob cinzas: estórias do anticotidiano*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOFF, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRANCO, Guilherme Castelo. Foucault em três tempos: a subjetividade na arqueologia do saber. *Mente, Cérebro e Filosofia*, São Paulo, n. 6, p. 5-98, 2007.

BROWN, Colin. *Filosofia e fé cristã*. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983.

BRUNNER, Emil. *O equívoco sobre a igreja*. Tradução Paulo Arantes. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.

CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e sexualidade: instinto, cultura e revelação*. 2. ed. São Paulo: Temática; CEBEP, 1992.

CHALITA, Gabriel. *Vivendo a filosofia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COBB, John B. Júnior. Homossexualidade e bíblia. In: PROENÇA, Eduardo de. (Org.). *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008. p. 35-50.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DREWERMANN, Eugen. *Religião para quê?: buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Em diálogo com Jurgen Hoeren / Eugen Drewermann*. Tradução Walter Schlupp. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

EVANS, Abigail Rian. *O ministério terapêutico da Igreja: programas práticos para Ministério de Saúde*. Tradução Raimundo César Barreto Jr. São Paulo: Loyola, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. FERREIRA, Marina Baird (Coord.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FILME A VIDA no paraíso. Direção de Kay Pollak. Produção de Andres Birkeland e Goeran Lindstroem. Suécia: Sonet Film, 2004. 1 DVD (132 min.), color.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos*. v. IV Tradução Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimar, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Giulhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Tradução e Organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria, psicanálise*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramallete. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARDNER, E. Clinton. *Fé bíblica e ética social*. Tradução Francisco Penha Alves. São Paulo: ASTE, 1965.

GEISLER, Norman L. *Ética cristã: alternativas e questões contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2001.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão pelo paradoxo: uma introdução aos estudos de Sören Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Novo Século, 2000.

GROS, Frédéric (Org.). *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

GUEDES, Rivanildo Segundo. *Uma igreja com a nossa cara*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

IDEAÇÃO. Revista do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Filosóficas da Universidade Estadual de Feira de Santana – vol. 1, n.1 (1997) – Feira de Santana – UEFS, NEF, 1997 – V semestral.

JENNINGS, Theodore W. Reflexão teológica sobre homossexualidade e fé cristã. In: PROENÇA, Eduardo de (Org.) *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

KIERKEGAARD, Sören Aaby. *O desespero humano: doença até a morte*. Tradução Adolfo Casais Monteiro. 6. ed. Porto: Tavares Martins, 1979.

KÜNG, Hans. *Freud e a questão da religião*. Tradução Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus, 2006.

LEÓN, Jorge A. *Introdução à psicologia pastoral*. Tradução Ruth Maria Maestre. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

LESLIE, Robert C. *Jesus e a logoterapia: O ministério de Jesus interpretado à luz da psicoterapia de Viktor Frankl*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2013.

LÓPEZ, Maricel Mena. *Corpos (i)maculados: um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas*. In:

STRÖHER, J. Marga (Org.) *Á flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CBI, 2004.

MERTON, Thomas. *Homem algum é uma ilha*. Tradução Timóteo Amoroso Anastácio. Campinas: Verus Editora, 2003.

MONDIN, Batista. *Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*. Tradução J. Renard. São Paulo: Paulinas, 1980.

MUSSKOPF, André Sidnei. Além do arco-íris: corpo e corporeidade a partir de 1Co 12.12-27 com acercamentos do ponto de vista da Teologia Gay. In: STRÖHER, Marga J. (Org.) *Á flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

NEVES, António Castanheira. *O direito hoje e com que sentido? O problema actual da autonomia do direito*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: Um escrito polêmico*. Tradução Paulo Cesar Souza. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

NUNES, Jone. *As manifestações pentecostais nas igrejas batistas: uma questão de identidade*. 2001. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Teologia e História) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2001.

PRADEAU, Jean-François. O sujeito antigo de uma ética moderna: Acerca dos exercícios espirituais antigos na história da sexualidade de Michel Foucault. In: Frédéric Gros (Org.). *Foucault: A coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

PROENÇA, Eduardo de (Org.). *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

RAMÍREZ, Vladimir Pérez. *Reconciliação e perdão: segundo os ensinamentos de Anselm Grün*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2008.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução Vera Pita Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RAJCHMAN, John. *Foucault: a liberdade da filosofia*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ROSA, Merval. *O ministro evangélico: sua identidade e integridade*. Duque de Caxias: Associação Fluminense de Educação, 1982.

ROSA, Merval. *Psicologia da religião*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: OS PENSADORES. Tradução de Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SNOEK, Jaime. *A sexualidade humana: ensaio de ética sexual*. São Paulo: Paulinas, 1981.

STRÖHER, J. Marga (Org.). *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

STRÖHER, Marga J. Corpos, poderes e sabers nas primeiras comunidades cristãs: uma aproximação a partir das “Cartas Pastorais”. In: STRÖHER, Marga J. (Org.). *À flor da pele: ensaio sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2004.

TILLICH, Paul. *Teologia da cultura*. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. Foucault pensando a religião. *Mneme* – Revista Virtual de Humanidades. Dossiê História Cultural, v. 5, n. 10, abr/jun. p. 1-13, 2004. Disponível em: <<http://www.seol.com.br/mneme>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

WESTHELLE, Vítor. Outros saberes. Teologia e ciência na modernidade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, ano 35, n.1, p. 258-278, 1995.

WINK, Walter. Perspectivas bíblicas sobre homossexualidade. In: PROENÇA, Eduardo de (Org.) *Homossexualidade: perspectivas cristãs*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.

WOLFF, Hanna. *Jesus na perspectiva da psicologia profunda*. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulinas, 1994.